

# O PROLETÁRIO

N.º  
42

Uma Publicação mensal de Proletários Marxistas  
Não aceitamos que a burguesia nos financie. Por isso se faz necessário a cobrança de R\$ 3,00  
(três real) para o custeio desta publicação especial do jornal

## PROLETÁRIO ESPECIAL PRÉ-CONFERÊNCIA INTERNACIONAL

NESTA EDIÇÃO:

|  |              |
|--|--------------|
| Pré-Conferência Internacional<br>Dias 10 e 11 de julho de 2004   | <b>02/65</b> |
| As Frações e a Quarta Internacional – Leon Trotsky   | <b>65/67</b> |
| Reforma Sindical e Trabalhista   | <b>68/70</b> |
| Deliberações da Plenária do Comitê Nacional de Luta Direta   | <b>71</b>    |
| Adquiram a Resolução Política do 6.º Congresso do POM<br>Vejam: Como os estados capitalistas, diante da prolongada crise de superprodução, caminham para barbárie, assumindo o pré-fascismo. |              |

Escreva para o Jornal *O Proletário*  
Caixa Postal n.º 140  
CEP 09910-970, Diadema, São Paulo

Venham para os cursinhos de Marxismo.  
Informem-se!

Só com consciência de classe (construção de um Partido Revolucionário), com a tomada das fábricas e terras das mãos da burguesia, passando-as para as mãos dos trabalhadores, teremos os problemas do campo, moradia, emprego, salário e condições de vida resolvidos.

## Pré Conferência Internacional dos Trotskistas Principistas e Organizações Operárias Revolucionárias

**10 e 11 de Julho de 2004 das 9:00 às 18:00 horas aqui no Brasil.**

– R. Dona Maria Aparecida dos Santos, N° 50 – Vila Nova conceição – Bairro Serraria, Diadema- SP.

Chamamos as Organizações Trotskistas e Organizações Revolucionárias Internacionalistas Brasileiras a cerrarem fileiras em prol da Conferência Internacional participando da Pré Conferência preparatória da Delegação Brasileira, bem como da discussão dos 21 pontos de princípios iniciais programáticos, podendo para isto aderir aos mesmos, com ressalvas em parte, ou mesmo adendos ou supressão, desde que, por escrito para propiciar o debate público, para possível incorporação às condições e a concordância em resolver as pendências na própria Pré Conferência ou no Comitê Paritário Internacional formado por todas as Organizações aderentes, bastando mandar e-mail para o endereço: conferbrasil@uol.com.br, ou em contato direto com os organizadores, deixando claro as divergências, endereço para contato e a disposição de incorporar ao Comitê Paritário Brasileiro e Internacional.

- POM
- Coletivo Comunista Revolucionário
- Militantes Independentes

Faz parte desta Convocatória:

- I) Os 21 pontos iniciais de princípios e programas acordados pelo Coletivo por uma Conferência Internacional dos Trotskistas Principistas e das Organizações Operárias Revolucionárias Internacionalistas.
- II) Posição da TQI - POR Argentino e Fração Trotskista Brasileira sobre os 21 pontos.
- III) Posições do POM Brasil sobre os 21 pontos
- IV) Posições do Coletivo Comunista Revolucionário Brasil sobre os 21 pontos

Transcrevemos pela ordem:

I) - Em Argentina em 2001 se organizou o COTP-CI (Comitê Organizador del Trotskismo Principista - Quarta Internacional) estando integrado por GOI-CI de Chile e LOI-ci de Argentina

Sob a base de 21 pontos iniciais de princípios e

programas o Coletivo desses agrupamentos vem atuando pela realização da Conferência Internacional.

### Os 21 pontos iniciais do COTP-QI

#### Anexo I

Convocamos a uma Conferência Internacional, da qual poderão participar todas as correntes, grupos, frações, militantes que estejam pelos seguintes pontos de princípios e \*programáticos:

1. Todos tipos de pseudoteorias foram aceitas ou inventadas pelos revisionistas para explicar que o capitalismo decadente teria encontrado a forma de superar as crises e de desenvolver ilimitadamente as forças produtivas: “revolução científica e técnica”, “capitalismo monopolista de Estado”, “neocapitalismo”, “economia de armamento permanente”, “globalização neoliberal”, “nova economia”. Contra todas estas elucubrações, afirmamos que faz muito tempo, o capitalismo esgotou seu papel progressista: o imperialismo é reação em toda a linha. A contra-ofensiva imperialista atual e a guerra contra o Iraque são a resposta deste sistema capitalista agônico que, em sua fase imperialista, incapaz de superar a estreiteza das fronteiras nacionais, sobrevive explorando ferozmente os assalariados, separando da produção milhões de trabalhadores condenados à miséria, submetendo a maior parte do planeta ao subdesenvolvimento, à dívida e à dominação, destroem os recursos naturais, destruindo forças produtivas sob a forma de crises econômicas e guerras, voltando-se cada vez mais parasitário e destruidor e ameaçando em destruir a civilização humana.

2. Todas as potências imperialistas, na fase atual de crise e crac recorrentes da economia mundial – que desde 1997, e em sucessivas rondas, golpeou a Ásia e o Japão, o Brasil e a Rússia, a Argentina e Turquia, e que chegou ao coração mesmo do próprio Estados Unidos–, precisam imperiosamente fontes de matérias primas baratas, mão de obra escrava ou reservatórios da mesma, para aumentar os ganhos com a exploração do mundo colonial e semicolonial, com o qual o imperialismo, junto a explorar mais a sua própria classe operária, procura sair da crise atual aumentando a taxa de lucro. A atual ofensiva colonizadora do imperialismo norte-americano é também uma nova partilha do mundo em detrimento das potências imperialistas de segunda ou terceira ordem. A segunda guerra contra o Irã que, levada pelo EUA e pela Grã-Bretanha, pese à oposição de França e Alemanha, ilustra o agudização inevitável das rivalidades entre os imperialismos. Se a revolução proletária não o impede, o capitalismo levará a humanidade a novas carnificinas mundiais, superiores às duas que assistimos no século XX.

3. Estamos na trincheira militar de toda nação oprimida atacada pelo imperialismo, por sua vitória militar e pela derrota militar do imperialismo, mas lutamos por uma direção proletária da guerra nacional, antiimperialista, que a transforme no início da revolução socialista, no país agredido e no seio da nação imperialista agressora. Proclamamos a quem nos queira escutar, que não é revolucionário nem antiimperialista todo

aquele que nos países imperialistas não esteja incondicionalmente pela derrota de seu próprio imperialismo, e pelo triunfo da classe operária e das nações oprimidas por esse mesmo imperialismo. Chamamos à classe operária norte-americana, hoje amarrada pela política nacional-patriota da AFL-CIO, à classe operária do Japão e da Europa, a lutar para romper a subordinação das organizações operárias com a burguesia imperialista e a lutar contra ela, aliando-se com seus irmãos de classe dos países semicoloniais e coloniais, lutando pelo derrocamento de sua própria burguesia imperialista, de seu governo e seu regime, no caminho da revolução socialista.

4. Chamamos a combater a utopia de uma Europa capitalista unificada, e chamamos à classe operária europeia a levantar a luta para derrotar a monarquia e o governo reacionário de Aznar na Espanha, a V república gaullista francesa e o governo antioperário e imperialista da Alemanha unificada, a monarquia e o governo imperialista de Tony Blair na Grã-Bretanha, etc. É dizer, chamamos ao combate para derrotar os governos e os regimes das potências imperialistas, para derrotar a burguesia, demolir o estado burguês e impor a ditadura do proletariado nesses países, abrindo o caminho aos Estados Unidos Socialistas de Europa.

5. Reafirmamos a vigência do programa da Revolução Permanente contra a política da "frente única antiimperialista" refutada desde a tragédia da revolução chinesa de 1927. Impulsionamos a mais ampla unidade de ação antiimperialista que signifique ainda que mais não seja um pequeno passo adiante da classe operária e os explorados em sua luta contra o imperialismo, mas mantendo sempre a mais absoluta independência e uma firme oposição e intransigência ante toda corrente burguesa, esteja na oposição ou no governo. Todas as burguesias semicoloniais são necessariamente pró-imperialistas. Como sócias menores do imperialismo podem chegar a pechinchar a mais valia extraída dos trabalhadores de seus países, mas por sua condição de classe exploradora temem mais o início da revolução proletária que o triunfo do agressor imperialista. O nacionalismo burguês e pequeno-burguês, laico ou clerical, entrega permanentemente a luta nacional ante o imperialismo e mantém o proletariado e os povos sob a exploração capitalista. Lutamos pelo

derrocamento da burguesia e a imposição de um governo operário e camponês, já que a única classe que pode libertar a nação oprimida do imperialismo é a classe operária, acaudilhando os camponeses e a todas as massas exploradas e oprimidas.

6. Denunciamos a rendição da burguesia iraquiana e da casta de oficiais antioperária de Saddam e sua Guarda Republicana ante os agressores imperialistas, que entregaram assim a guerra nacional do povo iraquiano e a luta antiimperialista das massas de todo Oriente Médio, enquanto hoje os restos do partido nacionalista burguês Baath se declaram prontos a colaborar com os ocupantes ianques e britânicos. Denunciamos as direções nacionalistas burguesas do povo curdo oprimido, que se aliaram aos invasores ianques e britânicos em sua guerra de colonialista contra o Iraque, quem não farão mais do que aprofundar a opressão e esmagar toda luta desse povo por seu legítimo direito à autodeterminação nacional, inclusive seu direito à separação do Iraque, da Turquia, da Síria e do Irã. Denunciamos os governos e

regimes das burguesias árabes e persas do Oriente Médio que se mantiveram "neutras" frente à guerra contra o Iraque, negando-se a constituir, contra a coalizão militar imperialista, uma coalizão de todas as nações oprimidas do Oriente Médio, para enviar suas armas, munições, suprimentos e seus exércitos a combater o imperialismo no Iraque.

7. Denunciamos a burguesia palestina e a sua expressão política a OLP de Arafat, que entregaram a luta revolucionária do povo palestino e se ajoelham ante o imperialismo, ante o plano de "dois estados" da ONU e ante o sionismo. A burguesia palestina pretende administrar um remedo de estado como agente dos imperialismos, traficando com o sangue do povo martirizado.

Declaramos guerra a todas as direções traidoras e aos renegados do trotskismo que sustentam o Estado sionista de Israel apoiando a política contra-revolucionária de dois "estados" da ONU e dos imperialistas. Lutamos pela destruição do Estado de Israel, e por um Estado palestino laico, democrático e não racista sob um governo operário e camponês no caminho de conquistar uma Federação de Repúblicas Socialistas do Oriente Médio.

8. Denunciamos Chávez e seu Movimento Bolivariano burguês que entregam a luta antiimperialista das massas venezuelanas. Chávez, numa mesa de negociação com EE.UU., com governos como o de Lula e "mensageiros da democracia" como Carter e Alfonsín, assinou um acordo pelo qual se entrega à reação imperialista e golpista, o que estas não puderam conquistar nas ruas em

suas duas intencões contra-revolucionárias.

Denunciamos também que na Bolívia, a COB, Quispe e Morales – dirigente do FSM –, deram trégua ao governo assassino de Sánchez de Lozada e impediram que a classe operária e os camponeses levassem ao triunfo o levantamento que tinham iniciado em fevereiro último. Na Colômbia, faz muitos anos, as tréguas e os pactos das FARC com os sucessivos governos genocidas desse país, isolaram a guerra camponesa no campo e por sua vez, deixaram livres a própria sorte o proletariado das cidades frente aos fascistas e "esquadrões da morte". Ao mesmo tempo, a direção stalinista das FARC nega-se a expropriar um só poço de petróleo, nem um milímetro de terra nos territórios que controla. Abaixo as tréguas e os pactos! Pela independência das organizações operárias dos regimes, governos e das burguesias sipaias! Só desde a estratégia proletária poderá pôr-se em pé um movimento operário e camponês latino-americano que, em unidade com seus irmãos de classe, os trabalhadores norte-americanos, lute para pôr fim à ignomínia e à escravatura no "quintal" dos imperialistas ianques.

Desde esta perspectiva, fazemos nosso o grito de fora ianques de Cuba, do Equador, de Porto Rico, da Colômbia e toda América Latina! Fora as potências imperialistas europeias tão chupa-sangue e espoliadoras dos povos latino-americanos como o amo ianque! Fora ingleses das Malvinas! ¡Por uma Federação das Repúblicas Socialistas da América Latina!

9. Chamamos à classe operária russa para que retome o caminho dos operários, soldados e camponeses vermelhos que em outubro de 1917 impuseram a primeira república operária e socialista triunfante. A luta pela restauração da ditadura revolucionária do proletariado nos

territórios da ex-URSS é também uma tarefa do proletariado europeu e mundial. Enfrentamos os Kim Song Il de Coreia do Norte, Fidel Castro e a burocracia restauracionista cubana, e os novos burgueses restauracionistas chineses, que têm idealizado a pseudoteoria reacionária e antioperária do "socialismo de mercado" que, como demonstra a brutal exploração da classe operária chinesa, o avanço das medidas restauracionistas em Cuba e a submissão da classe operária argentina, é a política contra-revolucionária do Fórum Social Mundial para pôr a classe operária de joelhos ante os capitalistas. Ao mesmo tempo, no caso dos Estados operários burocráticos que ainda subsistem à beira da agonia, os defendemos incondicionalmente ante o imperialismo, enquanto lutamos para pôr em pé soviets operários e camponeses e pelo derrocamento das burocracias que se preparam em consumir a restauração do capitalismo nesses Estados.

10. Declaramos guerra a todas as direções penduradas às saias da burguesia, a sua política de colaboração de classes e suas "frentes populares". A história demonstrou uma e outra vez que o caminho da conciliação de interesses entre os capitalistas e os trabalhadores é o caminho da derrota e o massacre das massas. Não existe possibilidade de melhoramento da situação do proletariado mundial em seu conjunto nem libertação de classe alguma pelo método da submissão aos interesses de qualquer facção dos exploradores.

11. Denunciamos e enfrentamos todos os serviços da ONU, incluindo a maioria dos renegados do trotskismo que se ajoelharam ante ela seguindo a sua nova dirigente Gladys Marín do traidor stalinismo chileno, secretária geral da Conferência dos Partidos Comunistas da América Latina que se reúne duas vezes por ano, e porta-voz de Fidel Castro, o entregador da revolução chilena de 1973, da revolução centro-americana nos 1980, e que agora viajou à Argentina para sustentar a Kirchner e tentar entregar também essa revolução. Fidel Castro e sua porta-voz Gladys Marín, pontais do Fórum Social Mundial, declararam que "Outro mundo é possível" sem expropriar os capitalistas, com a continuidade da exploração da classe operária, chamando a "distribuir a riqueza" como vulgares democratas liberais, e da mão dessa cova de bandidos imperialistas que é a ONU. A mesma ONU que aprovou a primeira guerra contra o Iraque e o bloqueio genocida e que hoje tenta voltar ao Iraque para defender os interesses dos imperialistas franceses e alemães, a que em 1948 consagrou a ocupação de Palestina e a criação do Estado de Israel e hoje sustenta o massacre sionista contra esse povo com sua política de dois "Estados"; a que impulsionou e apoiou a guerra contra Coreia em 1950, etc.

12. Proclamamos que, como o pôs ao vermelho vivo a revolução argentina, o eixo de todo programa revolucionário, numa situação pre-revolucionária ou revolucionária, deve ser articulado ao redor de desenvolver, estender, centralizar e armar os organismos de democracia direta e autodeterminação das massas que como as assembleias populares, as fábricas tomadas, as comissões internas das fábricas arrebatadas à burocracia sindical e o movimento piqueteiro, expressavam

a tendência das massas em estabelecer um regime de duplo poder. Quer dizer que, quando começa uma revolução, o que não luta pelo poder e pela perspectiva da ditadura do proletariado, é um vil servente do estado burguês. Por isso no Congresso do COTP-QI levantamos

o grito de "Por um governo da Terceira Assembléia Nacional de trabalhadores ocupados, desocupados e assembleias populares, com seus organismos de auto-defesa!"

13. Chamamos a combater abertamente o pacifismo que infecciona a consciência da classe operária, como assim também nos opomos à política pequeno-burguesa do terrorismo individual que se isola das massas numa luta impotente e, ademais, separa as massas das armas. O levantamento da classe operária e dos camponeses bolivianos, seu grito de "Fuzil, metralha, Bolívia não se cala", marca o caminho para a conquista do armamento do proletariado. São as direções burguesas e contra-revolucionárias as que impedem o armamento do proletariado, o caminho à milícia operária e à destruição da polícia e da casta de oficiais das forças armadas burguesas. Assim mostrou a Palestina, onde é Arafat e a direção burguesa da OLP, junto ao Hamas e Hizbolah, os que impedem o armamento generalizado do povo palestino e o entregam ao massacre a mãos de Sharon e seu exército genocida. Nada disto nos impede defender contra a repressão a todo lutador antiimperialista e exige a liberdade incondicional de todos os presos antiimperialistas do mundo.

14. Enfrentamos em todas partes as burocracias de toda pelagem das organizações operárias, compradas e corrompidas pelo grande capital, a burocracia sindical nacionalista burguesa, social-democrata e stalinista corrompida pelo Estado que submete os trabalhadores a seus interesses de camarilha e aos interesses da burguesia e do imperialismo, as direções das organizações de piqueteiros que submetem a classe obreira argentina hoje contida por migalhas de mendicância administradas pelo reformismo e que, junto à burocracia sindical, impedem a unidade dos trabalhadores empregados e desempregados e dividem as fileiras operárias. Os sindicatos, que nasceram para a defesa dos interesses econômicos dos trabalhadores, foram convertidos pela burocracia sindical, cuja base real é a aristocracia operária, cada vez mais, através de muitas décadas, em aparelhos encarregados de submeter os trabalhadores à burguesia e seu Estado em proveito dessa burocracia, colaborando com a redobrada pauperização operária. Nós trotskistas lutamos nos sindicatos para eliminar sua burocracia, conquistar a democracia operária, e afirmamos que isto não é possível sem lutar pela total independência das organizações operárias do Estado burguês que as estatiza e as corrompe. Lutamos

para impor a democracia operária através dos comitês de fábrica, dos piquetes de greve, para renovar as direções dos sindicatos propondo resolutamente nos momentos críticos dirigentes combativos, e para conquistar uma direção revolucionária dos sindicatos.

15. Proclamamos que todo povo que colabora em oprimir a outro está impossibilitado de liberar-se a si mesmo. As burguesias imperialistas exercem uma opressão colonial contra os restos de seu império colonial (Porto Rico, Irlanda do Norte, Martinica, Guadalupe, Nova Caledônia...) e ocupam novamente países dominados (Bósnia, Afeganistão, Iraque.). Estamos pela independência de todos os protetorados e de todas as colônias. Numerosos povos são mantidos pela violência no seio do Estado burguês a mãos de um povo dominante (basco, curdos, kabyles, tameses) Estamos categoricamente do lado da nação chechena oprimida e agredida, contra o genocídio que padece a mãos das tropas do exército branco contra-revolucionário de Putin e da burguesia russa, agente do imperialismo. Estamos pelo direito à autodeterminação nacional dos povos oprimidos, incluindo o direito a separar-se se assim o desejam. Em nenhum caso nos adaptamos ao nacionalismo pequeno-burguês ou burguês. Só o reconhecimento do direito à autodeterminação dos povos oprimidos assegura a unidade do proletariado. Pela mesma razão, pronunciamonos pela liberdade de circulação e de residência dos trabalhadores, pela completa igualdade dos direitos dos proletários.

16. Reafirmamos a vigência do leninismo-trotskismo, do programa da IV Internacional, como continuidade dessa escola de estratégia revolucionária que foi a III Internacional de Lênin e Trotsky. É dessa localização estratégica que chamamos a todas as correntes que dizem lutar pelos interesses da classe operária, para que rompam com a burguesia e iniciem a luta pelo poder baseado nos organismos de autodeterminação e armamento das massas. No processo deste combate, estaremos dispostos a desenvolver toda frente única ou unidade de ação com toda corrente operária que esteja disposta a dar ainda que seja um passo para diante para que avance nossa classe. Mas como diria Lênin, estamos dispostos a golpear juntos, mas marchamos separados: antes, durante e depois não cessaremos em nossa crítica às direções reformistas que se vêm obrigadas a deixar seus luxuosos escritórios e pôr-se à cabeça da ação das massas.

17. O reformismo social-democrata e stalinista envenena os trabalhadores com a pretensão da reforma do Estado capitalista. Serve aos planos da burguesia desde os aparelhos políticos e sindicais, alia-se com ela por uma "democracia participativa" ou "popular" e administra lealmente seu Estado para impedir a revolução proletária. Social-democratas e stalinistas são traidores comprados pelo inimigo capitalista.

18. O centrismo pseudotrotskista falou de revolução durante cinquenta anos enquanto na prática se subordinava aos aparelhos reformistas. A QI-SU pablista, a QI-AIT lambertista, a LIT, a UIT, o MAS e o CITO morénistas, a UCI-O hardysta, a TSI cliffista, o CIT ou

Socialist Appeal - O Militante grantistas, o MRQI altamirista, o POR lorista, etc., representam a claudicação e passou em sua grande maioria ao campo do reformismo.

19. A social-democracia, o stalinismo e as burocracias sindicais liquidaram os mais elementares princípios e moral de classe. Os centristas, revisionistas e liquidadores da IV Internacional os seguem neste caminho. O proletariado tem sede de franqueza, de honestidade, de devoção, da mais ampla democracia operária. Para discutir, para resolver e para atuar, os trabalhadores e a juventude devem desterrar das organizações operárias o método introduzido por estas direções que tentam dirimir ou acalmar as diferenças políticas ao interior do movimento operário mediante a calúnia, as amalgamas, e a violência física.

20. Afirmamos que o século XXI começa como terminou o XX, como uma época de crise, guerras e revoluções, pondo de manifesto todos os rasgos do capitalismo em decomposição. Contra todos os revisionistas do trotskismo que querem descarregar sobre as massas a responsabilidade das derrotas sofridas e ocultar suas próprias capitulações e traições dizendo que o problema é a "crise de subjetividade" das massas, o "atraso de sua consciência", afirmamos que o começo do século XXI confirma a premissa central do programa da Internacional Comunista e do da IV Internacional: sem revolução social no próximo período histórico, toda a civilização humana está ameaçada por uma catástrofe. Tudo depende do proletariado, quer dizer, em primeiro lugar, de sua vanguarda revolucionária: a crise histórica da humanidade se reduz à crise de direção revolucionária.

21. Os convocantes a esta Conferência internacional nos pronunciamos sobre a necessidade, para os núcleos revolucionários e internacionalistas, de construir partidos operários revolucionários e o partido mundial da revolução socialista, a partir das forças que se decantaram da luta das massas. Com tais organizações, a insurreição proletária poderá ganhar, a revolução mundial poderá triunfar, o socialismo poderá desenvolver-se.

II)

▪ **Posição da TQI POR Argentino e Fração Trotskista Brasileira**

**ANEXO II**

**Posicionamento da Tendência Quarta Internacionalista ante a "Convocação a uma Conferência Internacional dos trotskistas principis-**

## tas e as organizações operárias revolucionárias internacionalistas"

Este "coletivo" está integrado por Luta Marxista (Peru), Grupo Bolchevique (França), Grupo Comunista Operário (Nova Zelândia), Grupo Operário Internacionalista (Chile) e a Liga Operária Internacionalista (Argentina). Ultimamente se estariam somando outros grupos, entre os quais se destaca Poder Operário da Bolívia. O documento convocante a citada Conferência (que data de agosto de 2003), tem duas partes:

a) uma introdução que enquadra a convocação no contexto da situação internacional atual.

b) um texto de 21 pontos de acordos programáticos.

Nossa TQI participou de uma reunião especial (meados de dezembro de 2003) com o referido Coletivo, representada por dois camaradas da direção da seção argentina. Produziu-se um frondoso intercâmbio de materiais, fez-se um fraternal debate, e se conformou um Comitê Coordenador, o qual além de instrumentar atividades comuns em concreto, organize a discussão escrita sobre a base do já entregue por cada organização. Para cumprir com este objetivo prioritário, temos de usar um método polêmico rigoroso: tomaremos como base para nossa crítica ao documento convocante para a Conferência, bem que nos parece enriquecedor recorrer aos diversos materiais e cartas contidos na citada bibliografia, como recurso clarificador adicional de nossos posicionamentos.

Desde já, parece-nos que estamos nos umbrais de um debate com altura, que permita elevar politicamente o entendimento e a consciência daquela vanguarda que se interesse pelo mesmo.

Assim mesmo, já acordamos com os camaradas do "Coletivo" que se trata de avançar na discussão clarificadora, mas também no terreno da ação política comum ante cada fato concreto da luta de classes. Debate e ação não estão divorciados, e é por isto que nos parece fundamental expor com toda clareza nossos pontos de vista.

### I - Quarta, Quinta ou algébrica, que internacional há que pôr em pé?

A "numeração da internacional" não pode referir-se tão só a que "...sua teoria e programa mantêm total vigência e atualidade e passaram à prova da história" (referindo-nos à Quarta Internacional), senão a que inclusive aqueles que têm desandado e revisado seus princípios (o centrismo), não jogaram um papel decisivo na luta de classes que permita equipará-los ao papel da social-democracia na 1ª Guerra Mundial, ou do stalinismo na década do 30 com respeito à III Internacional.

O caráter **contra-revolucionário** da II Internacional e da III Internacional a partir dessas provas concretas da luta de classes decorreu de seu **papel dirigente de poderosas organizações de massas**, e como partidos, como "**centros internacionais**" operavam de um modo decisivo no curso da história.

Por isso, inclusive, tiveram que trair concretamente a um ritmo muito mais veloz do que percorreram depois mudando o programa, cunhando teorias que justificassem suas condutas políticas de derrota ante o Imperialismo mundial.

Em nome da II Internacional se apoiou a guerra imperialista.

Em nome da III Internacional se entregou o proletariado alemão ao fascismo, com o pacto Hitler-Stalin.

O centrismo que se reivindica da Quarta não teve ainda oportunidade de consumir semelhantes traições, simplesmente porque jamais teve um papel dirigente de massas como para poder executá-lo. É uma questão de proporções, que quando se perdem, navega-se sem bússola no palco mundial chamando "traidores" a todos quanto, renegando assim de uma luta política correta no marco adequado.

Tão é assim, que as correntes de origem trotskista que mais degeneraram (o SWP de EEUU ou o PRT argentino, por exemplo), tiveram que renegar da Quarta Internacional, e cortar toda amarra com ela, para evoluir a posicionamentos ideológicos e políticos antimarxistas.

Nos tempos que correm, o Secretariado Unificado vai pelo mesmo caminho. O abandono explícito da "ditadura do proletariado" da Liga Comunista Revolucionária da França faz parte do mesmo processo que integrou à "seção brasileira" (Democracia Socialista) ao Governo burguês de Lula. O Ministro do Desenvolvimento Agrário, Miguel Rosetto, é tão só uma encarnação extrema deste percurso de ruptura com o trotskismo por parte do mandelismo.

Mas, ao invés desta evolução francamente contra-revolucionária de correntes que outrora podíamos catalogar como centristas, existe um amplíssimo leque de tendências que, proclamando-se herdeiras de Lênin e Trotski, oscilam entre a revolução e a contra-revolução.

O valor que tem lutar pela reconstrução da IV Internacional, no plano da arena mundial e por suposto, em cada país, é o de usar o centrismo revisionista como amplo teatro de operações, de modo de contrapor o programa que dizem reivindicar, com sua prática política de conciliação de classes. O desenvolvimento de tendências e frações desde o seio do centrismo trotskizante é um fenômeno altamente progressivo, porque constitui a mina fundamental onde têm sua origem os quadros para reorganizar a Quarta Internacional. Não casualmente, todas as forças que estamos discutindo temos nossa origem "no estilização do centrismo quartainternacionalista".

No diálogo com uma fração, tendência ou quadro que provem de um tronco autoproclamado trotskista, temos despejados debates programáticos, que em todo caso, devemos aprofundar em sua aplicação, de que modo foram deformados velhos conceitos. Mas não temos um obstáculo ideológico da magnitude dos posicionamentos de quem vêm da social-democracia, o stalinismo, o foquismo ou o nacionalismo.

Justamente por não ter jogado um papel contra-revolucionário decisivo desde sua fundação, o problema central dos trotskistas é encontrar o caminho das massas: relacionar em termos dirigentes as conquistas programáticas, com os acontecimentos concretos da história.

Quando para "dirigir" há que renegar na prática do programa, mas nem mesmo assim, passar de um papel colateral com respeito às verdadeiras direções do movimento operário (mundial e de cada país), o centrismo fica em evidência em toda sua impotência, e se abre o

curso para a evolução política de seus melhores quadros.

Este foi nosso percurso, com o altamirismo primeiro, e com o lorismo depois. Não marcaram nossa ruptura papéis decisivos destas correntes quanto a ser direção das massas, senão mais bem o fracasso e a impotência ante o "**não poder ser**", com os conseguintes análises e caracterizações antimarxistas, mentirosas, grosseiras.

A lógica stalinóide destas seitas (que produziram e produzem cotidianamente expulsos e excomungados), vem-lhe emprestada em termos caricaturescos, e produzem nas massas uma maior rejeição, e em perspectiva, um maior isolamento.

É tarefa nossa separar, no plano da teoria, da elaboração programática e da prática política, a herança que reivindicamos e a degeneração que combatemos. É tarefa nossa na luta contra o centrismo defender o conceito que o programa da Quarta Internacional carece das manchas de sangue das traições. E que as pequenas máculas do centrismo desaparecerão de nossas bandeiras com o crescimento em influência de massas do trotskismo.

Isto não significa que a conduta das cúpulas burocráticas das seitas centristas não seja contra-revolucionária: o que significa é que seu papel histórico ainda não dirigente de massas nos permite um amplo espaço de luta política para derrotá-las no trabalho preparatório. Permite-nos fazer "medicina preventiva" para impedir que o centrismo cristalize em contra-revolucionário, e que como fenômeno por definição instável e transitório, possam surgir de suas filias os quadros da Quarta Internacional.

Isto significa que a construção do partido mundial e suas seções carecerá de militantes que provem do stalinismo, do nacionalismo ou de outras tendas políticas? De jeito nenhum. Como veremos mais adiante, em especial na discussão sobre a tática da Frente Única, nós lhe damos uma grande importância à construção da vanguarda a partir de sua própria história, e não de nossos preconceitos. **Mas em termos de construção de um "centro mundial revolucionário"** os que não reivindicam a fundação da Quarta Internacional deverão processar conosco um **debate prévio, insubstituível**, que credencia que no balanço histórico, só o trotskismo pode credenciar seu papel concreto de luta contra os coveiros da revolução. **Só o trotskismo (com seus erros, suas limitações e seu centrismo), pode defender seu direito a ser a continuação do marxismo-leninismo.**

Tanto a posição pró "Quinta Internacional" como aquela que proclama a necessidade de lutar por uma fórmula algébrica "pela Internacional Operária Revolucionária", cometem o severo erro de correr o risco de equiparar os cuartainternacionalistas com a social-democracia e com o stalinismo quanto ao programático e especialmente, quanto a seu papel histórico contra-revolucionário. Por isso cremos que é uma concessão errônea de quem se localizam na "refundação da Quarta Internacional" considerar que "*...estas discussões (...) as faremos num Centro Internacional comum*".

Se as palavras têm algum valor, a definição de um Centro Internacional significa uma unidade ideológica, programática e política que permita, por exemplo, um

regime centralista democrático internacional. Pode considerar-se isto como próximo quando se expressa, a nosso modo de ver, tão profunda divergência de balanço histórico da Quarta (da qual viemos todos!) que não se coincide no número de Internacional?

Desde a TQI, entendemos que o processo de reconstrução da Quarta Internacional será muito mais trabalhoso, mais empedrado, com mais obstáculos, e o vemos distante no tempo em sua realização. Concebemo-lo como o resultado de um paciente trabalho a médio e longo prazo. Não porque não seja necessário este instrumento, senão porque a dura realidade marca a luta contra a corrente que devemos dar. Nessa luta, é possível obter diferentes vitórias parciais, que permitam madurar posições, crescer politicamente, coordenar ações comuns, etc. Mas colocar por escrito que "*...conquistar um grupamento revolucionário com lições e um programa revolucionário para preparar os próximos combates, já é uma tarefa contra relógio*", coloca a nossos pequenos grupos (que segundo Sílvia Novak, "*...a duras penas podemos juntar nossos ossos nos países onde estamos*"), ante um ultimato por em cima das possibilidades reais de nosso desenvolvimento.

Ao conformar a TQI, orientamo-nos a um trabalho de abertura internacionalista, que a nosso modo de ver deve rejeitar toda auto proclamação sectária, explorando com muita rigorosidade os acordos e divergências que se propõem com os múltiplos estilhaços dos principais troncos do revisionismo no trotskismo. Nesta exploração, é muito importante a reivindicação das conquistas adquiridas. Para nós, a Quarta Internacional é uma delas, entendida como uma continuidade programática do Manifesto Comunista e dos Quatro Primeiros Congressos da III Internacional.

## II - A respeito da caracterização e da correlação de forças entre as classes e sua relação com as tarefas para avançar na superação da crise de direção revolucionária

Esta questão tem uma grande importância, por dois motivos fundamentais:

a) como a relação que estamos construindo não é de acadêmicos, senão de militantes revolucionários, caracterizar corretamente uma situação é o passaporte para que as consignas e a intervenção prática seja também correta. Todo suposto avanço nos "acordos principistas" ficará no plano do abstrato, se na intervenção concreta não coincidimos.

b) O anterior põe à prova o **MÉTODO** com o que abordamos a realidade. Desde já, tanto o "Coletivo" como a TQI reivindicamos o materialismo dialético, e não seremos nós o que iniciemos uma concorrência para resolver "quem o maneja melhor". Mas...quando determinadas análises e caracterizações colidem com tal magnitude com a realidade, não podemos nos limitar a questionar só a pontualidade, senão a generalidade do método de análise.

Parece-nos que o "Coletivo" utiliza a palavra "**REVOLUÇÃO**" com excessiva leviandade na hora de caracterizar situações. Tão é assim, que indistintamen-

te se fala num mesmo território de análise de "revolução", "situação revolucionária", "crise revolucionária", etc. Como podemos correr o risco de cair numa estéril discussão semântica, emergente de nossas diversas origens e percursos, vamos tratar de encher de conteúdo as definições. E vamos concentrar a discussão deste capítulo na Argentina, por dois motivos:

1) Trata-se de um dos territórios onde com mais riqueza se expressaram, no último período, os fatores objetivos e subjetivos da situação mundial.

2) Tanto o "Coletivo" como a TQI têm destacamentos de militantes que intervieram e intervêm no desenvolvimento da situação, o que nos permite um estudo "em ordem" da relação que há entre caracterização, consignas e linha política, no plano concreto da prática. O "Coletivo" caracterizou ao 19 e 20 de dezembro como o começo da Revolução "Argentina", quer dizer, que entende que se produziu uma **crise revolucionária**.

Como é lógico, da caracterização do Coletivo se despreendem tarefas e consignas que propõem a disputa pelo poder político em termos imediatos. Assim, seguem reivindicando no documento convocante à Conferência a seguinte consigna: "*Por um governo da Tercera Assembléia Nacional de trabalhadores ocupados, desocupados e assembléias populares, com seus organismos de autodefesa!*" Como complemento desta consigna, lançada como palavra de ordem em todo lugar onde pudessem, os camaradas da LOI-QI propunham diversas variantes de exercício imediato de duplo poder (armamento das massas, controle operário coletivo de empresas, etc.).

A rejeição que no seio da vanguarda (nem falemos de setores das massas), sofriam os camaradas com esta política não pode atribuir-se só à política das burocracias de todo pelagem e da esquerda reformista, senão que há que entender a relação que existe entre estas conduta e o nível de consciência dos explorados e sua expressão na vanguarda.

Ao não ter o movimento de massas do 19 e 20 de dezembro um caráter "**generalizado e independente em termos políticos da burguesia**", e ao estar ausente como classe organizada o movimento operário ocupado, se apresentaram aos revolucionários **LIMITES OBJETIVOS** para nossa intervenção, o que nos obrigava a desenvolver nossa política com as características **PREPARATÓRIAS** das situações pré-revolucionárias.

Assim, em nossa Conferência Extraordinária sobre a situação política nacional (janeiro do 2002), escrevamos:

*"Foi um acerto político de nossa organização ter caracterizado como **defensivo** o movimento de luta das massas no último período.*

*Até as lutas mais heróicas tiveram como eixo **defender** uma conquista ou um direito (às vezes, superelementar), que a lógica da política burguesa obrigava a arrebatá-la, a infringir.*

*A organização dessas lutas defensivas criou condições para um **salto qualitativo**, em quantidade maior crescentes faixas dos explorados pudessem politizar seus reclamos, e passar à ofensiva, colocando em primeiro plano a necessidade de um programa de Governo.*

*A política consciente da burocracia sindical (incluída a Mesa de Direção da Assembléia Piqueteira), que anali-*

*saremos num capítulo aparte, constituiu o principal bloqueio para que o processo se desse desta maneira, produto de uma ação consciente das direções sindicais e políticas.*

*A própria crise econômica e política (da qual faz parte a traição da burocracia), levou a que o salto qualitativo se desse **por fora** dessas estruturas e dessas direções.*

*As jornadas do 18, 19 e 20 de dezembro, e sua continuidade ante os governos de Rodriguez Saa e Duhalde implicam uma viragem, uma reconquista da iniciativa das massas, que de uma maneira empírica, com um alto grau de espontaneísmo e sem direção revolucionária (poderíamos dizer inclusive, sem direção), irromperam na cena política.*

*O caráter independente deste movimento é relativo:*

*O é quanto que carece de uma férrea tutela da burguesia e de seus agentes. Não o é em tanto e quanto carece de um programa e de uma direção que politicamente expresse uma saída à crise, que não pode ser outra que anticapitalista, operária, socialista. É esta debilidade, insistimos, o que deu base à burguesia para capear o temporal e rearmar sucessivas saídas políticas. É um lugar comum dizer que as jornadas do 18, 19 e 20 de dezembro tiveram um alto grau de espontaneísmo. Isto foi efetivamente assim: tanto os famintos que sitiaram supermercados, como os "paneiros" dos bairros operários e de classe média, como os ocupantes d Praça de Maio da sexta-feira 20, não atuaram como resultado de uma palavra de ordem de organização (nem política nem sindical) alguma.*

*Ninguém pode atribuir-lhe um programa, uma proposta pela positiva, porque carece de tal coisa. O "fora De la Rúa e Cavallo" não é um programa: é um ato de empanzinamento.*

*Sua indubitável progressividade só pode consolidar-se na construção de uma alternativa de duplo poder com respeito à burguesia em quantidade maior as massas superem suas ilusões de "pressão" sobre o sistema. Não propor este problema ideológico, político e organizativo como o central, ou pior ainda, fazer uma apologia do espontaneísmo colocando um suposto papel de direção "virtual", é um mecanismo típico das seitas autoproclamatórias, incapazes de propor-se aos problemas que implicam uma luta concreta pela direção. Efetivamente, o proletariado interveio diluído no povão, sem identidade, nem política nem sindical, que marcasse sua liderança de classe.*

*Como nas situações abertas com o Cordobaço (1969), e as greves de junho e julho (1975), o problema dos problemas é a direção. Mas o problema é qualitativamente diferente: naqueles acontecimentos, a luta pela condução revolucionária estribava na superação em termos marx-leninistas-trotskistas do nacionalismo pequeno-burguês, do stalinismo, do foquismo.*

*Hoje, a luta pela direção revolucionária supõe plantar, antes que nada, a necessidade de tal coisa. Mais ainda: a necessidade de uma direção.*

*Não é que não tenha luta contra os mesmos adversários: dá-se num palco diferente, com um atraso político muito grande das massas, e inclusive, da própria vanguarda.*

*Esta dificuldade marca a tarefa. Essa, que obviam as seitas autoproclamatórias: A de politizar, elevar o nível de consciência do coletivo, e ajudar a avançar ao mo-*



Conquanto a recente Conferência Programática realizada por nosso Partido decidiu em caracterizar de maneira majoritária, à atual situação política nacional como de **situação pré-revolucionária**, isso não significa, em absoluto, que a polêmica ao redor deste ponto se encontre esgotada. Bem pelo contrário, tal caracterização não constitui uma visão cristalizada e inamovível da realidade, senão que a mesma tem como eixo fundamental para sua permanente atualização ao movimento vivo das massas, a sua possível evolução, a seu caráter independente e a sua potencialidade.

Além das diferenças nas análises entre as diferentes tendências partidárias – entre os "pré-revolucionários" e os "revolucionários" –, ambas coincidem, não obstante, em ressaltar uma contradição claríssima: **há um abismo entre o processo empírico de luta, e a consciência e organização que o movimento adquire da mesma**. Existe uma "independência" (inclusive uma rejeição) dos aparelhos tradicionais, mas se mantém uma "dependência" da influência ideológica da burguesia, que se expressa inclusive na persistência (e possibilidade de reanimamento) das ilusões democráticas.

**É justamente esta constatação o que explica que, apesar de o massivo questionamento de que é objeto, o atual regime tenha podido operar a troca que culminou com Duhalde no cadeirão da Rosada.**

A situação, que é ainda pré-revolucionária, deu um salto em todos os fatores componentes que a agudizam. A formação do Governo de Duhalde não a fechou, nem muito menos, produziu uma derrota. Os principais combates estão por dar-se. Dependerá da magnitude e o desenlace dos mesmos, que a mesma se escambo em situação revolucionária aberta, ou pelo contrário, a que esta se feche abrindo um curso reacionário aos acontecimentos.

Do que sim estamos seguros, é de que por mais que o governo consiga transitoriamente – "cenoura e garrote" mediante – operar um retrocesso no movimento de massas, isso só significará que o andar desde o qual partirá a próxima ascensão de luta nada terá que ver com a situação anterior ao 19 e 20 de dezembro passado, senão que dito andar estará dado pela enorme experiência assembleísta que hoje as massas vêm protagonizando ao longo e largo do país. A assembléia barrial como forma organizativa e os cortes, piquetes e "panelaços" como expressões de luta concreta, passaram a integrar a bagagem da experiência histórica e coletiva das massas em sua luta.

A situação atual pode durar vários meses, já que, como fica exposto mais acima, este Governo, em guerra contra os trabalhadores e o povo, procurará armar o mais solidamente possível suas forças para atacar. É verdade que a aguda crise econômica não deixa muita margem, mas neste ponto seguramente conseguirá o auxílio do Imperialismo para manobrar.

Devemos aproveitar ao máximo o tempo que nos brinda a situação para preparar-nos melhor, para organizar-nos melhor, para crescer qualitativamente como militantes e como grupo político e para aprofundar os laços da Frente Única, ferramenta vital para, superando o divisionismo, o sectarismo e o oportunismo de

não poucas tendas da "esquerda", avançar na posta em pé e no fortalecimento dessa nova vanguarda que a modo de inevitável síntese, começou a surgir e fortalecer-se ao calor das assembléias, marchas e piquetes do período último." (glosado do documento de base, aprovado em dita Conferência e ratificado por nosso Xº Congresso).

Esta caracterização correta de nossa parte nos colocou em melhores condições para enfrentar o re-arme da burguesia, os golpes sofridos pelo movimento de massas (Ponte Pueyrredón!), o entranhado da saída eleitoral que impôs o **REFLUXO** que ainda persiste.

A correta crítica dos companheiros franceses à caracterização e à política da LOI-QI na Argentina (ver Suplemento Especial do BIOI do 6-11-03), padece, no entanto, do calcanhar de Aquiles de ter compartilhado uma caracterização comum e consignas comuns da "revolução argentina" do 19 e 20.

Os "atenuantes" que a LOI-QI entorna com respeito à dita "revolução": "...uma semi-revolução, meio cega, meio surda, meio muda...", não pode evitar, no entanto, a metodologia exitista na caracterização, e a prática vanguardista na política concreta, consistente em saltar como destacamento trotskista de um setor a outro da vanguarda, tentar "dirigir" tal ou qual movimento fazendo votar algum "programa ônibus", para depois proclamar onde pudessem ouvir "...que há que fazer como em...(Mosconi, Brukman, Zanón, etc)"

Esta política de "micro-clima" lhes impediu (ao Coletivo em geral, e à LOI-QI em particular) ver a situação em seu conjunto, e muitos menos, desenvolver um trabalho preparatório de inserção dos quadros (com projetos no médio e longo prazo), em determinados testas de massas.

Especialmente para um grupo pequeno, a tarefa fundamental é fortalecer-se na luta de partidos contra os contra-revolucionários e centristas na luta pela direção concreta das massas, e quando não se podem obter resultados vitoriosos no curto prazo (porque a situação **NÃO** é revolucionária, porque **SIM** há atraso na consciência), trata-se de ganhar autoridade entre a vanguarda, definir planos de inserção e de construção de longa duração, para ir demolindo com paciência o edifício das direções que bloqueiam a possibilidade do desenvolvimento revolucionário da situação.

Não casualmente, o Coletivo compartilha com a maioria do centrismo trotskizante a caracterização da situação argentina. Palavras mais, palavras menos, o PTS, o PO, o MST, os diversos representantes da LIT, entre tantos outros, falamos da "Revolução Argentina". Também correntes stalinistas, em especial os maioístas do PCR, falamos do mesmo, propondo o segundo argentino.

Desde já, sabemos distinguir que ao menos, os camaradas da LOI lançam as consignas revolucionárias que se correspondem com as situações de tal tipo.

O centrismo mostrou sua pata democratizante e oportunista com suas "Assembléias Constituintes", e o PCR, desde já, seu frente populismo etapista com seu "Governo de Unidade Popular e patriótica".

Sem lugar a dúvidas, a própria força da realidade deve estar golpeando no equilíbrio de malabaristas dos centristas e contra-revolucionários, seguramente produzindo

do desmoralização em seus quadros médios e em sua base, apesar das diversas justificativas oportunistas de suas direções. É parte fundamental na luta contra as mesmas, a seriedade e o rigor científico com os que os marxistas-leninistas-trotskistas estejam armados para a luta política. Compartilhar as caracterizações com nossos inimigos, não nos iguala a eles, mas sim nos desacredita para progredir em nossa própria construção.

Vai, à maneira de conclusão deste capítulo, esta citação de Trotski que advertia contra estes perigos: *"...Quando se produz uma mudança brusca nos acontecimentos, os partidos, inclusive os mais revolucionários, correm o risco de ficar atrasados e de opor as fórmulas ou os métodos de luta de ontem às tarefas e às necessidades novas. (...) Precisamente aqui surge o perigo de que a direção do partido, a política do partido em seu conjunto, não correspondam à conduta da classe e às exigências da situação. Quando a vida política se desenvolve com relativa lentidão, essas discordâncias acabam por desaparecer, e, ainda que causem danos, não provocam catástrofes. Enquanto no curso dos períodos agudos de crises revolucionárias se carece precisamente de tempo para eliminar o desequilíbrio e, em certo modo, retificar a frente sob o fogo. (...) A discordância entre a direção revolucionária (vacilações, oscilações, espera, enquanto a burguesia exerce uma pressão furiosa) e as tarefas objetivas pode em algumas semanas, e inclusive em alguns dias, causar uma catástrofe, fazendo perder o benefício de numerosos anos de trabalho.*

**Evidentemente. o desequilíbrio entre a direção e o partido, ou como entre o partido e a classe, pode ter também um caráter oposto, quando a direção ultrapassa o desenvolvimento da revolução, confundindo o quinto mês de gravidez com o nono.**

*O exemplo mais claro de um desequilíbrio deste gênero ocorreu na Alemanha em março de 1921. Tivemos então no partido alemão uma manifestação extrema de "a doença infantil de esquerda", e por conseqüente, do putchismo (espírito de aventuras revolucionárias). Esse perigo é completamente real inclusive para o futuro. Assim, pois, os ensinamentos do Terceiro Congresso da Internacional Comunista conservam todo seu vigor."* (da Internacional "Comunista depois da morte de Lênin", os negritos são nossos).

### **III - A política militar do proletariado faz falta ou não um trabalho preparatório para subverter as instituições armadas do Estado Burguês?**

As forças repressivas do Estado Burguês demonstraram ser os últimos baluartes do poder burguês. Todo avanço decidido da classe operária e dos explorados pela imposição e a conquista de seu próprio poder se enfrenta inevitavelmente a estas instituições guardiãs da propriedade privada. As forças que pretendam reconstruir a IV Internacional (a Internacional Operária Revolucionária desalgebrizada) não podem senão proclamar abertamente sua intenção e sua luta por **DESTRUIR AS FORÇAS ARMADAS E POLICIAIS**. Mas esta tarefa de destruição, por sua importância, por sua

difficuldade e por ser parte da "arte da insurreição" propõe a exigência de boas táticas.

Os Camaradas de Democracia Operária assinalaram como uma das principais diferenças com nossa tendência a política que impulsionamos de desenvolver um trabalho preparatório sobre as forças repressivas.

Pelo que sabemos, todos os grupos que fazem parte do "Coletivo dos 5" se encontram no campo revolucionário daqueles que lutamos por destruir as forças repressivas. Do mesmo modo, compartilhamos as lições de toda revolução que mostram que nas mesmas um setor das forças repressivas se entorna do lado dos insurrectos, outro setor se anula e se mantém à margem e existe um amplo setor que combate a morte à revolução, sua direção e seus militantes. Este fato objetivo, no entanto, deve implicar por parte dos revolucionários um trabalho subjetivo, preparatório e que não pode estar limitado ao período da insurreição, por que alguém poderia aceitar fazer um apelo aos policiais, soldados e suboficiais numa situação insurrecional, mas não aceita que numa marcha ou uma greve (ademais das necessárias medidas de autodefesa) chame-se a desobedecer aos superiores e não reprimir a manifestação? Na Argentina em algumas marchas, vimos e fomos parte daqueles que armados com estilingues e bombas molotovs cantávamos "Policia, que amargurado se te vê, não te pagam uma merda e por cima nos reprimis". Nós cremos que, para além de alguma precisão, esta política é essencialmente correta. Seguramente numa situação que ainda não é revolucionária terá poucos resultados imediatos, mas faz parte das tarefas preparatórias. Lênin hierarquizou esta tarefa de trabalho nas forças repressivas ao incorporá-la entre as 21 condições para pertencer à III Internacional. A fundação da IV Internacional reivindica também os 21 pontos entre os quais se propõe o trabalho aberto e clandestino sobre as organizações militares. Os camaradas de LOI-QI Democracia Operária objetam num correio eletrônico que nos enviaram uma posição de nossa secção argentina onde fazemos um chamado à polícia a não reprimir. Em primeiro lugar o volante não é nosso senão que é uma resolução emanada de várias assembléias populares de bairros operários do norte do Grande Buenos Aires (verdadeiro que influenciadas por nossas posições), em que não se chama à polícia (como instituição) senão *"aos policiais a organizar-se e desobedecer qualquer ordem de repressão contra o povo"*.

O ano passado na Argentina foi amplamente publicado o caso do "policia piqueteiro". Este suboficial de ideologia nacionalista burguesa propunha entre seus principais pontos (coletando várias centenas de assinaturas entre os policiais) a pôr em pé um sindicato, reclamando melhoras salariais e de condições de trabalho e manifestando sua negativa de reprimir ao povo. No mesmo sentido, existe em Santa Fé APROPOL, cuja coluna esteve presente na última grande mobilização de empregados estatais pelos 200\$ de aumento. Nem que falar do Brasil, onde as greves policiais tiveram um alcance nacional, obrigando a aprofundar a luta de classes ao interior das instituições.

No caso deste país, é imperioso (de acordo ao desenvolvimento da organização revolucionária e suas prioridades), fazer um trabalho de agitação e propaganda dirigido aos policiais militares (soldados, cabos e sar-

gentos), no sentido de transformar suas associações em sindicatos, como já o fizeram os policiais civis e federais. Assim mesmo, entendemos este trabalho combinado com a estruturação de células de cabos, soldados e sargentos, bem que não descartamos a possibilidade de cooptar em forma individual oficiais e tenentes, como no passado o fez o Partido Comunista Brasileiro. Ou seja, que a destruição do Exército e a construção de milícias operárias e camponesas passa também por colocar em pé células nas forças armadas (exército, marinha, força aérea) e de segurança (policiais -militares e civis- e guardas municipais).

Por suposto que as melhoras salariais e de condições de trabalho em certo ponto podem fortalecer a instituição repressiva e tanto o imperialismo como o nacionalismo burguês tentarão dirigir nessa direção, (da mesma maneira, salvando as óbvias distâncias, que uma vitória dos empregados judiciais na luta atual pela Lei de dependência pode “fortalecer” à Justiça burguesa).

O que se põe em jogo é qual é a posição do proletariado (que nutre as bases de toda força repressiva) frente a este fato. Tentará apoiar-se nesta tendência para romper a disciplina e orientar o movimento para a confluência com a classe operária e seus interesses ou se manterá à margem dizendo que são todos assassinos ou que é um problema sobre o qual não devemos preocupar-nos? Qual deve ser nossa posição concreta quando os organizadores de sindicatos policiais por salário e contra a repressão ao povo são colocados em disponibilidade, encarcerados ou suas casas e suas famílias são vítimas de atentados? Nós cremos que tendencialmente esta abstenção pode derivar num espontaneísmo pacifista reformista e impotente ou pelo contrário para uma política de tipo foquista ou putchista.

Lênin no Que Fazer? em suas discussões com os economistas e sindicalistas propõe “...*Mas só de palavra seríamos “políticos” e “social-democratas” (como muito com freqüência ocorre, efetivamente), se não tivéssemos consciência de nosso dever de utilizar todas as manifestações do descontentamento, reunir e elaborar todos os elementos de protesto, por embrionária que seja. Deixemos já a um lado o fato de que a massa de milhões de camponeses laboriosos, de artesãos, de pequenos produtores, etc. escutará sempre com avidez a propaganda de um social-democrata, por pouco hábil que seja. Mas é que há uma só classe da população em que não tenha indivíduos, grupos e círculos de descontentamentos da falta de direitos e da arbitrariedade, e por conseqüente, acessíveis à propaganda do social-democrata, como porta-voz que é das aspirações democráticas gerais mais urgentes?...*” pag 147-48 edit. Anteo.

Sob esta **posição programática geral** (que os poristas argentinos conquistamos em nosso Vº Congresso, com a correspondente fração interna em contra desta política), é uma questão de prioridades e de desenvolvimento da organização qual trabalho concreto pode dar-se. **Mas é fundamental entender**

**que, ainda que não tenhamos forças para desenhar um plano sobre os quartéis, esta posição programática é fundamental para o trabalho preparatório em qualquer frente de massas.**

Parece-nos altamente revelador que nada se diga desta questão fundamental nos 21 pontos convocantes à Conferência, ao mesmo tempo que se nos adverte verbalmente que **esta é a discrepância essencial entre o Coletivo e a TQI.**

Por último queremos assinalar claramente que temos um profundo desacordo de classe com qualquer organização que proponha expectativas em Coronéis “Vermelhos” desviando a necessária política para pôr em pé milícias operárias e camponesas e a importância de escindir à tropa e a suboficialidade dos comandos de Oficiais (os camaradas do COTP-QI e Poder Operário dizem que esta seria a posição atual do POR Boliviano). Não nos surpreenderia este desvio num aparelho sectário e simplificador da realidade, incapaz de elaborar teoria a partir de sua própria experiência. No entanto, em honra à verdade, queremos pontualizar que a acusação que se faz habitualmente contra Guillermo Lora com respeito aos episódios da Revolução boliviana dos 70, carece de fundamento sério. O POR cometeu muitos erros, mas é falso que sua política estivesse dirigida a ganhar Torres ou à oficialidade. O que Lora reflete em suas obras completas é um dado objetivo da realidade: guarnições do Exército e da Polícia, com seus oficiais incluídos, pediam seu ingresso à Assembléia Popular.

As forças repressivas só se quebrarão em forma generalizada quando enfrentem o poder de fogo do proletariado. De fato o plano nacional de reivindicações que propagandeia nossa secção argentina se dirige à tropa e suboficialidade, sem mencionar aos oficiais. No entanto em relação a este debate e a qualquer outro nos parece importante compreender que **“cinza é a teoria e verde é a Árvore da vida”**. O Estado Maior da Classe Operária deve dirigir-se para seus objetivos estratégicos da revolução e ditadura proletárias armado de uma grande capacidade tática e de manobra. O caso da Bolívia (como também seguramente o do Equador) pode propor particularidades nacionais das forças armadas, que pelo próprio atraso, pela inexistência de uma doutrina de segurança própria dado a submissão ao Imperialismo, ou pelos antecedentes históricos concretos, se insubordinem também oficiais. Recordemos que uma das maiores criações da classe operária em sua luta contra a exploração capitalista (o Exército Vermelho de Operários e Camponeses), contou em suas filas com milhares de oficiais czaristas, entre eles, por nomear ao mais destacado, o Comandante de Companhia Tujachevsky, não só de extraordinárias aptidões quanto à técnica e estratégia militar, senão convertido em militante do internacionalismo proletário nos primeiros anos da revolução de outubro.

#### **IV - Revolução Permanente versus Teses do Oriente: falsa antinomia**

## que demonstra a incompreensão da importância da tática de Frente Única para a luta pela direção revolucionária. Como se reflete esta divergência no trabalho concreto nas frentes de massas.

É muito importante, antes que nada, localizar a magnitude de um debate. Cremos coincidir com o "Coletivo" que a questão da Frente Única é de natureza **TÁTICA**. Por isso, é um avanço que (ao menos por boca e pluma da LOI-QI argentina), tenha sido despejada a espécie que a política frentista conduz necessariamente à Frente Popular.

No entanto, em atendimento ao já exposto em outros capítulos deste documento, o caminho das massas, e a estruturação da vanguarda em relação a uma política operária dirigida aos explorados, constitui-se num problema essencial para os reconstrutores da Quarta Internacional.

Sem perder seu caráter tático, a Frente Única é, a nosso modo de ver, uma chave mestra com respeito à abertura e desenvolvimento de dito trabalho. Em verdade, a resolução da crise de direção revolucionária depende em boa medida da habilidade para a utilização de dita tática, ao mesmo tempo que devemos combater as tendências à dissolução partidária que supõe como risco sua aplicação.

Isto é assim porque a vanguarda (como reflexo mais ou menos deformado do nível geral de consciência das massas), vem-nos dada sob as tradições e a direção de correntes e partidos **contra-revolucionários** (a social-democracia, o stalinismo, o nacionalismo burguês ou pequeno-burguês, o foquismo, etc.).

Transcorrer uma experiência comum com as bases e quadros médios dessas direções, em choque mais ou menos aberto com suas direções, é uma tarefa **por um longo período** (como ensinam as Teses do Oriente da Internacional Comunista), pela singela razão que não há passos de mágica na difícil construção da independência política do proletariado.

Portanto, a Frente Única não se limita para nós a um acordo conjuntural ante uma circunstância pontual (como parecessem expressá-lo os camaradas do Coletivo), senão de uma **forma de grupamento**, que sabe ler as possibilidades transformadoras dos revolucionários com respeito à vanguarda.

Nossa organização, a TQI, forjou-se na luta pela Frente Única contra duas tendências igualmente perigosas:

1) A abstrata-sectária-mentirosa, encarnada no lorismo, que o proclama inclusive de um modo que parecesse estratégico, e não o constrói **na prática**, auto-proclamando-se "direção", e condenando falsamente ao falecimento as verdadeiras direções das massas (o nacionalismo em senha indigenista, o stalinismo). Nas jornadas de outubro do 2003 ficou demonstrado que, lamentavelmente, *"os mortos que vos matais gozam de boa saúde"*.

2) A concreta-sectária-autêntica, que com origem no

conhecido morenismo, pretende estabelecer uma contraposição absurda e arbitrária entre as Teses do Oriente e a Teoria da Revolução Permanente. Recomendamos ao leitor avançar no estudo teórico (e suas conseqüência práticas) de ambos os textos, e como aporte a seu estudo, repassar nossas polêmicas escritas com o Partido Bolchevique (fração de PO), e especialmente, com a LBI do Brasil.

O Comitê Construtor por um POR de Argentina condensou estes debates em suas Pautas Programáticas, atualizadas no Xº Congresso.

Desde já, o documento convocante à Conferência se localiza na segunda categoria, especialmente quando explicitamente dizem no ponto 5:

*"Reafirmamos a vigência do programa da Revolução Permanente contra a política da "Frente Única Antiimperialista" refutada desde a tragédia da revolução chinesa de 1927."*

*"Todas as burguesias semicoloniais são necessariamente pró-imperialistas."*

Não queremos aborrecer o leitor com longas citações de Trotski sobre a Revolução Chinesa, nem repetir as Teses do Oriente, nem também não nossas próprias argumentações escritas já citadas. O leitor tem à disposição todos esses textos. Queremos concentrar a artilharia argumentativa na relação que existe entre a segunda afirmação, e a primeira definição. Se efetivamente fora verdadeiro que **TODAS** as burguesias semicoloniais são necessariamente pro-imperialistas, não teria possibilidade de condução burguesa a partir dos atritos e confrontos entre as nações oprimidas e o Imperialismo.

Não seriam possíveis os movimentos nacionalistas burgueses que arrastam como vagão de trem filas de operários e camponeses. Pôr um signo igual entre os interesses de classe (e a relação com as massas que deles se desprendem) entre setores da burguesia que pretendem um desenvolvimento capitalista do país, e aqueles que se localizam como uma oligarquia compradora sócia ao Imperialismo, desarma politicamente para o diálogo com as massas, que não casualmente, seguem presas nas masmorras ideológicas do nacionalismo populista em vastos setores do planeta.

Outra coisa é, fazendo a distinção correspondente, desenvolver o prognóstico da capitulação do nacionalismo burguês com respeito ao Imperialismo. O ângulo da crítica é completamente diferente. E um ângulo correto é fundamental para ser escutado, para ser lido, para influir nas tendências e frações de esquerda que **necessariamente** se desprendem dos movimentos nacionalistas burgueses.

Não às direções capituladoras, não à burocracia sindical que opera como agente delas, senão a essas frações e tendências lhes propomos a construção da Frente Única Antiimperialista.

Não nos cansamos de dizer que é a **mesma tática** que as próprias Teses do Oriente recomendam para os países imperialistas, sob a denominação da **Frente Única Proletária**. E isto singelamente porque as direções das massas não são movimentos nacionalistas burgueses, senão os chamados partidos-operários-burgueses (social-democracia, stalinismo, laborismo,

diversas variantes de sindicalismo).

Sem conhecer suficientemente o tecido, parece-nos, por exemplo, correta a tática do Grupo de Operários Comunistas de Nova Zelândia denominada "*Por uma Aliança Socialista!*", que explicitamente se apresenta como uma variante da Frente Única Operária. E nos parece correta (apesar de ter nossas dúvidas sobre a caracterização da Ilha do Rugby quanto a seu desenvolvimento capitalista e sua relação com o Imperialismo), porque é evidente que a direção das massas reside no laborismo, é dizer, um partido operário-burguês.

Segundo a mesma linha de pensamento, parece-nos totalmente incorreta a tática da Frente Única Operária para Chile, apesar de que as direções das massas são também partidos operários-burgueses. Isto porque, como corretamente se desenvolve no dossiê sobre dito país, o balanço histórico destes partidos é ocupar o lugar do nacionalismo burguês de Ibáñez, conformando Frentes Populares com alto grau de nacionalismo populista. Por isso, o diálogo com as bases e quadros médios dos sindicatos (dirigidos pelo PC, o PS, mas também pela Democracia Cristã), é com respeito à questão da opressão nacional, e é por isso, pelas tarefas de libertação nacional e social propostas para Chile (inseparáveis do conjunto de América Latina), que a tática adequada é a Frente Única Antiimperialista.

Por todo isto é falsa a discussão com relação "a quem convocar" no apelo frentista, se não se define corretamente que tipo de frente é o que faz falta.

Partindo da base que a política do Governo de Conciliação conduz a uma submissão maior ao Imperialismo, a Frente Antiimperialista que há que construir deve incluir todo aquele que esteja em contra desta submissão, expressando no plano do programa de ação em que consiste o antiimperialismo.

Assim formula a questão a Internacional Comunista em suas Teses do Oriente (jamais refutada por Trotski, que participou ativamente de seus quatro primeiros Congressos).

E isto propõe uma instrumentação prática da maior importância. Por exemplo, os grupamentos que nós construímos nas diversas frentes de massas (especialmente nos sindicatos), têm um claro perfil da Frente Única Antiimperialista. Tanto os poristas, como os núcleos classistas que desenvolvemos a seu interior, estão em pugna permanente com outras tendências que convivem conosco (social-democratas e stalinistas, peronistas e radicais mau arrependidos, cristãos de esquerda, sindicalistas despolitizados, etc.). A direção operária da Frente é uma complexa tarefa, que por suposto, padece de todos os riscos da "falta de pureza". Mas...a pureza (que não tem riscos de contaminação), comporta a certeza do isolamento, da capitulação às verdadeiras conduções das massas pela via do sectarismo e a autoproclamação.

## **V - Uma questão fundamental para aprofundar no debate: degeneração dos Estados Operários e a restauração capitalista**

Desde nosso ponto de vista o caráter de classe de um

Estado é um problema fundamental para determinar as tarefas frente ao mesmo e para analisar a relação de forças entre as classes a nível mundial e nacional. Nossa tendência considera que foi um forte golpe para a classe operária mundial a queda do Estado Operário Russo e na Europa do Leste nos princípios dos anos 90 e cremos que foi parte fundamental da ofensiva imperialista daquela década que ainda tem enormes repercussões políticas. Os debates em torno à questão de classe do Estado foram também centrais dentro da própria Quarta Internacional onde para fins dos 30 se consolidou uma fração pequeno-burguesa com base na seção norte-americana da IV que situava o Estado por cima das classes. Depois esta questão foi base também de numerosas tendências e frações, desde os pablistas pró-stalinistas até aquelas tendências que negaram o caráter operário do Estado Russo e dos chamados "Estados Operários Deformados".

Na convocação de 21 pontos se assinala os novos "*burgueses restauracionistas chineses, que criaram a pseudoteoria reacionária e antioperária do "Socialismo de Mercado" que, como o demonstra a brutal exploração da classe operária chinesa... é a política ... para pôr à classe operária de joelhos ante os capitalistas*" Mas, qual é o caráter de classe do atual Estado Chinês? Nossa organização sustenta que é um Estado Operário Deformado e Burocratizado, mas há camaradas que consideram que é um Estado Burguês. Nenhum de nós crê que é uma questão menor nem que as tarefas para os revolucionários possam ser as mesmas partindo de uma ou outra definição. Em nossa estratégia deve predominar a destruição da máquina estatal do inimigo e a construção de um Estado Operário ou a revolução política violenta contra uma burocracia que usurpa nossa Ditadura de Classe? Existem grupos como a FT-Estratégia Internacional ou o Movimento pela Refundação da Quarta Internacional os quais faz tempo não lhes escutamos uma só palavra relacionada ao "detalhe" de determinar o caráter de classe dos Estados Chinês e Russo, dos quais até faz poucos anos sustentavam que eram ambos os Estados Operários burocratizados e degenerados. Qual é a posição do "Coletivo" a respeito?

Cremos que é necessário reexaminar e discutir as considerações que sustentou a IV Internacional com respeito à questão do Estado, as condições de surgimento de uma Ditadura Operária, as relações do mesmo com o modo de produção imperante, a transição ao comunismo, etc. Em nossa revista semestral Internacionalismo teremos uma seção dedicada especialmente a analisar estas questões. A acontecimentos na ex-URSS, Alemanha Oriental, Iugoslávia, Chinesa, Cuba, etc nos obrigam a aprofundar programaticamente, mais ainda se temos em conta que os principais desenvolvimentos o respeito depois da morte de Trotski vieram da mão de Pablo e sua epígono Mandel. Mais ainda que vemos a covardia teórica e as considerações diplomáticas de boa parte do centrismo na hora de estabelecer claramente suas posições ao respeito.

## **VI - A importância do centralismo democrático: não há lugar na reconstrução da IV Internacional para**

## as camarilhas stalinizadas

O documento convocante à Conferência destaca nossas origens: somos todos produtos da quebra, do estilhaçamento, dos principais troncos do "trotskismo". Parece-nos muito importante sublinhar, no entanto, que se quer dizer com a "parte sã", com os "elementos sãos".

Para não cair numa visão subjetivista (e inclusive idealista) na caracterização de nós mesmos e dos múltiplos grupos e militantes soltos que mais tarde ou mais cedo percorrem nosso caminho, é necessário precisar **fatores concretos que nos permitam "objetivar a saúde"**.

Como já se disse, nenhum fomos nomeados "Inspetores de Alfândega" na hora de revisar os passaportes para ingressar à Quarta Internacional.

A TQI dá uma enorme importância à **questão metodológica**, àquela que permita a contenção formal para o desenvolvimento do conteúdo dos debates.

É óbvio que o centralismo democrático como conceito e como método só é possível em seu cumprimento completo e cabal com um maior desenvolvimento do partido mundial. Desenvolvimento programático e organizativo, que supõe uma elevação do nível dos quadros e uma maior influência nas massas. Tendo em conta esta limitação, parece-nos fundamental explorar em nosso funcionamento esta questão: **somos o produto da quebra de revisionismo do trotskismo, mas não somos qualquer produto: somos os expulsos, os expurgados, os perseguidos pelas burocracias stalinizadas, que também se reproduzem como caricaturas em muitos dos estilhaços dos troncos centristas.**

Desde nossa expulsão do Partido "Operário", percorremos um longo e escabroso caminho:

\*sofremos a expulsão por dissidentes, mas a cumplicidade de Jorge Altamira e a direção do PO" com os órgãos de repressão ante a detenção de Fernando Armas em 1989.

\*nossa excessivamente longa convivência com o POR de Bolívia nos levou a capitular num primeiro momento ante a expulsão de Bacherer. Só a profunda autocrítica que significou nosso VII Congresso nos pôde reprocessar programática e metodologicamente.

\*A formação do Comitê Paritário com o PTS (antes da cisão do que é hoje a LOI-QI), fez-nos conhecer uma burocracia mais elegante, de "luva branca", que encobriu um compromisso elementar assinado conosco: **entregar aos quadros médios e à base nosso documento crítico ante o processo de ruptura, hoje conhecido como "a carta escondida"**.

Uma diferença preexistente a esses acontecimentos (a política para as forças armadas e de segurança) foi tomada como desculpa para a ruptura, sendo usada como tapa-sexo para tampar as verdadeiras diferenças ideológicas, políticas e meto-

dológicas entre o PTS e o Comitê Construtor por um POR.

\*O núcleo fundamental que hoje configura a Fração Trotskista do Brasil sofreu a marginalização burocrática da seita lorista do Brasil (a T.POR), por propor uma dissidência política em ocasião da ocupação da Embaixada de Japão em Peru por parte do grupo foquista Tupac Amaru.

\*As Jornadas Internacionais de Debate programadas com a LBI brasileira foram burocraticamente abortadas por este grupo, com o expediente stalinista de uma exclusão prévia, a da Fração Trotskista, por uma suposta capitulação à Frente Popular deste grupo numa frente de massas.

Em todos os casos, os que hoje integram a TQI cerrando fileiras contra todo tipo de manobra que aponte para bloquear o desenvolvimento do debate, que aponte para obscurecer a discussão. Neste sentido, coincidimos com a idéia de "**Luz, luz e mais luz**". Do mesmo modo, já adiantamos nossa vontade de participar num Tribunal Moral que ajuíze a conduta policial e delatora da direção do Partido "Operário" no conhecido caso de um camarada da LOI-QI.

Para finalizar este capítulo, interessa-nos em particular ir mais a fundo na hierarquia desta questão metodológica: não se trata de um princípio abstrato, nem muito menos de uma categoria moral absoluta. A luta política exige vitalmente democracia operária para crescer, e só um rico processo de luta de contrários no campo do marx-leninismo-trotskismo pode dar lugar à síntese revolucionária, à maturação dos quadros, à solidez na intervenção prática. **Somos centralistas democráticos (e nesta fase de construção, preferimos exceder-nos na democracia), por necessidade, porque só este método pode conduzir para avançar em nosso objetivo: reconstruir a Quarta Internacional e suas seções.**

## VII - Que Conferência Aberta é possível?

O capítulo anterior nos permite precisar o caráter que deve ter uma Conferência internacionalista proletária hoje:

a) Deve ter um caráter **ABERTO**, no sentido de privilegiar o jogo democrático interno e a luta política de tendências, mais do que a cristalização hegemônica de algum setor. Deve ser, pois, um palco para os múltiplos debates cruzados que há no marxismo-leninismo-trotskismo internacional. Neste sentido, coincidimos essencialmente com o proponho que faz Silvia Novak com respeito à necessidade de trabalhar politicamente sobre o centrismo, procurando atrair os estilhaços que se desprendem dos troncos fundamentais. (ver suplemento de BIODI Nº 5).

b) O **LIMITE** para esta abertura deve estar

dado por duas questões básicas:

b1: Quanto à posição política pública, a definição ante o aspecto fundamental que marca a luta de classes a nível mundial nos últimos anos, que é a invasão imperialista a Iraque. Quem não se localize no campo da nação oprimida, em luta pela derrota do Imperialismo, não tem nada que fazer nesta Conferência.

b2: Quanto a seu regime interno, uma prática concreta que exclua e repudie todo mecanismo stalinista burocrático de expulsão, de purga e de liquidacionismo do debate interno. É verdade que esta condição só é realizável com respeito aos grandes troncos do "trotskismo", mas nos parece fundamental uma definição cortante de toda cisão dos mesmos com respeito ao regime interno de partido que sofreram.

c) O **MÉTODO** de preparação deve consistir na edição de um boletim interno internacional, que publique **obrigatoriamente** todos os documentos dos grupos e camaradas que aderem à convocação. Neste contexto, parece-nos legítimo que cada tendência ou setor saque seu próprio material (temos entendido que o "Coletivo" está pronto a resolver a saída de "Revolução Permanente", e nossa TQI está fechando a edição do primeiro número de "Internacionalismo").

d) A **DATA** de realização do evento deve considerar a prioridade da preparação, de modo de interessar a novos grupos, e avançar na maturação genuína e coletiva do debate entre aqueles que já aderimos. Parece-nos que seis meses de preparação é um tempo razoável, que localizaria o evento dentro do 2004, sem urgentismos que pudessem abortar o desenvolvimento das discussões.

e) As **CONCLUSÕES** da Conferência não podemos defini-las a priori. Mas sim queremos dizer que não se trata só de discutir, senão de avançar nas ações práticas a escala mundial, e também em cada país onde há mais de um grupo organizado. Seria conveniente a organização de plenários e reuniões conjuntas desses grupos, que por sua vez pudessem atrair a outros setores e parceiros, não só para os debates preparatórios, senão para a ação política comum que a situação exige.

**JANEIRO DE 2004**

**Comitê Construtor por um Partido Operário Revolucionário (Argentina)**  
**Fração Trotskista (Brasil)**  
**Integrantes da Tendência Quarta Internacionalista (TQI)**

**III) A SEGUIR : As considerações e condições reivindicadas pelas orga-**

**nizações Brasileiras até o presente momento, ou seja: 17 de abril de 2004 de: POM, Coletivo Comunista Revolucionário, Fração Trotskista.**

**Adendos propostos pelo POM**

### **Anexo III**

importância da iniciativa e pela tentativa de reagrupamento de uma vanguarda de lutadores e grupos dispersos em meio à barbárie capitalista.

Dois pontos nos levam para engrandecer a iniciativa da Conferência:

A discussão programática e o agrupamento de setores pela concordância deste e o agrupamento de lutadores internacionalistas mesmo que em atividades praticas internacional, bem como a criação de um espaço permanente de discussão programática e de tarefas.

**No ponto 5** com respeito a questão da Frente Única Antiimperialista, pensamos que a mesma não esta em contradição com a teoria da Revolução Permanente, como assinalado do 4.º Congresso da 3.º Internacional. O que se passou na China foi a negação da consigna de Frente Única Antiimperialista, justamente quando do abandono da Direção da mesma pelo Partido Revolucionário (Comunista) e já com a política Stalinista colocando os destinos do movimento revolucionário nas mãos dos setores burgueses nacionalistas.

**Que o ponto 21**, na construção do Partido Revolucionário, seja incorporado a construção do Partido Programa com a estratégia da Ditadura do proletariado, regido pelo Centralismo Democrático, com o direito de Tendência e Fração interna, sintetizando o exercício da Democracia Operária, a mais ampla democracia interna e uma só linha no exterior. Único capaz de forjar teoria Marxista capaz de armar os revolucionários para a tarefa histórica de transformar o programa em ação das maças, através da luta teórica e da pratica no seio destas, fazendo valer a reivindicação histórica do Socialismo em contraposição a barbárie capitalista.

**No 18** – Substituição do texto original por:

- As Correntes que falam em nome do Trotskismo mais aderiram a política de Frente Populares, ao Centrismo, Reformismo, e todo tipo de oportunis-

mo, bem como a seitas e camarilhas de burocratas que se servem dos restos da mesa farta da Social Democracia e das burocracias, são alimentadas pela torrente da Democracia formal e como consequência, fortalecendo o campo e o centro do capitalismo que é a propriedade privada dos meios de produção desta forma contribuindo para manter a burguesia decadente no poder e ainda, como o Stalinismo mancham e denigrem o Marxismo.

#### IV) Adendos propostos pelo Coletivo Comunista Revolucionário

##### Anexo IV

Saudamos a iniciativa dos agrupamentos em chamar uma conferência internacional sob a base dos princípios da luta de classe calcados no materialismo histórico e científico, defendido pelo marxismo bolchevismo. No entanto, achamos necessário fazermos as seguintes observações:

**Ponto 03- Acréscimo:** quando afirma **“estamos na trincheira militar...”** acrescentamos: defendendo o armamento das massas trabalhadoras que atuarão e combaterão a partir de ordenamento próprio e segundo suas organizações de classe.

**Pontos 05 –** Discordamos da adoção da tática da Frente Única Antiimperialista, não por ela está em contraposição com ao programa da revolução permanente, mais em razão da inexistência de uma dinâmica de classe que justifique esta tática no Brasil e em boa parte dos países economicamente atrasados. Mas em razão de, em muitos desses países, não haver uma burguesia nativa ou setores de peso dessa burguesia com as características descrita no 4 congresso da 3ª internacional; razão pela qual adotar-se-ia a tática da F.U.A. Uma burguesia capaz de entrar em choque aberto contra o imperialismo, assimilando consignas anti-imperialista, mesmo que a principio, atuando num movimento nacionalista revolucionário, como é tratado no 4º congresso.

**Ponto 09 -** A respeito do chamado a defesa dos **“estados operário burocráticos que ainda subsistem ... defendemos incondicionalmente...”**. Deixamos claro, nos colocamos pela defesa intransigente das conquistas da revolução proletária nos estados onde esta ocorreu. Que defendemos o Estado operário e a ditadura do proletariado, porém não reconhecemos a existência atualmente de nenhum Estado operário. Achamos necessário citar e caracterizar tais “estados operários” em questão para que possamos analisar melhor a proposição.

**Ponto 10 -** O governo Lula é de frente popular? Durante o processo eleitoral, o PT se livrou por completo de qualquer defesa estatizante ou mesmo reformista,.... Que são características de uma frente popular. Tanto as alianças como o programa adotado para eleger o governo Lula caracterizam um governo tipicamente burguês, neoliberal e imperialista (independência do Banco Central, defesa da Lei de Responsabilidade Fiscal do Superávit Fiscal e imposição de todas Reformas privatistas e Antitrabalha-

dor...). A composição do governo com setores da burocracia sindical ocorre com a total submissão desse setor às consignas imperialista.

**Ponto 18-** Considerando a fragmentação e o sectarismo que tem campeado o debate e atuação das correntes e grupos que atuam pela defesa da revolução proletária, entendemos que ao invés de fazer citação de organizações e do centrismo em geral e superficial, devemos transformar os erros ou atitudes consideradas reacionárias, em proposições políticas negando-as.

**COLETIVO COMUNISTA REVOLUCIONÁRIO 25/04/2004**

São Paulo 17 de abril de 2004.

- POM
- Coletivo Comunista Revolucionário
- Militantes Independentes



## Resposta da FTI-CI ao POR Argentino e a TCI

10 de junho de 2004.-

Estimados camaradas da TCI:

Tal como nos tínhamos comprometido, esta carta contém nossa resposta e posicionamento ante vosso documento de crítica à Convocação “a uma Conferência Internacional dos trotskistas/principistas...”, e seu programa de 21 pontos.

Enquanto terminávamos de desenvolver esta resposta, recebemos por correio postal o periódico “Vanguarda Proletária N° 35”, dos camaradas da Fração Trotskista de Brasil, integrante de vossa tendência. Foi para nós uma grande alegria encontrar nesta edição a publicação da Convocação à Conferência Internacional e seu programa de 21 pontos, bem como também o documento de posicionamento da TCI ante a mesma. Com esta publicação, o debate estabelecido começou a fazer-se público ante o movimento Trotskista ante a vanguarda obreira. No mesmo sentido de jogar “luz, luz e mais luz” sobre as discussões entre as correntes que nos reivindicamos revolucionárias, é que, desde a FTI-CI e por nossa parte, publicaremos vosso documento de crítica e esta, nossa resposta, num Suplemento Especial do BIODI N° 1 Nova ÉPOCA - Quarta Internacional, nos próximos dias Tentaremos, nesta carta, abordar algumas das questões que, a nosso entender, são centrais para avançar em precisar diferenças e acordos, referindo-nos não só a vosso documento, senão também a outros aspectos que saíram a luz e a discussão no quase médio ano que passou desde que, em dezembro de 2003, conformássemos a comissão de coordenação. São nossas primeiras reflexões e aportes, que para nada tentam esgotar uma rica discussão que está em seus começos, e que deveremos desenvolver e aprofundar - não só entre a TCI e a FTI-CI, senão entre todas as forças que tomaram em suas mãos a convocação à Conferência Internacional. Para isso, a nosso entender, volta-se urgente a conformação do Comitê Paritário entre todas as tendências, grupos e correntes que lutam por dita Conferência, e a publicação de um Boletim de discussão para organizar democraticamente este e todos os debates estabelecidos.

### **CAPITULO I: SOBRE A LUTA PELA IV INTERNACIONAL E O TRABALHO SOBRE O CENTRISMO.**

Estudando atentamente vosso documento, en-

contramos uma primeira coincidência: tanto a TCI como a FTI-CI não damos por esgotada a experiência histórica da IV Internacional; afirmamos a vigência de sua teoria, sua estratégia e seu programa, e consideramos que a luta é por recuperá-la (para nós, por regenerá-la e refunda-la expurgada dos arrivistas, oportunistas e liquidacionistas). Questão esta que, por suposto, não será feita sobre a base dos estados maiores das correntes renegadas do Trotskismo que traíram o programa.

Cremos que é desde ali que encontramos uma coincidência em relação à importância fundamental que tem, na luta pelo reagrupamento internacional das forças sãs do Trotskismo e pela IV Internacional, o trabalho sobre o centrismo. Como vocês bem o propõem “O desenvolvimento de tendências e frações desde o seio do centrismo trotskizante é um fenômeno altamente progressivo, porque constitui o campo fundamental onde têm sua origem os quadros para reorganizar a Quarta internacional”.

Para nós, ao igual que para vocês, isso não faz mais do que reafirmar do que a luta é pela IV Internacional. De qualquer jeito, como vocês já conhecem, precisamente a questão do caráter da internacional revolucionária -se IV Internacional, se V Internacional, se Internacional Obreira revolucionária sob uma fórmula algébrica - é um debate aberto para a Conferência Internacional.

Esta, a nosso entender, não é uma crise que tenhamos provocado os pequenos grupos que em forma tortuosa, procuramos um caminho revolucionário, senão que nos veio herdada dos revisionistas e liquidacionistas da IV Internacional. É por isso que cremos que serão a luta de classes mundial e a vida mesma as que dêem seu veredicto definitivo sobre esta questão.

O que sim cremos que surge de vosso documento é que temos uma caracterização e um balanço histórico diferente quanto ao grau de degeneração e decomposição das correntes revisionistas e liquidacionistas da IV Internacional. Vocês vêem que correntes como o SWP norte-americano, o PRT, e hoje o SEU (com seu abandono explícito da luta pela ditadura do proletariado, e sua participação no governo de frente popular em Brasil), romperam já toda amarra com o trotskismo, e têm uma evolução “francamente contra-revolucionária”. Quanto ao resto das forças que falam em nome do trotskismo, consideram que seguem sendo correntes centristas em general, “que oscilam entre revolução e a contra-revolução”. Explicam esta questão essencialmente pelo fato de que estas correntes não teriam jogado um “papel

dirigente de poderosas organizações de massas (...) como centros internacionais”, como si fora o caso da \*socialdemocracia/ ou o stalinismo. Conseqüentemente, propõem a luta pela reconstrução da IV Internacional, questão à que nos referiremos mais adiante.

A nosso entender, essa definição de centrismo em general, não dá conta dos saltos de quantidade em qualidade na degeneração dessas correntes –sobretudo nas décadas dos '80 e os 90´, e em particular frente aos acontecimentos de 1989-, que para nós deram como resultado, em primeiro lugar, a transformação das velhas correntes centristas em centrismo burocrático e, a partir disso, um processo de verdadeira reação, um termidor liquidacionista que tenta não deixar pedra sobre pedra da teoria, o legado e o programa da IV Internacional.

**O salto na degeneração nos 80 e 90, e a emergência do centrismo burocrático**

Por nossa parte, como podem ver em nossos materiais, reivindicamos que desde os anos 80 e anos 90 e a partir de 2000, temos assistido a enormes saltos degenerativos das correntes revisionistas e liquidacionistas da IV Internacional, saltos abertos ao menchevismo. Para nos, camaradas, há um salto qualitativo nos anos 80, logo do Ascenso generalizado de 1968-74, que todas as correntes que falavam em nome do trotskismo tiram lições oportunistas.

As correntes que se reivindicavam do trotskismo chegaram à ascensão 1968-74, umas, sobre a base da reunificação oportunista de 1963, deixando viver ao pablismo, questão que preparou suas capitulações em dita ascensão, como no caso do SWP e sua política oportunista frente à revolução portuguesa; como no caso do PST, Moreno e sua capitulação nos anos 70 em Argentina ao “grupo dos 8” frente ao golpe militar que se preparava, são só alguns exemplos.

Mas as correntes que não entraram à reunificação do 63 e que ficaram como federações de partidos nacionais que se uniam e se dividiam - como é o caso de Lora, de Lambert, de Healy, de The Militant -, também levaram adiante uma política oportunista frente a dita ascensão. Antecipavam assim as tendências ao nacional-trotskismo e o socialismo “nacional”, que se desenvolveram até sua máxima expressão depois, nos 80.

Todas estas correntes, já seja com reunificações sem princípios, ou com federações oportunistas de partidos nacional- trotskistas, prepararam-se para a ascensão de 1968-74; sacaram lições oportunistas do mesmo, e prepararam assim o salto qualitativo de degeneração dos anos 80 a um salto ao nacional- trotskismo, a sua transformação em socialismo “nacional”.

Assim, a tentativa de unificação em princípios dos anos 80, entre uma corrente proveniente da reunificação de 1963, como foi o morenismo, e uma corrente que não tinha entrado a dita reunificação, como o lambertismo, e com este capitulando em França a frente popular do governo OS – PCF e o morenismo indo-se de cheio ao revisionismo com sua "teoria da revolução democrática". Esta tentativa de unificação que não durou nem seis meses, é a prova vivente da degeneração de todas as correntes usurpadoras do trotskismo nos 80, que deixaram sem continuidade ao marxismo revolucionário

Porque nessa década vimos a todas estas correntes pôr em pé grandes “partidos-mãe”, adaptados cada um a seu próprio regime burguês, e às direções traidoras de cada país: foi a década do MAS “farol do mundo em Argentina”; do “partido dos 10.000 militantes” de Lambert em França; da passagem definitiva do SWP norte-americano ao campo do liquidacionismo na IV Internacional; do POR de Bolívia desenvolvendo até o final sua "teoria" da " excepcionalidade boliviana" e procurando apoio na casta de oficiais assassinos do exército. Foi a década na que vimos romper-se todo fio de continuidade com a teoria, a estratégia e o programa da IV Internacional, porque se liquidou e deixou de existir inclusive como movimento de tendências e frações internacionais em luta, que era no que se tinha transformado a IV internacional a partir de 1953 e do estalido que lhe provocou a ação do pablismo liquidacionista.

Foi um salto qualitativo na degeneração destas correntes, produto de que umas seguiram como a sombra ao corpo o giro à direita da burocracia stalinista que nessa década se passou com armas e banquetes ao campo da restauração capitalista; e outras, seguiram como a sombra ao corpo à \*socialdemocracia/ -que, como em França e em Espanha administrava desde o governo os interesses das burguesias imperialistas-, fazendo " entrismo sui generis" no PSOE, ou no laborismo britânico, que duraram 10 ou 20 anos.

Assim, os usurpadores do trotskismo estavam cada um em seu país adaptados e aos pés de seus regimes, das direções traidoras e em particular do stalinismo, quando chegaram os acontecimentos de 1989 e, como não podia ser de outra maneira, estouraram em mil pedaços.

Depois do estalido de 1989 e durante os anos 90, a reação ao interior do movimento trotskistas se expressou num revisionismo exacerbado e generalizado contra o trotskismo -o único marxismo revolucionário vivente-, revisionismo que não veio desde fora -isto é, desde a socialdemocracia, desde o stalinismo - senão desde

dentro mesmo das filas dos que tinham usurpado as bandeiras da IV Internacional. Com essas revisões escandalosas, falando da necessidade de uma "recomposição reformista do proletariado", de que o problema central da classe obreira era sua "crise de subjetividade", de uma "nova fase" do capitalismo e de um enorme "desenvolvimento das forças produtivas", estas correntes liquidavam as principais bases do marxismo na época imperialista, da mesma maneira que o tinham feito antes a social-democracia e o stalinismo.

Com essas revisões prepararam os quadros para trair abertamente ao início do século XXI, e para dar um novo salto de quantidade em qualidade: o velho centrismo transformado em centrismo burocrático. Que significa isto? Que esse centrismo tem já bases materiais, privilégios e prebendas que as unem estreitamente aos regimes burgueses e as direções traidoras, como são postos sindicais, postos parlamentares, controle de organizações piqueteiras e manejo de subsídios e planos (como em Argentina).

Significa que estas correntes já não atuam só como cobertura do flanco esquerdo dos regimes, governos e das direções contra-revolucionárias de todo pelagem, senão que se preparam e estão já sendo chamadas pelos estados e regimes burgueses a jogar um papel direto de estrangular a luta revolucionária das massas -como em Argentina, por exemplo, como em Bolívia-, ou de sustentação direta dos governos e regimes burgueses.

### **Um Termidor liquidacionista IV Internacional**

É por isso, camaradas, que nós sustentamos que estamos frente a uma verdadeira reação, frente a um liquidacionista da IV Internacional, um neo-pablismo generalizado que órbita arredor do Foro Social Mundial.

Neste marco, já vimos a algumas dessas correntes ter seu "4 de agosto", isto é, passar-se diretamente ao ordem burguês. Este é o caso, a nosso entender, de correntes como o SEU, como o SWP norte-americano, o SWP inglês, e o PÓ de Argentina. E as correntes centristas burocráticas, com este Termidor, preparam-se para dar esse salto qualitativo quando os regimes e governos os precisem.

Aí está Democracia Socialista e o SEU participando diretamente com ministros do governo de testa popular em Brasil; ou como em Europa, participando a LCR com seus deputados no parlamento europeu, votando ali moções de apoio à Folha "de Rota" imperialista para Palestina. Ou como submetido em agente de seu próprio regime burguês imperialista, cujos militantes

docentes hoje estão à vanguarda -e se orgulham disso- de aplicar a "lei do véu" e expulsar das escolas às jovens muçulmanas que o usam, por pôr tão só um exemplo.

Em Argentina, o PO, o MST, inclusive o MAS, transformaram-se em parte da burocracia piqueteira, controlando e repartindo frentes de Trabalho e cestas de comida. Inclusive vemos dar saltos qualitativos em sua decomposição a pequenos grupos, como o PTS (que terminou rompendo abertamente com TROTSKISMO, e fazendo-se gramsciano) ou o PRS -A Causa Obreira de Argentina. A nosso entender, em Argentina todas estas correntes (e como esperamos que tenham podido ver no Manifesto por um movimento por um novo partido obreiro, trotskista e internacionalista em Argentina, publicado em D.O. Nova Época N° 0, de data 21/05/04), fazem parte de um verdadeiro "Partido da contenção", no que estão cotovelo a cotovelo com o stalinismo, através do MST e sua aliança estratégica com o PC, através do PO e de seu Pólo Obreiro com os que faz acordos com ala maoísta de Castells. Um "Partido da contenção" que tem como "ala esquerda" ao PTS, e que inclui também ao PRS, ao FOS e ao MAS, os que se encarregaram de romper e estrangular ao FTC que era uma das organizações piqueteira mais radicalizadas. Todos obedientes do mandato de Fidel Castro e Lula que vieram dizer que tinha que lhe dar trégua a Kirchner, e lutar "pelo possível".

Em Bolívia, vemos ao POR submetido a uma corrente sindicalista, que com sua eterna busca dos "coronéis vermelhos" traiu a revolução que os obreiros e camponeses pobres iniciaram em outubro passado nesse país, e que expulsa com os piores métodos extraídos do arsenal do stalinismo a todo militante que ouse fazer uma crítica frente a semelhantes traições.

Em Brasil, vimos à \*CST/ (o grupo irmão do MST, participar nas listas de deputados do PT e sua frente popular com Alencar); e ao PSTU, chamar a votar a Lula no segundo turno. Por sua parte, em Chile, a Esquerda Socialista (UIT), e o MPS (LIT), acabam de entrar a fazer parte de um "Movimento político-social" -um verdadeiro partido único- com o PC, o MIR, a frente Rodriguista e restantes vari

antes stalinistas, com a Esquerda Cristã e o Partido Humanista, movimento que em seu programa chama a incorporar-se ao mesmo aos pequenos e médios empresários.

Ontem, frente à guerra de Afeganistão, vimos ao Partido laborista de Paquistão (com o qual a LIT tinha um acordo no KOORCOM) negar-se a

lutar pela derrota do imperialismo com o argumento de que tanto Bush como o Taleban eram reacionários; trair a greve geral convocada em Paquistão porque tinha sido chamada pelas organizações islâmicas, e condenar aos milicianos/ antiimperialistas que foram combater a Afeganistão por ser "islâmicos". Hoje vemos ao Partido Comunista Obreiro de Iraque (WCPI) -proveniente da corrente CLIFFISTA e, ao igual que o PLP de Paquistão, em estreitas relações com o SWP inglês), levantar em Iraque uma posição similar, e chamando a que interve-nham em Iraque "forças multinacionais de países que não participaram da invasão", isto é, dos açougueiros imperialistas franceses e alemães, sob a cobertura da ONU.

### **Os perigos da consigna de "reconstrução da IV Internacional"**

Nós cremos que é desde vossa visão de que a maioria das forças que falam em nome da IV Internacional são ainda centristas em general, porque não vêem e não definem os novos saltos na degeneração destas correntes, e o processo de reação termidoriana que disso resultou, é que vocês propõem que do que se trata é de lutar pela reconstrução da IV Internacional.

Para nós, pelo contrário, a partir dos '80 e da degeneração completa ao menchevismo das correntes usurpadoras das bandeiras do trotskista, desde esse momento, lutar pela "reconstrução" da IV Internacional -entendida como a unidade de suas alas esquerda sob uma estratégia principista para derrotar às alas liquidacionistas e centristas e expulsá-las da IV Internacional- já não é possível. Esta tarefa sim esteve proposta durante o período que vai desde 1953 até o estrangulamento e derrota da ascensão 1968-74 (o que nós denominamos o período de Yalta, já que então a IV Internacional era um movimento com uma ala liquidacionista -o pablismo, e alas esquerdas que, ainda que centrista, em luta política de tendências e frações a nível internacional mantinham vivos os fios de continuidade da teoria, o programa e a estratégia da IV Internacional. Mas, como dissemos mais acima, a partir do salto degenerativo dos ano 80, um salto generalizado ao menchevismo e ao "socialismo nacional", que liquidou todo fio de continuidade, a consigna de "reconstrução" ficou superada pela história).

Mas \*ademais, camaradas, \*cremos que \*vossa consigna de reconstrução dá IV Internacional, não dá conta também de um fator enorme, como os acontecimentos de 1989 e \*seu resultado, \*isto \*é, a \*perda \*dessa conquista \*do \*\*proletariado mundial que \*eram vos Estados \*Obreiros -\*ainda degenerados \*ou deforma-

dos- nas mãos dá burocracia stalinista que propiciou a restauração capitalis-ta.

Porque é indubitável que, durante o período de \*Yalta, a luta e a possibilidade de brigar pela reconstrução da IV Internacional estava também intimamente unida à existência de ditos Estados Obreiros, e ao combate pelo triunfo da revolução política nos mesmos para derrotar à burocracia \*stalinista e voltar a transformá-los em alavancas da revolução mundial, tal como estava escrito no programa de fundação da IV Internacional.

Mas o resultado dos acontecimentos de 1989, não foi o triunfo da revolução política em China, na \*URSS/, nos estados obreiros do Leste de Europa, senão, pelo contrário, sua derrocada, derrota ou desvio, e a conseqüente restauração capitalista imposta pelo imperialismo e pela burocracia \*stalinista que se reciclou a si mesma em burguesia. Frente a esses acontecimentos, as correntes \*usurpadoras da IV Internacional, já degeneradas ao \*menchevismo, não puderam dar uma resposta revolucionária, e menos do que menos, ser uma alternativa de direção, e terminaram estourando. Foi o estalido do \*menchevismo que tinha renegado do \*trotskismo.

Nós cremos que precisamente porque -com a necessária atualização e ajuste, como veremos mais adiante-, a teoria, o programa, o método e a estratégia da IV Internacional seguem completamente vigentes, e porque ainda o período aberto em 1989 e o confronto entre revolução e contra-revolucionário a nível mundial seguem abertos, indefinidos, a tarefa e a luta atual não pode ser outra que a de regenerar à IV Internacional expurgando-a de \*revisionistas, \*liquidacionistas e oportunistas, único caminho para poder refunda-la sobre bases \*principistas, \*leninistas-\*trotskistas. A tarefa é a luta pela regeneração, precisamente porque o acionar dos \*liquidacionistas durante os últimos 20 anos rompeu todo fio de continuidade, porque seu grau de degeneração é tal que obriga às forças que reivindicamos do \*trotskismo \*principista a uma tarefa não de reparação, não de separar um membro \*gangrenoso de um organismo basicamente são, senão a regenerar todos seus tecidos, para poder voltar a sentar, desde a base, os princípios, a teoria e o programa que nos legassem os fundadores de 1938.

Para nós, a posição de que a luta é pela "reconstrução da IV Internacional", sem lutar por sua regeneração revolucionária; isto é, afirmar que a tarefa segue sendo a mesma que na década do 50, 60 ou 70 quando ainda a IV Internacional era um movimento vivo de tendên-

**PÁG 21** cias e frações internacionais, com o \*pablismo como ala \*liquidacionista, mas com alas centristas mas de esquerda, abre ao perigo de terminar em reagrupamentos oportunistas de diversos tipos com correntes degeneradas, centristas burocráticas.

Isto é, cremos que o perigo da consigna de "reconstrução da IV Internacional", é que pode levar, por exemplo, a reunificações oportunistas ao estilo da reunificação de 1963, isto é, reunificações sem balanço, que lhes salvem a vida a correntes \*liquidacionistas ou centristas burocráticas, permitindo-lhes seguir aplicando sua política reformista e de colaboração de classes.

Pode levar também a \*regrupamientos ao estilo de "Internacionais" federativas de tipo social-democrata, onde cada "seção nacional" capitula em seu país e nenhuma critica à outra, isto é, ao pior do nacional trotskismo.

Também pode levar a pôr em pé novos reagrupamentos ao estilo de "Internacionais dois e média", ao redor de programas gerais que não comprometem a ninguém em nada, e que atue como cobertura "internacional", para reunir-se cada um ou dois anos em Conferências e Congressos que não resolvem nada e onde ninguém exige rendição de contas, para que cada corrente possa depois seguir adaptando-se e capitulando em cada país sem nenhum problema. Esta posição, por exemplo, é a que levanta a recente cisão do \*PTS -hoje chamada Socialismo Revolucionário. Esta corrente caracteriza que, salvo o SEU e o \*SWP inglês que giraram à direita, o resto das correntes do movimento \*trotskista são alas de centro, e inclusive alas que se desprenderam "por esquerda" do SUA (como a de \*Heloisia Helena em Brasil), e chama a fazer com todas elas uma Conferência pela reconstrução da IV Internacional, uma clara política de Internacional "segunda e média" para pôr em pé outra ala "esquerda" do Foro Social Mundial.

Por nossa parte, cremos que precisamente por não ver vocês, o grau de degeneração e liquidação à que foi levada a IV Internacional, ao não ver que isto obriga a uma tarefa de regeneração revolucionária, e de separação e de expurgar todos os elementos definitivamente apodrecidos e irremediáveis, não simples "reconstrução", é que vossa corrente veio uma e outra vez fracassando nos diferentes reagrupamentos que tentou desde mediados/fins da década do 90.

Cremos que isso é o que sucedeu com a constituição do Comitê \*Paritário entre o POR de Argentina e o \*PTS em 1998 -que, ao invés do que diz vosso documento, não se concretizou antes da cisão do que é hoje a \*LOI-\*CI", senão

no mesmo momento em que o \*PTS consumava um brutal giro à direita, expulsava a sua ala esquerda (a \*TBI), e utilizava esse Comitê \*Paritário com o POR para mostrar "sucessos" ante seus quadros e encobrir assim nossa expulsão. Foi uma tentativa de reagrupamento oportunista sobre a base de um programa geral de somas de "acordos" e restas de "áreas de debate" que podia assinar qualquer um sem comprometer-se por isso a nada, pela reconstrução da IV Internacional", que não delimitava posições frente aos acontecimentos mais agudos da luta de classes mundial desse momento, nem arredor delas, combatia ao \*centrismo e ao \*revisionismo, e que encobria as profundas diferenças políticas existentes entre as duas correntes, e em particular, que encobria o giro à direita do \*PTS e o franco processo para o \*revisionismo que esta tinha começado.

O mesmo sucedeu em relação à tentativa de reagrupamento com a \*LBI de Brasil, nas Jornadas internacionais de debate, que o POR iniciou imediatamente depois do estalido do Comitê \*Paritario com o \*PTS. De uma tentativa de reagrupamento com uma corrente fio-\*social-democrata como na que desviou o \*PTS, o POR girou a um novo \*regrupamiento, também em alas da "reconstrução da IV Internacional", com uma corrente fortemente fio-\*stalinista como a \*LBI, defensora \*acérrima da burocracia \*stalinista, e do açougueiro Milosevic em particular.

Cremos que os camaradas do POR (na \*TCI/) ainda não puderam avançar em definir e precisar o verdadeiro caráter do estado do movimento \*trotskista em 1989. Vocês, colegas, falam de "lascas" desprendidas dos "troncos centristas". Mas temos que ser claros: "lascas" somos os grupos e correntes que resistimos, que num caminho tortuoso evoluímos para a esquerda, que procuramos um caminho revolucionário. Mas ficam em pé os troncos, nos que se consolidou o \*revisionismo, devido estar já em aberto \*oportunismo.

E não podia ser de outra maneira. Porque o triunfo \*contra-revolucionário que significou para o imperialismo a imposição da restauração capitalista nos ex -estados obreiros; a derrota que sua perda implicou para o \*proletariado mundial, e a reação da década do 90, criaram condições materiais que favoreceram o desenvolvimento do \*revisionismo e do \*oportunismo, e que deixaram isolados e marginados aos grupos resistentes e às "lascas" que procuramos um caminho revolucionário.

Por isso mesmo, é necessário que se desenvolvam novas condições, de \*crac, crises, guerras, de confronto mais direto entre revolução e a

contra-revolução, para que volte a ressurgir o \*bolchevismo. Como bem o dizia León \*Trotsky: "Há muito mais reformistas que revolucionários no planeta. Muitos mais adaptados do que irredutíveis. Precisam-se épocas excepcionais na história para que os revolucionários saiam de seu isolamento e para que os reformistas façam o papel de peixes sacados do água" (Apêndice de "A Revolução Traída", 1936).

Se isto não fora assim, camaradas, por que os revolucionários estão tão isolados? somos tão poucos e, pelo contrário, os \*revisonistas e oportunistas estão, com centos ou milhares de militantes, com seus partidos no Foro Social Mundial, atuando sem \*remordimientos, controlando o desenvolvimento da vanguarda \*proletária, sustentando aos regimes e governos e às direções \*contra-revolucionarias, estrangulando revoluções?

### **O caráter das atuais crises e funcionamento das correntes liquidacionistas e as perspectivas**

Agora bem, no momento atual, é claro que estamos assistindo a um processos de crises e fracionamentos nas correntes centristas burocráticas que usurpam as bandeiras do \*trotskismo. cremos que há que definir que características tem hoje e pelo momento, esse processo, bem como também esboçar as hipóteses e perspectivas em relação aos fenômenos que podemos presenciar no futuro.

León \*Trotsky enunciou nos anos 30, e no mesmo Programa de Transição, uma lei que nós cremos que se está cumprindo hoje a mau fadada: a lei que diz que as organizações que se dizem revolucionárias e quando chegam os acontecimentos decisivos, não estão à altura dos mesmos, não têm outro destino que o lixeiro da história, ao que arrastam também à geração que as levou sobre seus ombros.

Nós cremos que essa lei se está cumprindo hoje em relação às organizações que se diziam \*trotskistas e que, frente à revolução palestina, Argentina e boliviana, frente às guerras e golpes \*contra-revolucionário da \*contra-ofensiva/\*imperialista dos últimos anos, demonstraram ser sua negação oportunista e centrista burocrática. São essas correntes centristas burocráticas as que hoje sofrem crises e fracionamentos, mas entre alas e frações de centro e de direita, o que nós definimos - salvando todas as distâncias da analogia histórica- como alas "\*Stalin" e alas "\*Bujarin". São \*fracionamentos e rupturas onde cada ala se localiza e se posiciona em função de sua localização nos regimes e do \*rol que cumprem nele. Exemplo disso é a ruptura do \*MST, entre uma

ala "parlamentar" que é a que controla o reparto de planos e subsídios do Movimento Teresa Vive, e um ala "sindicalista" que convive com a burocracia sindical nos sindicatos, comissões internas, corpos de delegados, etc. Exemplo disso é também a ruptura do \*FTC -que era uma banco de provas de uma reunificação sem princípios- entre o MAS, por um lado, e o \*PRS pelo outro. Também a cisão que vem de sofrer o \*PTS, com a ruptura de uma corrente claramente \*bujarinista, tão \*gramsciana como o mesmo \*PTS, mas que quer levar a política do \*PTS até o final.

Da mesma maneira, presenciamos ruptura depois de ruptura do \*PSTU (\*LIT) de Brasil, que se disputa com os restos do \*mandelismo, com a \*UIT e com suas próprias rupturas, o espaço centrista do "Novo partido", uma frente popular de combate ao estilo \*pivertista, à esquerda da **f r e n t e p o p u l a r**. Pelo contrário, as correntes mais unidas ao estado burguês, as que deixaram de ser centristas burocráticas para passar-se já diretamente ao campo burguês, como o \*PO, o SEU, o \*SWP norte-americano e o britânico, são as que se mantêm mais firmes e \*incólumes.

Significa isto que nós consideramos que não há que atuar ou intervir inclusive sobre essas crises, \*fracionamentos e rupturas?. Não, todo o contrário. Porque ao menos a experiência que nós fizemos -por exemplo, em Peru sobre o \*PST-\*LIT, ou em Chile, com os camaradas que romperam com Classe contra classe (o grupo do \*PTS) sobre o \*PTS- mostram que se há um pólo \*trotskista que golpeie sobre esses processos com uma política revolucionária, se conseguir que setores de camaradas honestos que, \*molecularmente, resistiam a esses giros à direita, encontrem um gancho de expressão e de reagrupamento e evoluam para a esquerda.

Esta é a situação que vemos pelo momento. Mas somos conscientes de que novos acontecimentos da luta de classes mundial, novos processos de radicalização de massas ou de setores de vanguarda, podem golpear sobre estas correntes, dando origem ao surgimento de alas e rupturas que evoluam para a esquerda, sobre as que estará proposto trabalhar ofensivamente, lutar por contribuir a sua evolução e dar-lhes um canal de reagrupamento internacional \*principista.

Mas ademais, camaradas, as correntes \*liquidacionistas não foram nem são em absoluto marginais em relação à vanguarda do \*proletariado mundial. Camaradas, em França, a \*LCR agrupam a milhares de militantes, têm uma \*importantíssima inserção nos sindicatos e organizações da juventude, e sacam centos de

milhares de votos nas eleições. Mas o que é ainda mais importante, é que, depois da traição da burocracia sindical da \*CFDT/ (Partido Socialista), e da \*CGT/ (partido Comunista) às greves e a luta contra o ataque às aposentadorias em maio-junho de 2003, começou um fenômeno que marca um giro de direita a esquerda de uma fração da vanguarda \*proletária: milhares de obreiros de vanguarda de diferentes setores da produção rompem com a \*CFDT e com a \*CGT, e se integram aos sindicatos \*SUD ("Solidários, Unidos e Democráticos"), impulsionados e dirigidos pela \*LCR/ francesa.

Em Inglaterra, foi o \*SWP o que impulsionou e encabeçou a coligação "\*Stop de \*War" que mobilizou a centenas de milhares de trabalhadores e jovens contra a guerra de Iraque. Em Brasil, as correntes \*usurpadoras do \*trotskismo, juntas -\*DS, \*OT, \*PSTU-, dirigem o 50% da \*CUT/, e muitos de seus principais sindicatos. Em Bolívia, o POR \*Lorista tem peso no sindicato de docentes urbanos de La Paz e em outros sindicatos e entre os universitários. Em Argentina, camaradas, o \*PO, o \*MST, o MAS, cada um dirige organizações \*piqueteiras de milhares de trabalhadores, comissões internas e seções sindicais ganhadas à burocracia sindical, fábricas que foram tomadas e postas a produzir pelos trabalhadores, centros de estudantes, etc.

Isto não é tem mais do que a expressão de que o \*bolchevismo -e sua continuidade, o \*trotskismo- sempre se considerou, foi e segue sendo, uma fração, a fração revolucionária, do \* p r o l e t a r i a d o m u n d i a l . É por esta razão que não podemos descartar em absoluto que, ante novos acontecimentos agudos da luta de classes, vejamos desenvolver-se processos de radicalização e de giro de direita a esquerda de setores de massas ou de vanguarda que se expressem ao interior dessas organizações obreiras e de luta dirigidas ou \*influenciadas pelas correntes \*revisionistas e \*liquidacionistas. Por isso, camaradas, é que o apelo à Conferência Internacional está dirigido não só aos \*trotskistas/ \*principistas, senão também às "organizações obreiras revolucionárias \*internacionalistas".

É indubitável que, de desenvolver-se estes fenômenos -já seja o surgimento de ala esquerda, já seja fenômenos centristas de massas ou de vanguarda, ou ambos- estarão propostas diferentes táticas revolucionárias, ao estilo do que fora, por exemplo, o "Bloco dos Quatro" no ano 1933. Ou bem, se produzem acontecimentos decisivos da revolução ou da contra-revolucionário, que marquem a fogo uma clara divisória de águas entre reformistas e

\*liquidacionistas por um lado, e \*trotskistas \*principistas pelo outro, não podemos descartar que esses fatos atuem como catalisador de um forte reagrupamento de quadros \*trotskistas, que proponha a política de convocar uma conferência de "\*Zimmerwald e \*Kienthal" arredor de uma política revolucionária frente aos mesmos.

Mas, seja qual seja o desenrolar dos fatos, todo isto só será possível de fazer, só será possível incidir sobre eles, contribuir a sua evolução e impedir que sejam levados à desmoralização e a novas derrotas pelos aparelhos \*liquidacionistas e \*revisionistas, se existe um pólo do \*trotskismo \*principista, de esquerda, a nível internacional, com \*centralismo democrático, que golpeie sobre esses fenômenos, com uma política revolucionária no momento justo, num combate intransigente contra as direções traidoras e contra os \*liquidadores do \*trotskismo. Pôr em pé esse pólo hoje, nestes momentos ainda preparatórios, é para nós, a tarefa mais urgente.

Por isso, cremos que se volta indispensável avançar a constituir rapidamente o Comitê \*Paritário de todas as tendências e grupos que já tomaram em suas mãos a luta pela Conferência Internacional, que fizeram seu -ainda com suas críticas e diferenças- o programa dos 21 pontos. Um Comitê \*Paritário que organize um debate democrático de todas as posições num Boletim internacional público comum, que resolva por acordo, e que se constitua sobre a base de um requisito democrático mínimo e indispensável como é o de que toda corrente que o integre se pronuncie em contra de toda expulsão ou sanção a qualquer militante que, ao interior de qualquer das organizações componentes de dito Comitê \*Paritário, defenda posições de qualquer de as demais organizações que lutamos por uma Conferência Internacional. Ao igual que vocês, camaradas, como o expressaram em vossa carta do 20 de abril de 2004, estamos convictos de que a Pré-Conferência que convocaram para o 10 e o 11 de julho em Brasil os camaradas que ali constituíram um Comitê Coordenador, é uma grande oportunidade para convidar a todas as forças que se pronunciaram pela Conferência Internacional, a coincidir e a pôr em pé o Comitê \*Paritário.

É este Comitê \*paritário o que, a nosso entender, deve convocar à Conferência Internacional, com maiorias e minorias claras com representação proporcional à quantidade de militantes de cada tendência ou grupo que participe da mesma, que ponha em pé um Centro Internacional transitório de reagrupamento dos \*trotskistas/ \*principistas e as organizações obreiras revolucionárias, que deverá definir os níveis de \*centralismo e democracia que a mesma Confe-

rência considere conveniente incorporar como seu funcionamento.

## **CAPITULO II: SOBRE O CARÁTER DE CLASSE ATUAL DOS EX -ESTADOS OBREIROS DEGENERADOS E DEFORMADOS.**

Como vocês propõem corretamente, e em isto vamos coincidir, é claro que todos somos todos produto do estalido do \*revisonismo do \*trotskismo, "mas não somos qualquer produto: somos os expulsados, os expurgados, os perseguidos pelas burocracias \*stalinizadas, que também se reproduzem como caricaturas em muitas das lascas dos troncos centristas". Por isso, coincidimos em que a chave é "luz, luz e mais luz" nas discussões entre revolucionários, e com vossa afirmação de que "A luta política exige vitalmente democracia obreira para crescer, e só um rico processo de luta de contrários no campo do \*marx-leninismo-\*trotskismo pode dar lugar à síntese revolucionária, à maturação dos quadros, à solidez na intervenção prática".

Para nós, a luta por um regime centralista democrático são, está intimamente unida à luta por uma teoria e um programa verdadeiramente marxistas e revolucionários, e ao combate \*internacionalista. Pelo contrário, a degeneração dos oportunistas e \*liquidacionistas, sua ruptura total com a teoria, a estratégia e o programa da IV Internacional, sua adaptação às direções \*contra-revolucionárias e aos regimes burgueses, como não podia ser de outra maneira, tem sua refração no regime interno brutalmente burocrático dessas organizações. As correntes \*liquidacionistas e \*revisonistas mais adaptadas à \*social-democracia/ têm um regime interno federativo, de tendências permanentes, que não tem mais do que a expressão de sua total adaptação aos estados maiores de correntes \*contra-revolucionárias e à \*aristocracia/obreira. \*Trotsky, nos anos 30, definia com clareza ao regime interno da \*social-democracia/, que hoje foi copiado por correntes \*liquidacionistas como o SEU e em particular a \*LCR francesa que vem já de votar e pôr por escrito sua renúncia à luta pela ditadura do \*proletariado. Assim, dizia, em seu trabalho "As frações e a Quarta Internacional": "Significa isto que o partido revolucionário do \*proletariado pode ou deve representar uma \*somatória de frações? Para aclarar melhor esta questão tomaremos como exemplo ao Partido Socialista francês, cujos estatutos legalizam as frações e introduzem o princípio da representação proporcional em todas as eleições partidárias. Neste sentido, durante muito tempo e não sem sucesso a seção francesa da Segunda Internacional se apresentou como a expressão mais pura de "democracia partidária". E formalmente o é ou, melhor dito, era. Mas, bem como a democracia

pura da sociedade burguesa encobre o domínio real do setor mais alto dos proprietários, a democracia ideal da Segunda Internacional oculta o domínio de uma fração \*extra-oficial mas poderosa: a dos \*arrivistas/ municipais e parlamentares. Esta fração, ao mesmo tempo que se \*aferra solidamente ao aparelho, permite a ala esquerda pronunciar discursos de tom muito revolucionário; mas mal a autêntica fração marxista -para a qual a palavra e o fato vão da mão- começa a denunciar a hipocrisia da democracia partidária, a fração do aparelho implementa rapidamente a expulsão".

Nesses partidos -como mais tarde dissesse \*Trotsky do \*POUM de Espanha- todas as alas e variantes de direita podem fazer o que querem, têm todos os direitos, podem organizar tendências permanentes, etc. O único que não está permitido, é ser... \*trotskista, o que significa a expulsão imediata. Assim o demonstra a \*LCR francesa, que permite todo tipo de tendências de \*ultra-direita (por exemplo, 24 membros de seu Comitê Central vêm de sacar uma declaração pública o 21 de março ao noite chamando a votar pelos candidatos do \*PS na segunda volta das eleições regionais em França, em contra da posição majoritária da direção que se comprometeu com seus sócios do a "não dar consigna de voto" para a segunda volta, sem que isto signifique mais do que uma aclaração pública, mas nenhuma sanção), mas quando um punhado de jovens militantes de Montpellier se levantaram em contra sua política de voto a Chirac em 2002 e de pôr-lhes ministros assassinos de obreiros aos governos de frente popular como em Brasil, foram imediatamente expulsados, sem nenhum impedimento.

A correntes \*liquidacionistas pró-social-democrata, assim, não são mais do que as almas gêmeas das que copiaram, em sua degeneração e adaptação, os métodos do \*stalinismo, impondo o mais feroz \*centralismo burocrático. Para estes estados maiores \*infeccionados até os \*tutanos pelo \*stalinismo, o secretário geral e o Comitê Central são todo, e as equipes e militantes de base são nada, são meros

\*aplicadores da política da direção. Esses estados maiores exigem total e absoluta "disciplina", que significa não disciplina na ação, senão subordinação total e completa à linha política do secretário geral e do Comitê Central. Por isso, todo militante que ousa divergir ou criticar a posição da direção, é imediatamente condenado como "\*indisciplinado", "\*revoltoso", e sancionado ou expulsado. É que esses estados maiores \*liquidacionistas precisam quadros e militantes "disciplinados", subordinados à linha do \*CC ou do secretário geral, que sejam capazes



de trair, de entregar revoluções, de entregar obreiros -como o \*PO-, etc.

Pelo contrário, para \*Trotsky, para o \*bolchevismo, "A obediência cega é uma virtude útil ao soldado de um exército capitalista, não ao combatente \*proletário. A disciplina revolucionária tem suas raízes no pensamento e na vontade coletiva. Um apoiante do comunismo científico não crê nas palavras; julga todo à luz da razão e da experiência. A juventude não pode aceitar o marxismo por mandato; deve assimilá-lo por si mesma, mediante um esforço independente do pensamento. Precisamente por isso deve ter não só a oportunidade de educar-se senão também a de equivocar-se, para poder-se elevar, através de seus próprios erros, a uma concepção comunista. A disciplina burocrática e artificial se fez pó num momento de perigo. A disciplina revolucionária não exclui, exige, o direito à comprovação e à crítica. Só por esta via se poderá criar um exército revolucionário indestrutível. (A obediência cega, a disciplina revolucionária e a juventude. Declaração da Oposição de Esquerda Internacional (\*bolcheviques \*leninistas) à Conferência da Juventude, Paris, 10 de abril de 1933).

Pelo contrário, foi o \*stalinismo o que propôs que a essência da tradição do \*bolchevismo era a "disciplina", quando, em meados da década do '20, começava a desapropriar a Revolução de Outubro, e impunha a "tradição" baseada nas épicas e epopéias históricas do \*bolchevismo, uma verdadeira falsificação à que \*Trotsky responde em seu trabalho "O Novo Curso", propondo que a verdadeira tradição do \*bolchevismo era ter a política justa no momento justo, ante as mudanças bruscas da situação, e que para chegar a essa política justa, a clave era, precisamente, a discussão, o debate e a sã luta política ao interior do partido \*bolchevique, entre dirigentes, quadros e militantes revolucionários que pensavam com sua própria cabeça, e que brigavam honestamente e até o final por suas convicções, procurando a verdade revolucionária.

Assim, dizia \*Trotsky nessa obra: "É claro que, como elemento conservador, como pressão automática do passado sobre o presente, a tradição representa uma força extremamente importante ao serviço dos partidos conservadores e profundamente hostil para um partido revolucionário. Toda a força deste último reside, precisamente, em sua liberdade, frente ao \*tradicionalismo conservador. Isto significa que seja livre em relação à tradição em general? Em absoluto. Mas a tradição de um partido revolucionário é de uma natureza completamente diferente.

Se considera, por exemplo, a nosso partido \*bolchevique em seu passado revolucionário e no período consecutivo a Outubro, se reconhecerá que sua qualidade tática mais importante é sua aptidão inigualável para orientar-se rapidamente, para mudar rápido de tática, para renovar suas armas e para aplicar novos métodos; em síntese, para operar bruscas viragens. As condições \*tormentosas fizeram necessária esta tática. O gênio de Lenine lhe deu uma forma superior. Isto não significa, por verdadeiro, que nosso partido esteja completamente isento de certo \*tradicionalismo conservador: um partido de massas não pode ter tal liberdade ideal. Mas sua força se manifestou no fato de que o \*tradicionalismo, a rotina, estavam reduzidos ao mínimo devido a uma iniciativa tática \*clarividente, profundamente revolucionária, ao mesmo tempo audaz e realista. Em isto consiste e deve consistir a verdadeira tradição do partido.

A burocratização mais ou menos grande do aparelho do partido vai acompanhada inevitavelmente do desenvolvimento do \*tradicionalismo conservador com todos seus efeitos (...) O fato indubitável de que os elementos mais conservadores do aparelho tendam a identificar suas opiniões, suas decisões, seus procedimentos e suas faltas com o "velho \*bolchevismo", e tentem assimilar a crítica do \*burocratismo à destruição da tradição, resulta indubitável e constitui por si mesmo, a expressão inquestionável de uma verdadeira putreficação ideológica."

\*Trotsky propunha ali com clareza que no partido \*bolchevique, "cada decisão, antes de ser adotada, suscitava combates. A mera referência à tradição jamais decidiu nada. Efetivamente, ante cada nova tarefa, ante cada novo giro, não se trata de procurar na tradição nem de \*descobrir nela uma resposta inexistente, senão de aproveitar toda a experiência do partido para encontrar por si mesmo uma nova solução apropriada à situação, e desse modo, enriquecer a tradição".

A este caráter da tradição revolucionária, \*Trotsky unia o caráter particular da disciplina revolucionária, assinalando magistralmente que "ali onde a tradição é conservadora, a disciplina é passiva e se

rompe ante o primeiro momento de crise. Ali onde, como em nosso partido, a tradição consiste na mais alta atividade revolucionária, a disciplina atinge sua máxima expressão, porque sua importância decisiva se verifica \*constantemente na ação. De ali a aliança indestrutível da iniciativa revolucionária, a elaboração crítica, audaz, das questões, com a disciplina de ferro na ação. E é só por meio desta

atividade superior que os jovens podem receber dos velhos militantes e continuar, esta tradição de disciplina". (todas as citações de "O novo curso").

Para o \*bolchevismo, então, a verdadeira tradição era ter a política justa no momento justo, saber dar os giros a tempo, nesta época \*imperialista caracterizada pelas mudanças bruscas, para diante e para atrás, no combate de massas. Porque nesses combates, na luta política honesta por suas convicções, na autoridade ganhada pela direção nesses combates, na correção da estratégia e do programa revolucionários, é onde se forja a disciplina dos comunistas capaz de ser uma firme rocha contra as classes inimigas e suas pressões, e manter o caráter revolucionário do partido.

É que o caráter revolucionário de um partido não está garantido e assegurado de uma vez e para sempre por que este tenha um programa revolucionário. É que, contra toda visão \*suprahistórica, um partido está feito de homens de carne e osso, e sobre eles atuam as condições objetivas, materiais, que influem e \*moldam ao partido revolucionário, e inclusive podem levá-lo a mudar seu caráter, à degeneração.

Isto é assim porque o partido é sempre um fator importante, mas não decisivo, do processo histórico. Assim o propôs \*Trotsky com clareza em "\*Bolchevismo e \*stalinismo", onde dizia: "...o \*bolchevismo é somente uma corrente política. Ainda que estreitamente unido à classe obreira, não se identifica com ela. (...) O mesmo \*bolchevismo jamais se identificou com a Revolução de Outubro nem com o Estado Soviético que dela surgiu. O \*bolchevismo se considerava como um dos fatores históricos, seu fator "consciente", fator muito importante mas não decisivo. Nunca pecamos de \*subjetivismo histórico.

"Víamos o fator decisivo - sobre a base dada pelas forças produtivas-, na luta de classes, não só em escala nacional senão também internacional (...) ...são as grandes massas as que decidem os desenlaces históricos.... Numa palavra, o partido não é o único fator da evolução e, numa grande escala histórica, não é um fator decisivo".

O fator decisivo é -sobre a base das forças produtivas dadas- a luta das forças vivas, das classes, a nível nacional e internacional. São essas condições as que atuam sobre o partido revolucionário, o \*moldam, e podem levá-lo a ceder, a adaptar-se, a degenerar e a perder o caráter revolucionário. Somente desde esta concepção -oposta pelo vértice a todo \*subjetivismo históri-

co, a toda visão \*suprahistórica do sujeito- pode compreender-se que um partido, seja grande ou pequeno, pode ter o programa mais revolucionário e de qualquer jeito, trair. Porque o \*centrismo é, precisamente, adaptação às condições objetivas, às pressões das classes hostis, aos regimes burgueses e às direções traidoras que as massas têm a sua testa.

Isto significa que, a nosso entender, o ponto sobre concepção de partido \*leninista e de \*centralismo democrático, não é uma questão administrativa, senão um ponto programático chave do programa marxista revolucionário nesta época \*imperialista. E tem mais, é por essa razão que, quem hoje conformamos a \*FTI-\*CI, faz nuns meses atrás nos \*auto-criticamos de não ter introduzido a questão da concepção de \*centralismo democrático como ponto programático específico na plataforma de 21 pontos de convocação à Conferência Internacional, questão que é um grande déficit da mesma. Para nós, desde este ponto de vista, a luta contra toda expulsão do seio dos grupos ou tendências que nos agrupamos para convocar à Conferência Internacional, de camaradas que deserta politicamente e que aderem a posições de alguma das outras tendências, não é uma questão "metodológica" ou "\*organizativa", senão uma questão programática, que faz à concepção de partido \*leninista e de \*centralismo democrático.

Tanto é esta questão um ponto do programa marxista revolucionário, isto é, \*trotskista, que foi incluído como tal pelos \*bolcheviques/\*leninistas, por exemplo, no programa do "Bloco dos 4" que, em seu ponto 10, diz com clareza:

"A democracia partidária é um \*pré-requisito necessário para o são desenvolvimento dos partidos \*proletários revolucionários tanto a escala nacional como internacional. Não há partido verdadeiramente revolucionário sem liberdade de crítica, sem a eleição dos servidores públicos desde abaixo para acima, sem o controle do aparelho pela base.

A necessidade de manter o segredo sob condições de ilegalidade muda completamente a forma de funcionamento da vida interna de um partido revolucionário e faz difíceis, se não totalmente impossíveis, a discussão ampla e as eleições. Mas ainda nas condições e circunstâncias mais difíceis mantêm toda sua vigência os requisitos básicos de um regime partidário são: informação honesta sobre o partido, liberdade de crítica e uma real unidade interna entre a direção e a maioria partidária. Ao suprimir e acharar a vontade dos obreiros revolucionários, a

PÁG 27 burocracia reformista transformou à \*socialdemocracia/ e aos sindicatos em organismos impotentes, pese a que seus filiados se contavam por milhões. Ao liquidar a democracia interna, a burocracia \*stalinista liquidou também a \*Comintern. A nova internacional e os partidos que adiram a ela deverão basear toda sua vida interna no \*centralismo democrático".

E tem mais, camaradas, o ponto partido e \*centralismo democrático, faz parte de nosso Programa de Transição, o programa de fundação da IV Internacional: "Sem democracia interna não há educação revolucionária. Sem disciplina não há ação revolucionária. A estrutura interna da Quarta Internacional se baseia nos princípios do \*centralismo democrático: plena liberdade de discussão, unidade completa na ação" (destacado no original).

Esta questão é então, para nós, uma questão programática tão importante como o programa frente a Iraque, como a posição e o programa revolucionários frente ao Parlamento Europeu e a luta pelos Estados Unidos Socialistas de Europa; como o programa frente à revolução boliviana, e t c . Por isso, quando recebemos vossa carta do 20 de maio, na que expressavam seu acordo em marchar a pôr em pé um Comitê \*Paritário que organize um debate democrático, respondemos-lhes imediatamente que tínhamos acordo. O camarada \*Gamboa nos respondeu que não devíamos confundir esses acordos \*organizativos, com acordos programáticos.

Mas precisamente, para nós, trata-se de acordos, não \*organizativos, senão programáticos, ao redor da concepção de partido e de \*centralismo democrático. De qualquer jeito, há uma questão que não mencionam e sobre a que vocês não se pronunciam em vossa carta do 20 de maio, que é ao redor das expulsões por diferenças políticas que já se provocaram no período prévio. Este foi o caso do camarada RS expulsado de Luta Marxista de Peru a princípios de dezembro de 2003, por aderir ao interior desse grupo, a posições políticas do então \*COTP-\*CI. Da mesma maneira, e pelas mesmas razões, a tendência direitista que nós caracterizamos que surgiu na reunião de La Paz de abril passado, expulsou à camarada \*LS de Poder Obreiro de Bolívia.

Não conhecemos pronunciamento vosso ao \*respeito. Por essa razão, seguimos chamando-os a repudiar em comum essas expulsões, e a pronunciar-nos contra toda expulsão por diferenças políticas de todo colega dos grupos e tendências que nos agrupamos para lutar por conquistar uma Conferência Internacional dos

\*trotskistas/ \*principistas e as organizações obreiras revolucionárias.

Por um debate democrático para a Conferência Internacional

É desde esta concepção do \*centralismo democrático \*leninista que nós fizemos as propostas sobre como avançar para a Conferência Internacional, que estão contidas nas resoluções políticas da Conferência de fundação da \*FTI/-\*CI (que lhes enviamos oportunamente e que inclusive publicamos em nosso \*BIOI N° 1 - Nova \*Época- Quarta Internacional), em relação à constituição do Comitê \*Paritário e seu funcionamento, bem como também em relação aos que deveriam ser, a nosso entender, o caráter e os objetivos mesmos da Conferência Internacional.

Vocês, desde a \*TCI, em vossa carta do 20 de maio de 2004, pronunciaram-se a favor da constituição do Comitê \*Paritário cujo caráter central deveria ser o de "organizar o debate democrático entre as diferentes tendências mediante um boletim internacional", e propõem também aproveitar a \*Pre-Conferência que, para o 10 e 11 de Julio, convocaram os camaradas que em Brasil constituem o Comitê coordenador por uma Conferência Internacional, para avançar a pôr em pé dito Comitê \*Paritário. Por nossa parte, e como dissemos antes compartilhamos estas propostas: cremos que se voltou um passo urgente o constituir dito Comitê \*Paritário e publicar o Boletim, para organizar uma discussão democrática de todas as posições que estão em debate.

Mas insistimos em que, para que esse debate tenha um caráter verdadeiramente democrático é um requisito indispensável, o compromisso de que nenhum militante será expulsado, sancionado nem "reorganizado", dos grupos e tendências que constituamos esse Comitê \*Paritário, pelo fato de defender posições políticas de qualquer das demais tendências e grupos. Cremos que este é um requisito sem o qual é impossível marchar a uma Conferência comum, com maiorias e minorias claras, cujo objetivo seja -segundo nós cremos que deve ser- o de pôr em pé um Centro Internacional transitório de reagrupamento dos \*trotskistas/ \*principistas com \*centralismo democrático.

Isto é assim, porque de ter expulsões, não se trataria de tendências e grupos que procuramos convencer de nossas posições políticas, e estamos abertos também a ser convencidos. Isto é, não se trataria de \*leninistas procurando a verdade com "luz, luz e mais luz". Cremos, camaradas, que a partir das posições que expressam em vosso documento, coincidindo

remos em isso. Porque se não se trata de brigar por convencer e ser convencidos, corremos o risco de que a Conferência Internacional termine sendo um reagrupamento centrista ao estilo de uma "Internacional 2 e média", de relações diplomáticas onde se ocultem as diferenças, e de cobertura "internacional" para que cada grupo e tendência possa levar adiante em seu país não importa que política de adaptação ou de capitulação.

Para nós, pelo contrário, desde a concepção de \*centralismo democrático que tentamos desenvolver mais acima, trata-se de marchar a uma Conferência Internacional que ponha em pé um Centro de reagrupamento internacional transitório dos \*trotskistas/ \*principistas e as organizações obreiras revolucionárias, que vote um programa em base aos 21 pontos, aos aportes das diferentes organizações e ao resultado do debate prévio e ao interior da mesma Conferência. Cremos que assim pode ser esse Centro um verdadeiro pólo internacional que defronte decidida e \*centralizadamente às direções traidoras e aos \*liquidadores/ do \*trotskismo.

Por isso, nós propomos marchar uma Conferência com maiorias e minorias claras, com uma representação das diferentes organizações no plenário da mesma, proporcional à quantidade de militantes da mesma, com um delegado no mínimo por organização, e com uma representação de um delegado cada 10 militantes ou fração de 5. Da mesma maneira, propusemos que as maiorias e minorias estejam também representadas proporcionalmente na direção do Centro Internacional transitório. Longe de todo funcionamento diplomático, não \*resolutivo e federativo -como são os grupamentos ao estilo das Internacionais 2 e média-, nós lutamos por que esse Centro Internacional transitório, baseado um programa comum, e com maiorias e minorias claras, defina, na mesma Conferência, que grau de \*centralismo democrático -isto é, que equação entre \*centralismo e democracia- tomará para seu funcionamento.

É indubitável que, precisamente por tratar-se de um Centro Internacional transitório, deverá primar nessa equação o pólo democrático, isto é, a existência de tendências e frações públicas, um boletim interno de discussão, a briga por convencer e por persuadir, procurando a verdade marxista em luta política leal de tendências e frações.

Camaradas, não queremos aqui estender-nos em repetir e enumerar estas propostas, que já lhes fizemos chegar nas Resoluções Políticas da Conferência da \*FTI/-\*CI, e que vocês têm em vossas mãos. Sim, insistimos, quiséssemos co-

nhecer vossas posições, opiniões, aportes e críticas ao \*respeito.

Por nossa parte, sobre a base o expressado no Programa de Transição, e no programa do Bloco dos Quatro, e com este programa que levantamos para a marcha para a Conferência Internacional, para o funcionamento da mesma e do Centro internacional que dela surja, proporemos uma emenda precisa à plataforma de 21 pontos, para que a questão da concepção de partido \*leninista-\*trotskista e de \*centralismo democrático fique assim incorporado, como ponto programático, à mesma.

A questão dos princípios de classe e revolucionários

Na reunião de dezembro de 2003 na que pusemos em pé a comissão de coordenação, tinha feito uma primeira constatação em relação a um grau de acordo importante arredor da importância da luta em defesa dos princípios e a moral de classe e revolucionários. Em vosso documento, vocês o reafirmaram, quando dizem: "... adiantamos nossa vontade de participar num Tribunal Moral que ajuíze a conduta policial e \*delatora da direção do Partido Obreiro no conhecido caso de um camarada da \*LOI/-\*CI". Nestes pontos programáticos, camaradas, temos total acordo. Por isso, propomos-lhes desde já levantá-lo e prepô-lo em comum -contra aquelas tendências que o abandonaram- como ponto programático indispensável para todo grupo ou corrente que deseje integrar-se ao Comitê \*Paritário e ser convocantes à Conferência Internacional.

Da mesma maneira, reivindicamos a atitude e o posicionamento imediato dos camaradas da \*FT/ de Brasil, frente ao episódio dos \*mails/ \*apócrifos que, com data 27 e 29 de abril respectivamente, foram feitos circular contendo acusações morais \*fraguadas contra a \*LOI-\*CI de Argentina e o \*GOI

de Chile, ambos integrantes então do \*COTP-\*CI. Lamentavelmente, ao redor deste fato, cremos que temos um pequeno matiz com o camarada Gustavo \*Gamboa do POR de Argentina, que quiçá seja unicamente devido a \*trajín do trabalho revolucionário

É claro que esse episódio dos \*mails/ \*apócrifos se tratou de uma clara provocação infame contra a \*TCI e contra nossa corrente, que só pode ser obra de provocadores policiais ou de agentes pagamentos do estado burguês, cujo objetivo, segundo o propuséssemos em seu momento, não podia ser outro que o de fazer fracassar a luta das forças sãs do \*trotskismo por pôr em pé um Comitê \*Paritário que convoque a uma Conferência Internacional dos \*trotskistas/

\*principistas e as organizações obreiras revolucionárias.

O camarada \*Gamboa -cujo nome era invocado em ditos \*mails \*apócrifos- os denunciou corretamente "como uma provocação sem elementos nem princípios, vinga de onde vinga".

Frente à provocação, desde o então \*COTP-\*CI, propusemos imediatamente aos camaradas da \*TCI/ -tanto do POR de Argentina, como da \*FT/ de Brasil-, um pronunciamento que não só denunciasse dita provocação, senão que condenasse o método de misturar acusações morais sem provas com discussões políticas, e que deixasse sentado que mutuamente nos considerávamos organizações íntegras desde o ponto de vista da moral e a honra revolucionários.

Os camaradas da \*FT/ de Brasil -junto com os colegas do \*POM e de \*CCR, que integram todos o comitê de coordenação pela Conferência Internacional em dito país- responderam imediatamente frente a dita provocação, e juntos assinamos essa declaração.

Os camaradas da direção do POR, lamentavelmente, não somaram sua assinatura a dita declaração. O camarada \*Gamboa, em sua carta do 28 de abril, propôs frente a estas provocações "...não lhes dar mais importância da que realmente tem...", e chamando a "... não perder tempo nestas situações pasto para a intriga!". Queremos aclarar que este matiz que temos com o camarada \*Gamboa -uno dos máximos dirigentes da \*TCI/, é uma polemica tática. Mas de qualquer jeito, camaradas, queremos transmitir-lhes esta aflição, e esperamos que saibam compreendê-la. É que nos pareceu que pode ser pouco educativo para as novas gerações de quadros e militantes \*trotskistas, o considerar a estas provocações e acusações morais como problemas menores ante os que não há do que perder o tempo.

Para a \*FTI-\*CI, a luta em defesa dos princípios de classe e revolucionários, a defesa da moral e a honra dos revolucionários ante provocações e ataques morais \*fraguados e sem prova, é parte inseparável do combate por regenerar à IV Internacional, isto é, por regenerar à vanguarda do \*proletariado mundial. É parte do combate contra a \*social-democracia, o \*stalinismo, as burocracias sindicais de todo pelagem, e também os renegados do \*trotskismo, que liquidaram e denegaram os princípios e a moral de classe e revolucionária. Para nós, nada do que se faça nesse sentido, é em absoluto perda de tempo.

León \*Trotsky e os \*bolcheviques \*leninistas, durante a década do '30, dedicaram enormes esforços, meses, anos, páginas e páginas de cartas e artigos, a denunciar e combater cada

uma das calúnias, acusações sem provas, \*amalgamas, que o \*stalinismo lançou como campanha sistemática contra os \*trotskistas. Para dar um exemplo, desde o 15 de agosto de 1936 em que o \*stalinismo acusou publicamente a \*Trotsky -no marco dos juízos de Moscou- de ser o organizador do assassinato de \*Kirov e agente da \*Gestapo/, praticamente não há num dia em que León \*Trotsky não escrevesse uma carta ou uma entrevista, denunciando essa falsificação, e denunciando como a burocracia \*stalinista fuzilava e assassinava aos acusados de ter "conspirado com \*Trotsky" para assassinar a \*Kirov. Em março de 1937, começa a briga por que se constitua a comissão \*Dewey. Tanta importância lhe dava \*Trotsky a estas questões, que numa carta a \*Naville, não duvidou em escrever:

"Não lhe escrevi antes porque estou \*abrumado de trabalho e porque me assombra e segue assombrando-me o extraordinário descuido com que se redigem os depoimentos (o seu é uma exceção). Já enviei muitas cartas sobre o tema a L. %[León \*Sedov] e a outras pessoas. Espero que a maioria dos depoimentos se elaborem para incluir os detalhes necessários. De que servem os episódios das viagens a \*Royan se não se mencionam as datas exatas, os motivos das viagens, o que disseram outras pessoas a respeito da viagem de Marselha a \*Royan, sem detalhar as discussões políticas, sobretudo as referidas à \*URSS/ e sua defesa?"

Você me informa que o comitê francês se estende por todo o país e prepara a criação de uma comissão investigadora. Muito bem, desde que atue enérgica e rapidamente e não siga os mesmos métodos empregados para reunir os depoimentos. (...) Em circunstâncias tão excepcionais, onde estão em jogo coisas tão importantes, os camaradas que demonstram irresponsabilidade e falta de seriedade e

que perdem tempo devem ser considerados alheios a nossa causa. Essa é, ao menos, minha posição". ("Sobre o trabalho de defesa em França", 17/03/1937). A comissão \*Dewey cumpriu sua missão, deu sua sentença em setembro de 1937, e apresentou publicamente suas conclusões em dezembro do mesmo ano: a investigação, os depoimentos e as conclusões ocupam um livro de vários centos de páginas.

Com estas palavras saudou \*Trotsky o veredito da Comissão: "A comissão não condenou a ninguém a morte ou a prisão. No entanto é impossível imaginar um veredicto mais terrível. A comissão diz aos governantes de um grande país: "Vocês cometeram uma fraude com o propósito de justificar a exterminação de seus adversários políticos. Trataram de enganar aos trabalhado-

res do mundo. Vocês são indignos de servir a causa que invocam.”

A comissão, que inclui gentes com pontos de vista políticos diferentes, não podia seguir nossos objetivos políticos. Mas seu veredicto tem uma importância política \*incomensurável. Os métodos de mentira, calúnia e fraude, que contaminam a vida interior da União Soviética e o movimento mundial dos trabalhadores, receberam hoje um golpe terrível. Deixem que os amigos \*oficiais da União Soviética e os outros fanáticos \*pseudos-radicais digam que o veredicto será usado pela reação. ¡Falso! Nunca e em nenhuma parte serviu a verdade à reação. Nunca e em nenhuma parte o progresso se alimentou de mentiras. A comissão, é verdade, assenta um golpe à burocracia \*moscovita. Mas esta burocracia se tornou o principal obstáculo no progresso da União Soviética. Com o objeto de servir à verdade, a comissão serviu à luta libertadora de toda a humanidade. Desde agora o trabalho da comissão e os nomes de seus participantes pertencem à história”. (Telegrama à Comissão \*Dewey, 9/12/01937).

Por suposto que não estamos tentando fazer uma comparação e analogia total entre a feroz campanha de calúnias e de extermínio lançada pelo \*stalinismo contra os \*trotskistas nos '30, e o caso dos \*mails/ \*apócrifos. Mas sim queremos resgatar o método de \*Trotsky e os \*bolcheviques \*leninistas quanto à importância fundamental que lhe davam à defesa dos princípios e moral revolucionários, e à verdade. Voltamos a insistir: possivelmente ao camarada \*Gamboa, no meio de dezenas de tarefas e de lutas políticas, considerou secundário este episódio dos \*mails/ \*apócrifos. Por nossa parte, tratamos de explicar aqui qual foi a concepção e os princípios que nos moveram a dar-lhe grande importância à questão de responder a essa provocação contra vocês e contra nós. Esperamos que saibam compreender, camaradas.

#### CAPITULO IV: SOBRE A FRENTE ÚNICO ANTIIMPERIALISTA

Em relação ao testa único antiimperialista, camaradas, nós reafirmamos, tal como está proposto no programa da convocação à Conferência Internacional, que dita política foi refutada desde a tragédia da revolução chinesa de 1927. Reafirmamos também, por isso, a total vigência da teoria-programa da revolução permanente. É inegável, camaradas que quando a III Internacional, em seu IV Congresso de 1921, propôs a tática do testa único \*antiimperialista/, não estava ainda generalizada a teoria da revolução permanente como teoria-programa da revolução mundial.

A III Internacional a votou como uma tática para os países coloniais e \*semicoloniais/, porque a estratégia da III Internacional frente à questão dos países oprimidos, era a luta pelo triunfo da revolução \*proletária/, pela tomada do poder e a instauração da ditadura do \*proletariado/ nos países \*imperialistas/, nas metrópoles. Convenhamos, camaradas, que depois do triunfo da Revolução de Outubro, durante os anos 1919-1922 em que se reuniram os primeiros quatro congressos da Internacional Comunista, a perspectiva imediata que viam por diante os dirigentes revolucionários da III Internacional, depois do triunfo da revolução de Outubro em Rússia, era a defesa e a conquista do poder em Alemanha, e em outros países europeus, o que resolveria quase por si mesmo o problema da libertação das colônias e \*semicolônias/ do jugo \*imperialista/.

Isto é, a concepção da III Internacional era que toda revolução colonial só podia triunfar com a revolução socialista nos países \*imperialistas, e em estreita relação com a Rússia Soviética. Por isso dizem as “Teses de Oriente”: “Explicar às massas trabalhadoras a necessidade de sua aliança com o \*proletariado internacional e com as repúblicas soviéticas, é um dos principais pontos da tática \*antiimperialista única. A revolução colonial não pode triunfar mais do que com a revolução \*proletária nos países ocidentais”. Isto era assim, camaradas, porque a III Internacional partia de propor, naqueles temporais anos do

século XX, que ainda existiam no planeta países maduros e não maduros para a revolução \*proletária, comunista

Assim o tinha definido já em seu II Congresso: “9. A revolução nas colônias, em seu primeiro estágio não pode ser uma revolução comunista, mas se, desde seus começos, a direção está em mãos de uma vanguarda comunista, as massas não se extraviarão e nos diferentes períodos do movimento sua experiência revolucionária não fará mais do que aumentar”. (Tese e adições sobre a questão nacional e colonial). Camaradas, estamos falando de princípios da década do '20, mal nuns anos depois do começo da época \*imperialista. As colônias do \*África, de Ásia, muitíssimas delas eram inclusive tão só territórios ou domínios coloniais, nem sequer tinham conseguido conformar-se como nações, como era o caso inclusive de China, dividida entre várias potências \*imperialistas. Não esqueçamos que na própria Rússia, depois da conquista do poder, foram os \*bolcheviques os que

impulsionaram a formação de nações para os povos muçulmanos oprimidos por séculos pelo \*zarismo, muitos deles ainda \*nômades.

É que no século XIX, durante a época de desenvolvimento orgânico do capitalismo -do capitalismo de livre concorrência- esses territórios e domínios coloniais eram utilizados pelos países capitalistas avançados como principalmente Inglaterra, França, Alemanha, quase unicamente como fontes de matérias primas. É recém a partir dos primeiros anos do século XX, e em particular desde 1914, com o advento do imperialismo -que é, precisamente, a exportação de capital financeiro-, que os países avançados, transformados em potências \*imperialistas, começam já não só a saquear as matérias primas desses territórios e domínios, senão a instalar ali suas capitais, levando o mais adiantado de técnica e as forças produtivas e combinando-as em forma desigual com as mais atrasadas formas feudais, feudal-patriarcais, etc., começando a dar nascimento, ao princípio lentamente, de um débil \*proletariado nativo, ao lado de milhões de camponeses explorados.

O que a princípios dos '20 este processo recém estivesse em seus inícios era o que determinava a imaturidade do \*proletariado das colônias e as semi-colônias para a revolução \*proletária, definida pela III Internacional naqueles primeiros anos do século XX.

É que as potências \*imperialistas vinham de enfrentar-se na primeira guerra mundial, precisamente pelo domínio e o controle dessas zonas de influência, e ainda estava delineando-se uma divisão mundial do trabalho precária, em momentos em que, com a culminação da guerra, também culminava o elo de transição entre a época de desenvolvimento orgânico do capital e sua fase agônica, a época \*imperialista. Nos \*albores/ do primeiro pós-guerra encontrávamos a uma Alemanha derrotada e transformada em \*vassala, com as potências da \*Entente/ vencedora na guerra (França, Inglaterra, Japão, Itália e Estados Unidos) dividindo-se e disputando a bota colonial e do \*vassalagem de Alemanha. Este processo que entre 1914-1920, estava em seus inícios, recém se completaria para mediados/fins da década do '20, como vinho a mostrá-lo precisamente o estalido da revolução chinesa em 1925-27, como veremos mais adiante.

Partindo então da imaturidade dada pela condições objetivas para a revolução \*proletária, onde adquiria maturidade, para a III Internacional, a revolução colonial nos países oprimidos; como podia triunfar dita revolução \*anticolonial? Precisamente, em estreita unidade com o \*proletariado dos países \*imperialistas levando ao triunfo à revolução

\*proletária e impondo a ditadura do \*proletariado nos mesmos, e ao mesmo tempo, na mais estreita relação com a Rússia Soviética. Isto é, para a III Internacional, a revolução nas colônias era um momento, um elo, da revolução \*proletária nas metrópoles \*imperialistas.

Assim, diziam as Teses de Oriente: "Os nacionalistas burgueses apreciam ao movimento obreiro segundo a importância que possa ter para sua vitória. O \*proletariado internacional aprecia ao movimento obreiro oriental desde o ponto de vista de seu futuro revolucionário (...) A aliança com os \*proletários dos países altamente civilizados lhes será vantajosa, não somente porque corresponde aos interesses de sua luta comum contra o imperialismo, senão também porque será depois de ter triunfado quando o \*proletariado dos países civilizados poderá fornecer aos obreiros de Oriente um socorro \*desinteressado para o desenvolvimento de suas forças produtivas. A aliança com o \*proletariado ocidental \*descruza o caminho para uma federação internacional de Repúblicas Soviéticas".

E ao mesmo tempo, propunha sobre as tarefas dos partidos comunistas nas metrópoles: "A importância primordial do movimento revolucionário nas colônias para a revolução \*proletária internacional exige uma intensificação de sua ação nas colônias por parte dos partidos comunistas das potências \*imperialistas". Desde o ponto de vista internacional, era uma concepção de revolução ininterrupta já que via à revolução \*anticolonial, \*antiimperialista, como um elo da revolução e da imposição da ditadura do \*proletariado nas metrópoles -isto é, como um elo da revolução socialista mundial. Ao mesmo tempo, a revolução colonial, para a III Internacional, era um elemento central da luta da classe obreira dos países avançados por impor a ditadura do \*proletariado. Assim, dizia \*Trotsky polemizando em 1920 com \*Gorter:

"A indústria e a situação do capital ingleses dependem totalmente das colônias. Portanto, a luta do \*proletariado inglês depende da das massas populares das colônias. O combate do \*proletariado inglês contra o capital da metrópole deve orientar-se conforme aos interesses e a situação do camponês indiano. Os \*proletários ingleses não poderão conseguir uma vitória definitiva enquanto os povos da Índia não se \*sublevam e não ofereçam a sua luta um objetivo e um programa. Por outra parte, a vitória é impossível nas Índias sem o concurso e a direção do \*proletariado inglês. Em isto consiste a colaboração revolucionária do \*proletariado e o \*campesinado do Império britânico". ("Resposta ao camarada \*Gorter", Discurso ao C.E. da Internacional Comunista, 24/11/20)

Isto é, para a III Internacional, o \*proletariado ocidental não poderia conseguir sua vitória definitiva, sem o concurso da sublevação das massas exploradas das colônias. E ao mesmo tempo, essa revolução colonial \*antiimperialista, só podia triunfar com a imposição da ditadura do \*proletariado nas metrópoles \*imperialistas, e em estreita aliança com a Rússia soviética, já que a imaturidade do \*proletariado em ditos domínios, territórios e países significava que não era possível neles chegar à ditadura do \*proletariado antes que nos países avançados. A tática de testa único \*antiimperialista da III Internacional, era então uma tática precisa, para ser aplicada sob estas condições precisas.

Se isto não é assim, toda corrente que, tal como vocês o fazem, proponha que segue vigente a tática do testa único \*antiimperialista votada pela III Internacional ao início dos anos '20, e que ao mesmo tempo opinam, com a teoria da revolução permanente, que a tarefa proposta para o \*proletariado dos países coloniais e \*semicoloniais é a de impor a ditadura do \*proletariado, têm um sério problema que explicar: por que a III Internacional, que era a Internacional da luta pela ditadura do \*proletariado a nível mundial, não propunha a tomada do poder nas colônias, não propunha um governo obreiro e camponês, isto é, a ditadura do \*proletariado, e a viam a esta tão só como consequência de um triunfo imediato da revolução \*proletária em Europa e em estreita ligação com o poder soviético da \*URSS/? Qual é a razão de isso? Que teria que dizer, que Lenine, \*Trotsky e restantes fundadores da Internacional Comunista, adaptaram-se à nascente burguesia nativa nas \*semicolônias/ e colônias e que se fizeram traidores?!!!!

Não, camaradas, eram revolucionários \*internacionalistas \*cabales que, sob as condições objetivas, materiais daqueles anos iniciais da época \*imperialista viam à revolução \*anticolonial como um elo indispensável do triunfo da ditadura do \*proletariado nas metrópoles. Assim, a III Internacional propunha com clareza, já desde seu primeiro Congresso em 1919, que "a libertação das colônias não é \*concebível mais do que se ela se realiza ao mesmo tempo do que a da classe obreira das metrópoles. (...) Escravos coloniais de \*África e de Ásia: a hora da ditadura do \*proletariado em Europa soará para vocês como a hora de vossa libertação" (Manifesto da Internacional Comunista aos \*proletários/ do mundo inteiro!, I Congresso). A afirmação "ao mesmo tempo" é clave, já que marca o caráter ininterrupto desde o ponto de vista internacional -isto é, como elo da revolução mundial- à revolução \*anticolonial, no que a imaturidade do \*proletariado nas colônias e as \*semi-colônias se superava na maturidade do \*proletariado ocidental para levar a revolução ao triunfo e impor a ditadura do \*proletariado nas metrópoles e conquistar uma federação internacional de repúblicas soviéticas.

Sobre a base então de considerar que tinha países maduros e não maduros para a revolução comunista -isto é, que não tinha possibilidade de que um país colonial ou \*semicolonial pudesse chegar antes à ditadura do \*proletariado que um país avançado, senão que pelo contrário a libertação desses países estava intimamente unida ao triunfo da revolução \*proletária nas metrópoles- sobre a base de considerar então à revolução colonial como um momento da revolução nos países \*imperialistas que era, precisamente, onde essa revolução colonial adquiria maturidade, é que a III Internacional propôs, em seu IV Congresso, a tática de testa único \*antiimperialista para os países coloniais e \*semi-coloniais, pondo como condição indispensável, a plena independência política do movimento obreiro e do Partido Comunista nesses países, como veremos mais adiante.

A posição de \*Nahuel Moreno sobre o testa único \*antiimperialista, e sua incorreta interpretação da política da III Internacional revolucionária

Significava isto que a III Internacional propunha que nas colônias e as \*semi-colônias o que tinha que fazer era uma revolução democrático burguesa \*triumfante, dirigida pela burguesia nativa e que impu

sesse um governo burguês, como uma primeira etapa que permitisse todo um período de desenvolvimento capitalista, e que recém então estaria proposto que o \*proletariado lutasse pela revolução socialista?

Para nada, colegas. Sim é a interpretação que fez \*Nahuel Moreno da posição da III Internacional nas Teses de Oriente, questão que desenvolveu em polemica com o \*lambertismo em "A traição da \*OCI/", ao redor da política de testa único \*antiimperialista.

Moreno, partindo corretamente de ver que a III Internacional considerava que existiam países maduros e não maduros -pela imaturidade do \*proletariado nos mesmos- para a revolução \*proletária, infere e interpreta por sua própria conta das "Teses de Oriente", que, dado que as colônias e \*semicolônias não estavam maduros para a revolução \*proletária e a ditadura do \*proletariado, do que se



tratava neles então, para a Internacional Comunista, era de lutar contra o imperialismo e contra os restos feudais com o objetivo de chegar a uma república democrática na que a classe obreira conquistasse reivindicações parecidas às do \*proletariado ocidental.

A partir desta interpretação, Moreno propunha que a da III Internacional era uma posição centrada, que expressava "a concepção não só da revolução por etapas, senão também o apoio ou defesa do 'campo burguês progressivo' nos países coloniais e \*semi-coloniais, principalmente os mais atrasados. Trata-se, pois, de um \*menchevismo '\*sui \*géneris', que tem um aspecto revolucionário, já que integra esta revolução por etapas dentro da revolução socialista mundial, principalmente, e se insiste na independência política da classe obreira européia". (A traição da \*OCI/, \*NM)

A nosso entender, Moreno estava completamente equivocado na interpretação que fazia das "Teses de Oriente". Pelo contrário, cremos que a posição da III Internacional frente aos países coloniais e \*semi-coloniais, repetimos, era completamente revolucionária naqueles tempos e anos do século, sobre a base das condições materiais dadas nesse momento -a existência de países não maduros para a revolução \*proletária-, já que era uma concepção de revolução ininterrupta -e para nada uma concepção \*etapista da revolução- em tanto e quanto via à revolução \*anticolonial como um elo da luta pelo triunfo da revolução \*proletária e a imposição da ditadura do \*proletariado nas metrópoles \*imperialistas européias, isto é, da revolução mundial.

Não há, nem nas Teses de Oriente, nem em nenhum texto da III Internacional em suas quatro primeiros Congressos, onde se proponha que o objetivo dos partidos comunistas coloniais e \*semi-coloniais era lutar contra o imperialismo e contra os restos feudais para impor uma república democrática burguesa com um governo burguês nativo, nem nada que implique que os comunistas deviam apoiar à burguesia nacionalista.

Pelo contrário, camaradas, tanto as próprias Teses de Oriente, como as Teses e adições sobre a questão nacional e colonial do II Congresso da III Internacional, alertam com absoluta clareza contra as burguesias nacionalistas das colônias e as \*semi-colônias, e contra todo apoio dos partidos comunistas às mesmas.

Assim, dizem as Teses de Oriente, já em seu início:

"Os fatos mencionados (se refere ao acordar do \*proletariado e a formação de partidos comu-

nistas nas colônias e \*semi-colônias, N.\*deR.) são o indício de uma modificação na base social do movimento revolucionário das colônias; esta modificação provoca uma intensificação da luta \*antiimperialista cuja direção desta maneira, não pertence mais exclusivamente aos elementos feudais e à burguesia nacionalista quem estão dispostos a comprometer-se com o imperialismo".

E mais adiante, arrematava com clareza: "...as classes dirigentes desses países coloniais e \*semi-coloniais não têm nem a capacidade nem o desejo de dirigir a luta contra o imperialismo, à medida que esta luta se transforma num movimento revolucionário de massas".

Alertava e denunciava com clareza então, a disposição dessas burguesias nacionais a comprometer-se com o imperialismo, sua negativa e incapacidade a dirigir a luta contra o imperialismo, e a estreita relação das mesmas e sua dependência política e ideológica com a grande propriedade feudal da terra, dizendo: "Unicamente uma revolução agrária que tenha por objetivo a expropriação da grande propriedade feudal, é capaz de \*sublevar às multidões camponesas e de adquirir uma influência decisiva na luta contra o imperialismo. Os nacionalistas burgueses têm medo das concessões agrárias e as \*cerceiam tanto como eles podem (...) o que prova a estreita ligação que existe entre a burguesia indígena e a grande propriedade da terra feudal e feudal-burguesa; isto prova também que ideológica e politicamente os nacionalistas dependem da propriedade da terra".

Por essa mesma razão, a III Internacional propunha que apoiava com todas suas forças a todos os movimentos nacionais revolucionários dirigidos contra o imperialismo nas colônias e \*semi-colônias,

mas só "a condição de que os elementos dos mais puros partidos comunistas -e comunistas nos fatos- sejam agrupados e instruídos de suas tarefas particulares, isto é, de sua missão de combater o movimento burguês e democrático", tal como o propunha já nas Teses sobre a questão nacional e colonial em seu II Congresso.

Partindo disso, e contrariando claramente a posição de Moreno, no mesmo texto a III Internacional propunha que conquanto "em seu primeiro estagio a revolução nas colônias deve ter um programa que comporte reformas \*pequeno-burguesas, como a repartição das terras (...) disto não deriva necessariamente que a direção da revolução deve ser abandonada à democracia burguesa. O partido \*proletário, pelo contrário, deve desenvolver uma propaganda poderosa

sa e sistemática a favor dos \*Soviets/, e organizar \*soviets de obreiros e camponeses. Estes \*soviets deverão trabalhar em estreita colaboração com as repúblicas soviéticas dos países capitalistas avançados para chegar à vitória final sobre o capitalismo no mundo inteiro. Assim, as massas dos países atrasados conduzidas pelo \*proletariado consciente dos países desenvolvidos, chegarão ao comunismo sem passar pelos diferentes estádios do desenvolvimento capitalista".

Como vemos, em absoluto tinha a III Internacional a visão \*etapista da revolução nas colônias que lhe diga Moreno, já que não propõe em nenhum lado uma primeira etapa de revolução democrático burguesa que impusesse um governo burguês nativo. A III Internacional o diz com clareza: não há que deixar a direção em mãos da burguesia; o partido \*proletário deve lutar por pôr em pé \*soviets obreiros e camponeses, em estreita colaboração com as repúblicas soviéticas dos países avançados, que é o que permitirá sacar do atraso às colônias e \*semi-colônias sem que estas devam passar por todos os \*estágios e períodos de desenvolvimento capitalista.

Por essas razões, a III Internacional definia com absoluta clareza quais eram as tarefas do jovem \*proletariado e dos Partidos Comunistas coloniais e \*semicoloniais. Em primeiro lugar, assegurar-se sua independência política e ganhar-se um lugar como fator revolucionário autônomo no movimento revolucionário \*anticolonial. Desde ali, levantar a luta pelas tarefas democrático-revolucionárias na luta contra a dominação \*imperialista, e ganhar-se às amplas massas camponesas e obreira, organizando-as para o combate por seus próprios interesses de classe. Assim o diziam as Teses de Oriente: "Duas tarefas confundidas numa só correspondem aos partidos comunistas coloniais e \*semi-coloniais: por um lado, lutar por uma solução radical dos problemas da revolução democrático-burguesa e que tem por objetivo a conquista da independência política; por outro lado, organizar às massas obreiras e camponesas para permitir-lhes lutar por seus interesses particulares de classe e utilizar com esse fim todas as contradições do regime nacionalista democrático-burguês. Ao formular reivindicações sociais, estimulam e liberam a energia revolucionária que não encontrava nenhuma saída nas reivindicações liberais burguesas".

Desta maneira, o \*proletariado podia pôr-se à cabeça da revolução \*anticolonial e unir-se estreitamente à Rússia soviética e a seus irmãos de classe das potências \*imperialistas, já que essa revolução \*anticolonial não podia triunfar nas colônias e \*semi-colônias, senão unicamente como elo do triunfo da revolução \*proletária e da imposição da ditadura do \*proletariado nas metrópoles.

Somente desde ali, então, a III Internacional propunha a tática de testa único \*antiimperialista que significava "acordos \*temporários com a democracia burguesa" mas para nada, como propunha Moreno, que o objetivo da III Internacional nas colônias fora uma primeira etapa de revolução democrático burguesa \*triumfante e de imposição de um governo burguês nativo ao que o \*proletariado devia apoiar.

Assim diziam as Teses de Oriente: "Antes que nada, o movimento obreiro dos países coloniais e \*semi-coloniais deve conquistar uma posição como fator revolucionário autônomo no testa \*antiimperialista comum. Somente se lhe reconhece esta importante autonomia e se conserva sua plena independência política, são admissíveis e inclusive indispensáveis acordos \*temporários com a democracia burguesa. O \*proletariado sustenta e elaboram reivindicações parciais, como por exemplo a república democrática independente, a concessão às mulheres dos direitos que não têm, etc., enquanto a correlação de forças que existe nesse momento não lhe permite propor como tarefa imediata a realização de seu programa soviético. Ao mesmo tempo, tenta lançar consignas susceptíveis de contribuir à fusão política das massas camponesas e \*semi-proletárias com o movimento obreiro. O testa único \*antiimperialista está unido indissolivelmente com a orientação para a Rússia soviética".

Insistimos, então: ainda que é claro que Moreno tinha razão contra \*Lambert, em sua polemica de janeiro de 1982, em relação a que a generalização da teoria da revolução permanente a partir da revolução chinesa tinha refutado e superado a política de testa único \*antiimperialista, o erro de sua teoria que propunha que a III Internacional tinha uma posição de revolução por etapas nas colônias e

\*semi-colônias, terminou levando-o, mal meses depois, a um completo \*desbarranque com o desenvolvimento de seu "teoria da revolução democrática". Isto é, o mesmo Moreno que acusava em forma totalmente equivocada à III Internacional de ter uma posição centrista, terminou desenvolvendo sua própria teoria centrista, \*semi-menchevique e \*etapista da "revolução democrática", como o vimos já em 1982 em Argentina depois da guerra de Malvinas e da queda da ditadura, terminando aos pés do regime democrático burguês.

A trágica experiência da revolução chinesa de 1925-1927, mostrou com clareza que já não tinha nenhuma validade a velha distinção entre países maduros e não maduros para a revolução \*proletária.

Como propusemos ao início deste ponto, para mediados/fins dos anos '20, tinha-se completado um salto de quantidade em qualidade: as potências \*imperialistas já tinham penetrado com a exportação de capital financeiro nas colônias e \*semi-colônias, combinando o surgimento de grandes fábricas com o último grito da técnica e a grandes concentrações obreiras nas cidades, com as sobrevivências feudais mais atrasadas às que o capital financeiro as submete e utiliza em seu próprio benefício. Consolidava-se assim a época \*imperialista com todas suas características já plenamente desenvolvidas, impondo uma economia e uma divisão mundial do trabalho capitalistas.

Assim propunha \*Trotsky a questão em "A revolução permanente": "Em que consiste então a diferença entre os países avançados e atrasados? A diferença é grande, mas se trata de uma diferença nos limites da dominação das relações capitalistas. As formas e métodos de dominação da burguesia nos diferentes países são extraordinariamente variados. Num dos pólos, seu domínio tem um caráter claro e absoluto: os Estados Unidos. No outro pólo -Índia- o capital financeiro se adapta às instituições caducas do \*medieval asiático, submetendo-as e impondo seu método às mesmas. Mas tanto aqui como ali domina a burguesia. Disto se deduz que a ditadura do \*proletariado terá assim mesmo nos diferentes países capitalistas um caráter extremamente variado, no sentido da base social, das formas políticas, dos objetivos imediatos e do impulso de atuação. Mas só a hegemonia do \*proletariado convertida em ditadura deste último, depois da conquista do Poder, pode conduzir às massas populares à vitória sobre o bloco dos \*imperialistas/, dos feudais e da burguesia nacional".

A partir da experiência da revolução chinesa - essa Chinesa na que já "a monarquia não existe desde 1911, não há uma classe independente de grandes \*terratenientes, está no poder o \*Kuomintang nacional-burguês, e as relações feudais se fundiram quimicamente, por dizê-lo assim, com a exploração burguesa" ("A Revolução Permanente")- então, é que \*Trotsky e a Oposição de Esquerda generalizam da teoria da revolução permanente como teoria da revolução mundial, partindo precisamente de liquidar a

distinção entre países maduros e não maduros que estava na base da posição da III Internacional em suas Teses de Oriente, e por isso mesmo, na base da tática de testa único \*antiimperialista. Observem, camaradas, essa brilhante definição de \*Trotsky, repetimos, sobre China, que diz que "as relações feudais se fundiram quimicamente, por dizê-lo assim, com a exploração burguesa". Que significa isto? Que a irrupção do capital financeiro durante um lustro depois da primeira guerra, nas colônias e as \*semi-colônias, ao completar sua penetração, já tinha inclusive \*subsumido ("fundido quimicamente", ao dizer de \*Trotsky) aos vestígios das velhas classes feudais. Indubitavelmente, a irrupção dos grandes \*trustes, dos \*cartel/, nas \*semi-colônias/, e o surgimento de uma burguesia nacional nativa, não deixaram nem vestígios das velhas classes de sociedades de exploração anteriores. A revolução russa não pôde expandir-se e triunfar em Europa, e não pôde impor a ditadura do \*proletariado nesse continente nem, por essa via, nas colônias e \*semi-colônias, pela imaturidade dos partidos da III Internacional e a traição da \*socialdemocracia/ à revolução européia.

Atuaram então as leis do capital em sua época \*imperialista: as da sucção e inclusive submetimento das velhas classes possuidoras nas colônias e \*semi-colônias, por parte do capital financeiro, que terminou assim de impor seu domínio de conjunto na economia mundial, \*moldando a todas as classes dominantes na divisão mundial do trabalho dominada pelo capital financeiro e as empresas \*imperialistas. Só restava terminar de completar essa divisão mundial do trabalho -ante o fracasso da extensão da revolução russa-, com uma nova guerra \*interimperialista para terminar de \*dirimisse as zonas de influência das diferentes potências \*imperialistas, e permitir a emergência, como potência dominante, do país \*imperialista possuidor da mais alta produtividade do trabalho, e possuidor, portanto, da maior zona de influência, como sucedesse com a emergência do imperialismo ianque como resultado da segunda guerra mundial.

O programa do marxismo revolucionário, e sua teoria da revolução foram \*moldados por estas contradições: o atraso do triunfo da revolução \*proletária no conjunto de Europa, e o avanço feroz e ve

loz do capital financeiro das diferentes potências \*imperialistas para terminar de dominar ao mundo, mas já sob formas agônicas. As discussões sobre a revolução chinesa, e a generalização da teoria da Revolução Permanente a todo o planeta a partir das lições da mesma, foram uma resposta a este desenvolvimento desigual e

combinado de um desenvolvimento histórico concreto.

O que conscientemente falsificou este desenvolvimento histórico concreto, foi o \*stalinismo que combinou a \*suedoteoria do socialismo num só país, com outra \*seudoteoria de revolução por etapas. Todo aquele que tenha \*militado na década do '70, conhecerá que o \*stalinismo traiu todas as revoluções no mundo colonial e \*semicolonial de \*África, Ásia e América Latina, à saída da segunda guerra mundial, com a definição de que o que estava proposto nesses países era uma revolução democrática burguesa \*anti-feudal. E que, portanto, estava proposta a aliança da classe obreira com a burguesia nacional para liquidar as oligarquias feudais nativas. Por isso se a passavam procurando ao "militar patriota" e ao "burguês progressista".

Olhem camaradas, que extraordinário o movimento socialista cientista que já em 1927, nas lições da revolução chinesa, tinha generalizado a teoria da revolução permanente em momentos em recém vinha de consumir-se a imposição de uma nova divisão mundial do trabalho esta vez dominada pelo domínio do capital financeiro, com novas leis que implicavam um ajuste na teoria e no programa. Por isso falamos da teoria-programa da revolução permanente.

Assim o dizem com clareza as teses da Revolução Permanente:

" O esquema de desenvolvimento da revolução mundial, tal como fica traçado, elimina o problema da distinção entre países "maduros" e "não maduros" para o socialismo, no sentido da classificação morta e \*pedante que estabelece o atual programa da Internacional Comunista. O capitalismo, ao criar um mercado mundial, uma divisão mundial do trabalho e forças produtivas mundiais, encarrega-se por si só de preparar a economia mundial em seu conjunto para a transformação socialista.

Este processo de transformação se realizará com diferente ritmo segundo os diferentes países. Em determinadas condições, os países atrasados podem chegar à ditadura do \*proletariado antes que os avançados, mas mais tarde do que eles ao socialismo.

Um país colonial ou \*semicolonial, cujo \*proletariado resulte ainda insuficientemente preparado para agrupar em torno seu aos camponeses e conquistar o poder, acha-se por isso mesmo impossibilitado para levar até o fim a revolução democrática. Pelo contrário, num país cujo \*proletariado tenha chegado ao poder como resultado da revolução democrática, o destino \*ulterior da ditadura e do socialismo dependerá, em último termo, não tanto das forças

produtivas nacionais como do desenvolvimento da revolução socialista internacional." (\*negritas nossas).

É por isso, camaradas, que é claro que a experiência da Revolução Chinesa, e a generalização a partir dela da teoria-programa da revolução permanente, ao eliminar a distinção entre países maduros e não maduros e propor com clareza que um país atrasado pode chegar à ditadura do \*proletariado antes que um país \*imperialista, refuta e supera historicamente todas as bases sobre a que se apoiava a tática de testa único \*antiimperialista das teses de oriente da III Internacional. É por isso, camaradas, que não há, desde 1926 em adiante, um só escrito de \*Trotsky, nem da Oposição de Esquerda, nem da IV Internacional, no que volte a mencionar-se dita tática, que não figura, também não, no programa da IV Internacional, o Programa de Transição, que tem um capítulo completo dedicado a "Os países atrasados e o programa de reivindicações transitórias".

E tem mais, a necessidade da fundação de uma nova internacional revolucionária –a IV Internacional, a mudança de número da mesma, deveu-se não somente à traição do \*stalinismo e sua passe ao campo da \*contra-revolução, senão a que se tinha voltado indispensável ajustar e mudar dois aspectos

centrais da teoria e o programa revolucionários: a saber, a incorporação da tarefa da revolução política para a \*URSS, e precisamente a generalização da teoria da Revolução Permanente como teoria-programa da revolução socialista internacional. Duas mudanças teóricas e programáticas fundamentais que a III Internacional revolucionária dos quatro primeiros congressos, não contemplava –nem teria podido em seu momento- contemplar.

Assim o marcou \*Trotsky com clareza nas próprias Teses da Revolução Permanente, quando em sua tese 1 diz: "A teoria da revolução permanente exige na atualidade o maior atendimento por parte de todo marxista, já que o rumo da luta de classes e da luta ideológica veio deslocar de um modo completo e definitivo a questão, sacando-a da esfera das recordações de antigas divergências entre os marxistas russos para fazê-la versar sobre o caráter, o nexo interno e os métodos da revolução inter

nacional em general". (Tese 1, Que é a revolução permanente?, \*negritas nossas). Da mesma maneira contempla esta mudança indispensável o Programa de Transição, fundacional da IV Internacional, quando em seu capítulo "Os países atrasados e o programa de reivindicações tran-

sitórias" afirma com clareza que: "O peso relativo de cada uma das reivindicações democráticas e transitórias na luta do \*proletariado, os laços entre elas e sua ordem de sucessão, vêm determinados pelas peculiaridades e condições específicas de cada país atrasado, e em medida considerável, pelo grau de seu atraso. No entanto, a tendência geral do desenvolvimento revolucionário pode determinar-se pela fórmula da revolução permanente no sentido definitivamente conferido a ela pelas três revoluções de Rússia (1905, fevereiro de 1917 e outubro de 1917)". (\*negritas nossas)

O Programa de Transição, então, é absolutamente claro: a tendência geral do desenvolvimento revolucionário nos países \*semi-coloniais e coloniais se determina pela fórmula da revolução permanente, e não pelas Teses de Oriente e a tática do \*FUA do IV Congresso da III Internacional. Tática de \*FUA que, insistimos, desde 1925-27 em adiante, jamais voltou a propor-se nem a reivindicar-se em nenhum texto da Oposição de Esquerda, nem depois da IV Internacional.

Camaradas, a política contida nas Teses de Oriente e a aplicação da tática do "testa único \*antiimperialista" por parte da III Internacional a princípios dos anos '20, partia da base de que existiam naquele momento ainda países maduros e não maduros -pela imaturidade do \*proletariado- para a revolução \*proletária. Vocês, camaradas, defendem a vigência da teoria-programa da Revolução Permanente, e portanto, sem dúvida, coincidem com a afirmação contidas em suas teses que liquida a distinção entre países "maduros" e "não maduros" para a revolução \*proletária. Da mesma maneira, coincidirá com a afirmação de ditas teses de que, sob determinadas condições, um país atrasado pode chegar à ditadura do \*proletariado antes que um país avançado, ainda que "mais tarde ao socialismo". Mas se isto é assim, que significado tem então, seguir propondo hoje a tática do testa único \*antiimperialista? Vocês têm a palavra, camaradas.

A transformação das táticas em estratégia

Mas ademais, camaradas, vossa corrente propõe o testa único \*antiimperialista nos países \*semi-coloniais e coloniais em forma permanente, em todo momento e lugar. Ainda para a III Internacional, o testa único \*antiimperialista era uma tática, e como tal e por \*auto-definição, circunstancial, transitória, limitada no tempo. Levantá-la em todo país \*semicolonial ou colonial, em todo momento, como resposta a todo, ainda hoje, depois de 83 anos daquele IV Congresso da III Internacional, isso é transformar uma tática - e ademais, já refutada histórica-

mente - em estratégia. Cremos que, nesta questão de aplicar mecanicamente o testa único \*antiimperialista nos países \*semi-coloniais, e o testa único obreiro nos países \*imperialistas, em todo momento e lugar, não terminaram de romper com a herança do \*lambertismo.

Por exemplo, vimos ao \*lambertismo (corrente que prove do Comitê Internacional, e que não participou da reunificação de 1963) nos últimos 30/40 anos levantar permanentemente, em todo momento e lugar, sob não importa que condições objetivas e daí situação da luta de classes, a política de Testa \*Único Obreiro. Isto é, vamo-lo transformar em estratégia o que para a III Internacional foi uma tática circunstancial (e por isso a votou em seu IV Congresso, e não no primeiro, nem o segundo nem o terceiro): a partir de 1921, depois da derrota da revolução alemã, estabilizou-se o capitalismo em Europa; voltou-se a consolidar a \*socialdemocracia e, ao mesmo tempo, o capital lançou uma ofensiva contra as conquistas e o nível de vida das massas. Estas responderam com uma tendência espontânea à unidade. Os partidos comunistas da III Internacional, ainda que fortalecidos em muitos países, seguiam sendo minoritários com respeito à \*socialdemocracia. A tática de testa único obreiro, sob estas condições precisas, tinha o objetivo de ajudar à classe obreira a enfrentar a ofensiva lançada pela burguesia; nesse caminho, ajudá-los a que fizessem a experiência com a \*socialdemocracia, e que assim os partidos comunistas pudessem brigar por ganhar à maioria da classe obreira. O \*lambertismo, pelo contrário, transformou numa estratégia essa tática circunstancial da III Internacional, e terminou aos pés do testa popular do \*PS e o PC em França nos '80, do governo de \*Mitterrand e do regime \*imperialista da IV República. Da mesma maneira, o \*lambertismo transformou numa estratégia a política do Testa \*Único \*Antiimperialista nos países \*semi-coloniais, e terminou em 1971 em Bolívia, da mão de seus então sócios \*loristas e \*altamiristas, no \*FRA, aos pés do general Torres e os supostos militares "patriotas", e do \*stalinismo.

Nós afirmamos em nossa carta do 24 de dezembro, que não víamos que a aplicação da política de testa único \*antiimperialista levasse hoje a vossa corrente a uma adaptação ao testa popular. Cremos que isto segue sendo assim no caso de Brasil mas, como veremos mais adiante, no caso do camarada \*Gamboa do POR de Argentina, sim o levou a reivindicar, em nome do \*FUA, o assinar programas com a burguesia, com este 1° de maio em San Nicolás. É que dita política, transformada numa estratégia, gera confusão, e, a nosso entender, os põe

permanentemente frente ao perigo de adaptação a setores das burguesias nacionais dos \*países \*semi-coloniais, como o mostra, por outra parte, vossa posição frente ao problema das Forças Armadas. Porque, propor permanentemente, em todo momento, a política de testa único \*antiimperialista, que significa? que os obreiros e camponeses pobres nos países coloniais e \*semi-coloniais precisam aos "oficiais patriotas" ou aos burgueses "nacionalistas" para que os ajudem em sua luta contra o imperialismo?

Para nós, colegas, a experiência da revolução equatoriana é muito ilustrativa ao \*respeito. Porque em janeiro de 2000, quando os camponeses e os trabalhadores derrocaram a \*Mahuad e tomaram o Palácio do Queimado, o que fizeram a direção da \*CONAIE/ e os \*stalinistas do Testa Patriótico, foi precisamente um "testa único \*antiimperialista" com o então coronel "patriota" Gutiérrez. Entregaram-lhe o poder, e este \*pressuroso, se o devolveu a \*Noboa, o \*vice-presidente, quem assessorado por Domingo \*Cavallo, lançou a dolarização, sacou o exército à rua, e lhes impôs enormes e redobradas \*penúrias aos obreiros e camponeses.

Em meados de 2002, frente ao processo eleitoral em \*cernes, novamente as direções traidoras \*stalinistas da \*CONAIE/ e o Testa Patriótico, puseram em pé seu "testa único \*antiimperialista" com Gutiérrez, conformando uma aliança eleitoral que o levou ao governo. Gutiérrez, o suposto coronel "patriota", amigo de Chávez, Fidel Castro e \*Hebe de \*Bonafini, passeado pelo Foro Social Mundial por toda América Latina como o maior "\*antiimperialista", não só é o mais fiel \*aplicador dos planos do FMI, não só permite a instalação de novas bases ianques em Equador e está a ponto de assinar um \*TLC com os Estados Unidos, senão que vem de deter e encarcerar em Equador a um dos máximos representantes das \*FARC/ de Colômbia!!!

Camaradas, o de terminar aos pés dos "militares patriotas" e dos "burgueses progressistas", isto é, na \*seudoteoria/ \*stalinista dos "campos burgueses progressivos", é o perigo ao que os leva transformar a tática de testa único \*antiimperialista -mais em cima já refutada pela história e pela teoria-programa da Revolução Permanente-, em estratégia, como vocês o fazem.

A aplicação da política de \*FUA por parte do camarada \*Gamboa em Argentina  
Um exemplo: o ato pelo 1º de Maio em San Nicolás

Quando iniciamos a discussão com a \*TCl aclaramos, depois de ter viajado a Brasil, e de co-

nhecer inclusive muitas das posições do POR de Argentina, que considerávamos esta discussão sobre \*FUA com a \*TCl, como uma discussão teórica. Podíamos perceber que, indubitavelmente, vossa corrente não \*escorria, desde o ponto de vista programático, em nenhuma política de colaboração de classes. E tem mais, entusiasmadava-nos a intransigência dos camaradas da \*FT/ de Brasil contra a frente popular de Lula e Alencar. Mas, como diria Lenine, um erro de um milímetro na teoria pode levar, se este não se corrige a tempo, a graves erros e desvios no programa, mais temporão que tarde.

Por isso dizia Lenine que, sem teoria revolucionária, não há praxe revolucionária. Assim, o próprio Lenine, durante a primeira guerra mundial \*reformulo sua teoria e seu programa para a revolução socialista internacional. Depois, em 1917, em suas "Teses de Abril" e como refração disso, \*reformulo sua teoria e seu programa frente à revolução que se tinha iniciado em fevereiro em Rússia, enfrentando-se duramente aos velhos \*bolcheviques que se apegaram ferrosamente às velhas fórmulas do passado, como a da ditadura "democrática de obreiros e camponeses", e longe de pôr-se à altura das circunstâncias, tinham terminado, por essa via adaptando-se, ao governo provisório \*imperialista.

Então, o desvio programático tinha que vir, a partir da teoria errônea sobre o testa único \*antiimperialista, questão que se expressou na correspondência sustentada entre a \*LOI (\*CI) de Argentina e a \*FTI-\*CI, com o camarada \*Gamboa a raiz da assinatura de um programa burguês com a burguesia, em aras da tática do \*FUA.

Já mais acima assinalávamos do que o perigo da política de testa único \*antiimperialista, e mais em cima levantada em todo momento e lugar, abre o perigo de adaptação a setores das burguesias nos países \*semi-coloniais. Cremos que isto é precisamente o que já sucedeu, com a defesa que faz o camarada \*Gamboa do POR de Argentina de assinar em San Nicolás, num ato de propaganda o 1º de Maio, um programa burguês com o \*stalinismo e com setores da burguesia como é o \*ARI de Elisa Carrió, que propõe uma consigna de poder burguesa, como é a luta por uma "Argentina livre, justa, participativa, democrática e solidária".

Já polemizamos ao \*respeito com o camarada \*Gamboa, e \*ajuntamos dita polémica como Anexos a esta carta

O colega \*Gamboa apóia a política de ter assinado esse programa, argumentando que "...Se trata da combinação da tática de testa único \*antiimperialista com a construção do partido..." (Carta do 22/05/04, assinada sob responsabilidade de Gustavo \*Gamboa pela \*TCI/).

Nós já desenvolvemos mais acima por que afirmamos do que a tática do testa único \*antiimperialista votada pela III Internacional em seu IV Congresso, foi refutada e superada definitiva e historicamente pela generalização da teoria da revolução permanente a partir da experiência da revolução chinesa de 1925-27. Mas o camarada \*Gamboa tem um problema, porque para a III Internacional, sob as condições específicas daqueles primeiros anos da época \*imperialista, jamais a aplicação da tática do testa único \*antiimperialista significava do que o partido \*proletário, revolucionário, devia assinar programas comuns com a burguesia, nem devia rebaixar seu programa em aras de um acordo com a mesma. Pelo contrário, como citamos profusamente mais acima, a condição sine-quantum de dita tática era a mais absoluta independência do partido \*proletário.

Assim, já nas "Teses e adições sobre as questões nacional e colonial", do II Congresso da III Internacional, em seu ponto 5, diz-se com clareza:

"A Internacional Comunista deve apoiar os movimentos revolucionários nas colônias e nos países atrasados só a condição de que os elementos dos mais puros partidos comunistas -e comunistas nos

feitos- sejam agrupados e instruídos em suas tarefas particulares, isto é, em sua missão de combater ao movimento burguês e democrático. A Internacional Comunista deve entrar em relações \*temporárias e formar também uniões com os movimentos revolucionários das colônias e os países atrasados, sem jamais fusionar-se com eles e conservando sempre o caráter independente do movimento \*proletariado, inclusive em sua forma embrionária".

Nas Teses de Oriente, que já citamos mais acima, a III Internacional diz que, partindo destas condições, são admissíveis "acordos \*temporários com a democracia burguesa". Outra coisa muito diferente a um "acordo \*temporário", é assinar um programa comum por uma Argentina burguesa, com a burguesia e com o \*stalinismo, como defende em colega

\* G a m b o a .  
Longe de chamar a assinar-lhe programas à burguesia, as Teses de Oriente, por exemplo, com respeito ao problema agrário, afirmavam que "AOS fins de uma participação ativa das massas camponesas na luta pela libertação na-

cional, é indispensável proclamar uma modificação radical do sistema de \*usufruto do solo. Ao mesmo tempo, é indispensável forçar aos partidos burgueses nacionalistas a adotar a maior parte possível desse programa agrário revolucionário". (\*negritas nossas)

E tem mais, para a III Internacional a tática de \*FUA tinha como objetivo desmascarar ante as massas as limitações e a covardia do nacionalismo burguês: "Da mesma maneira que a consigna de testa único \*proletário em Ocidente contribuiu e ainda contribui a desmascarar a traição, por parte dos \*socialdemocratas/, dos interesses do \*proletariado; a consigna de testa único \*antiimperialista contribuirá também a desmascarar as dúvidas e incertezas dos diversos grupos do nacionalismo burguês". (Tese de oriente).

Pelo contrário, a política do camarada \*Gamboa de assinar com um partido burguês como o \*ARI (e, aclaremos, para nada "nacionalista burguês", senão abertamente pró-\*imperialista/, pró-ianque), um programa com uma consigna de poder burguesa, por uma Argentina burguesa, longe de contribuir a desmascarar ante os olhos dos trabalhadores a esse partido burguês, claramente o encobre e o embeleza, e o considera "parte do povo", como diz o volante do 1º de Maio da multi-setorial de San Nicolás.

O camarada \*Gamboa diz que somos "\*sectários". Nós, tal como se o propomos em nossa carta do 24/5/04, respondemos-lhe que estamos dispostos a fazer unidade de ação com deus e com o diabo (sem pedir-lhe ao diabo que se tire os cornos), desde que isto signifique um passo adiante para as massas, para sua ação. que fazemos unidade de ação com o diabo e com sua avó, se isso serve para um passo adiante das massas, numa greve, num conflito, numa mobilização \*antiimperialista. Para dar um exemplo: o 5 de junho se convocou a uma marcha por Iraque. As consignas das organizações convocantes propõem: a) Fosse já os \*imperialista de Iraque. Solidariedade com a heróica resistência do povo iraquiano. b) nem um soldado argentino a Haiti c) Se tocam a Cuba nos tocam a todos d) Solidariedade com o povo palestino contra o massacre do Estado de Israel e) Não ao ALCA. Não ao pagamento da dívida. Não ao acordo com o FMI. Desde a \*LOI (\*CI)-Democracia Obreira, aderimos à mobilização, deixando aclaradas nossas reservas programáticas, isto é, que em dita convocação não se denuncia à ONU e aos imperialistas franceses e alemães que se \*apressam a intervir em Iraque para salvar às tropas invasoras e manter o protetorado; que não se denuncia que é Kirchner, o servente de Bush, o que manda as tropas

a Haiti, e que a Cuba se a defende e se derrota ao

ALCA e a todos os pactos econômicos que atam aos países latino-americanos aos \*imperialistas/ianques e aos europeus, com o triunfo da revolução obreira e socialista em América Latina.

Pese a estas questões programáticas -que incluímos em nossa agitação-, chamamos a marchar e mobilizar, porque é uma ação que ajuda às heróicas massas iraquianas, e porque é um passo adiante na ação \*antiimperialista da vanguarda e as massas em Argentina.

Intervimos, então, sem nenhum \*sectarismo: em unidade de ação \*antiimperialista, golpeando juntos, marchando separados. Mas não assinamos nenhum programa burguês, com nenhuma consigna de poder burguês. Não assinamos nenhum programa que diga, por exemplo, "Por um Iraque livre, justo, participativo, democrático e solidário".

Outra coisa muito diferente a uma unidade na ação, numa luta ou numa mobilização \*antiimperialista como a do 5 de junho, é um ato do 1° de Maio, que é um ato de propaganda, dos que consideramos que, se as organizações majoritárias que os convocam lhes imprimem um caráter de colaboração de classe, ou reacionárias, não há que participar, como já argumentamos \*extensamente em todo o intercâmbio de cartas que \*ajuntamos como Anexo a esta resposta.

#### CAPITULO V: SOBRE O MÉTODO PARA ABORDAR A REALIDADE E COMO CARACTERIZAR UMA SITUAÇÃO DA LUTA DE CLASSES, NO MEIO DA \*ÉPOCA/ DE CRISE, GUERRAS E REVOLUÇÕES

Em nossa carta do 24 de dezembro de 2003, propúnhamos que tomávamos nota sobre as diferenças de caracterização da situação mundial pos-iraque, de América Latina e de Argentina, para abrir ao redor disso uma reflexão e um debate.

Não queremos aqui estender-nos em nossas posições sobre a situação mundial, sobre América Latina, sobre Argentina, Bolívia, Iraque, Haiti, Espanha, Peru etc., que estão amplamente desenvolvidas em nossos materiais públicos, dos que vocês dispõem. Mas cremos que no fundo das divergências ao \*respeito, há efetivamente diferenças quanto ao "método com o que abordamos a realidade".

Trotsky definia da seguinte maneira o caráter da época \*imperialista: "O caráter revolucionário da época não consiste em que permite realizar a revolução, isto é, apoderar-se do poder a

cada momento, senão em suas profundas e bruscas oscilações, em suas transições freqüentes e brutais que a fazem passar de uma situação diretamente revolucionária, em que o partido comunista pode pretender arrancar o poder, à vitória da \*contra-revolução/ fascista ou \*semifascista, desta última ao regime provisório do justo meio (bloco das esquerdas em França, entrada da \*social-democracia/ na coligação em Alemanha, advertimento ao poder do partido de \*Mac Donald em Inglaterra, etc.) para fazer de novo, mais tarde, as contradições \*cortantes como uma navalha de barbear e propor claramente o problema do poder". ( "A estratégia e a tática na época \*imperialista", em \*Stalin ", o grande organizador de derrotas").

Para nós, camaradas, toda caracterização da realidade deve ser abordada desde esta definição da época \*imperialista -época de crise, guerras e revoluções-, como uma época de mudanças bruscas, de violentas oscilações, de explosivas alternativas de fluxos e \*refluxos políticos, de oscilações furiosas da situação a esquerda e a direita, de virulentos espasmos da luta de classes. Esta característica essencial da época \*imperialista, é a expressão do fato de que, historicamente, o sistema capitalista mundial está esgotado, de que já não é capaz de progredir em bloco. Ao dizer de \*Trotsky, "Isto justamente -e não, por suposto, que esteja proposto para o proletariado tomar em poder em todo momento, nem que tenha "revoluções em todas partes"- dá à época um caráter de revolução, e à revolução um caráter de permanência" (\*ídem).

Cremos que só desde este entendimento do caráter da época \*imperialista, e da lei de causalidade histórica fundamental que nela rege -isto é, a crise de direção revolucionária do \*proletariado-, é possível compreender os saltos para diante e para atrás, os avanços e os retrocessos, os equilíbrios precários e a ruptura dos mesmos, os estalidos revolucionários e as respostas da contra-revolução, que estabelece a dialética da luta de classes mundial. Caso contrário, corre-se o risco de cair, por um lado, numa visão \*esquemática, de caracterizações históricas que duram décadas, ou \*evolucionista (considerando que o desenvolvimento da luta de classes deve passar por estádios inevitáveis, de uma situação não revolucionária a uma \*pre-revolucionária, e depois revolucionária, etc.). Como diz \*Trotsky em "Aonde vai França?", "O pensamento marxista é \*dialético, considera a todos os fenômenos em seu desenvolvimento, em seu passo de um estado a outro. O pensamento do \*pequeno-burguês conservador é metafísico: suas concepções são imóveis e imutáveis entre os fenômenos há \*tabiques impermeáveis.



A oposição absoluta entre uma situação revolucionária e uma situação não revolucionária é um exemplo clássico de pensamento metafísico, segundo a fórmula: o que é, é; o que não é, não é, e todo o demais é coisa de \*Mandinga". Para explicar depois, no mesmo trabalho, que na luta de classe se dão

todo tipo de situações mas que, o que existe, sobretudo, são situações intermédias, transitórias, produto do desenvolvimento desigual entre os fatores objetivos -mais do que maduros para a revolução \*proletária-, e o fator subjetivo, mais do que imaturo para a mesma, isto é, a crise de direção revolucionária.

Para nós, camaradas, são aqui onde estão centradas as diferenças entre nossas tendências ao redor de com que método para abordar a realidade. Efetivamente, nós cremos que vossa tendência, ao não abordar a realidade desde este caráter da época \*imperialista como uma época de mudança bruscos, a aborda permanentemente desde uma visão estática, \*evolucionista, a nosso entender, profundamente sindicalista. Isto é, contribuem a criar uma consciência de que a classe obreira tem que partir sempre e inevitavelmente de todo um período de lutar unicamente por suas demandas econômicas através dos sindicatos, para ir elevando assim lentamente sua consciência, e que não há mudanças bruscas que podem empurrá-la, de uma hora para outra, à luta política de massas e pô-la ante o problema do poder. Ou vice-versa: se o \*proletariado não se faz do poder no momento em que tem proposto fazê-lo, a situação poderá desenvolver em \*contra-revolucionária.

Por isso \*Trotsky insiste, no mesmo trabalho de "Aonde vai França", em 1934 (antes do início da revolução francesa em 1936), em contra de todo método metafísico, em como via e como atuava o grande capital ante a evolução dos acontecimentos nesse país. E referindo-se a isso, dizia: "Segunda lição destacável de estratégia de classe! Mostra que inclusive o grande capital que tem a sua disposição todas as alavancas de comando, não pode apreciar de um só golpe, a priori e infalivelmente, a situação política em toda sua realidade: entra na luta e, no processo, sobre a base da experiência que esta lhe dá, corrige e precisa sua apreciação. Este é em geral, o único meio possível de orientar-se em política, exatamente, e ao mesmo tempo, ativamente".

Desde este ponto de vista e a nosso entender, camaradas, vocês, como muitas outras correntes e grupos, não se baseiam no \*materialismo histórico para definir etapas, situações, etc. Le-

nine e \*Trotsky, para defini-las, partiam, em primeiro lugar, de definir as condições objetivas. Assim, por exemplo, em 1915, na bancarrota "da II Internacional", no meio da primeira guerra mundial \*interimperialista, Lenine partia por definir que as condições objetivas eram revolucionárias. No meio da guerra, quando as classes obreiras de Europa se massacravam umas a outras no campo de batalha ao serviço dos interesses de cada uma de suas burguesias \*imperialistas, quando não tinha uma só greve nem luta de massas!

Assim definia Lenine as condições objetivas em 1915: "Uma crise política existe: nenhum governo está seguro do dia de manhã, nem um só está protegido contra o perigo de uma bancarrota financeira, perda de território, de que se o expulsa de seu país (como foi expulsado o governo de Bélgica). Todos os governos estão dormindo sobre um vulcão: todos estão eles mesmos apelando às massas para mostrar iniciativa e heroísmo. O regime político de Europa está estremecido em sua totalidade, e ninguém, seguramente ninguém, negará que entramos (...) num período de imensas comoções políticas (...) A guerra se estende. Os alicerces políticos de Europa são sacudidos mais e mais. Os sofrimentos das massas são terríveis, e os esforços dos governos, a burguesia e os oportunistas para \*silenciar esses sofrimentos fracassam com frequência sempre maior. Os ganhos que obtêm da guerra verdadeiros grupos capitalistas são monstruosamente altas. A agudização das contradições é \*intensíssima. A surda indignação das massas, o desejo confuso das capas oprimidas e ignorantes de uma paz favorável ("democrática"), o começo do descontentamento dos de abaixo: todo isso são fatos. (...) Numa palavra, a situação revolucionária num fato na maior parte dos países avançados e das grandes potências de Europa. (...) Se prolongará muito tempo esta situação? Até que ponto seguirá agravando-se? Terminará numa revolução? Não o sabemos, ninguém pode sabê-lo. A resposta só poderá ser dada pela experiência do desenvolvimento do sentimento revolucionário e de sua transição às ações revolucionárias da classe de avançada, do \*proletariado..." (A bancarrota da II Internacional, Lenine, 1915).

É desde este método, camaradas, de definir em primeiro lugar as condições objetivas, que nós afirmamos que, a partir do estalido da crise econômica e financeira mundial em 1997 —e suas sucessivas rondas—, desenvolvem-se condições objetivamente revolucionárias a nível mundial. Significa isto que há ou terá "revoluções em todas partes"? Em absoluto: significa, para nós, que constantemente saem à luz as marcas do sistema capitalista em \*putrefação, com catástrofes econômicas, com o afundamento de paí-

ses ou de zonas inteiras do balão. Significa que as contradições entre as forças produtivas e o \*cepo da propriedade privada e das fronteiras nacionais se agudiza, e que o imperialismo descarrega esta crise com mais \*super-exploração sobre seus próprios trabalhadores e sobre as \*semi-colônias e colônias. Impera a crise social, com um crescimento inacreditável do sofrimento das massas, com um aumento incessante da miséria e a desocupação crônica.

Sob estas condições, os de acima já não podem seguir dominando como até então. Os golpes da crise econômica e financeira mundial, solapam e desestabilizam aos estados, regimes e governos, abrem-se brechas e divisões nos de acima, agudiza-se a tendência às guerras comerciais e às disputas \*interimperialistas. Por essas brechas, tende a colar-se a irrupção das massas em setores e países do planeta, conseguindo abrir, em alguns deles –Equador, Albânia e Indonésia em 1997; Palestina em 2000, Argentina em 2001, Bolívia em 2003- o início da revolução. Em outros lugares, pelo contrário, os golpes do \*crac –e a ação das direções traidoras atuam desorganizando as filas obreiras, impedindo-lhe responder, aprofundando sua divisão, como vissemos em Coréia do Sul, em Rússia em 1998, em Brasil no mesmo ano.

Mas também, sob essas condições, o imperialismo responde com redobradas \*contra-ofensivas para descarregar o peso da crise sobre as massas exploradas, com guerras de massacre e \*coloniais como em Afeganistão e Iraque, com golpes \*contra-revolucionários –\*korniloviadas- como vimos em Palestina-, com políticas de contenção apoiado na política de colaboração de classes das direções traidoras (como vemos em América Latina), com guerras \*fratricidas como vemos no \*África e como a que preparam para achatar à revolução boliviana.

Desde aqui, camaradas, insistimos, não se trata de que tenha “revoluções em todas partes”, se não que, pelo contrário, o que se desenvolvem são mudanças bruscas, saltos para adiante e para trás, tendência a

confronto mais direto entre revolução e \*contra-revolução, cracs e guerras e, como diria \*Trotsky, multidão de situações transitórias, intermédias. Mas não ver que estes acontecimentos se sucedem, impede preparar aos partidos obreiros revolucionários para estas mudanças bruscas e, portanto, impede preparar ao \*proletariado para a tomada do poder.

É por isso que cremos que, tal como dizia \*Trotsky, “Se não se compreende de uma maneira vasta, generalizada, dialética, que a atual é uma época de mudanças bruscas, não é possível educar verdadeiramente aos jovens partidos, dirigir judiciosamente desde o ponto de

vista estratégico a luta de classes, combinar exatamente seus procedimentos táticos nem, sobretudo, mudar de armas brusca, resolvida, audaciosamente cada nova situação. E precisamente, dois ou três dias de mudança brusca decidem a vezes a sorte da revolução internacional por vários anos.” (“\*Stalin, o grande organizador de derrotas”)

### A experiência da Argentina

É desde esse método de abordar a realidade que nós afirmamos que em Argentina, em dezembro de 2001, começou uma revolução, à que, desde seus inícios, caracterizamos como uma semi-revolução, meio cega, meio surda, meio muda, que deixou como tarefa \*inconclusa a de terminar de demolir, com um novo \*embate de massas, ao regime infame, deixar completamente desestabilizado o estado burguês, e instaurar um regime de duplo poder. É que, sob estas condições objetivamente revolucionárias, já desde começos desse ano, sob o impacto da terceira ronda da crise econômica mundial que golpeou ao coração dos Estados Unidos, Argentina se transformou no elo mais débil da corrente de domínio \*imperialista no continente: ficou completamente \*deslocada da divisão mundial do trabalho, estourou o modo de acumulação baseado no endividamento e o saque da nação, e se esgotou e entrou numa crise monumental o regime de partidos \*patronais baseado na Constituição de 1853-1994. Abriram-se enormes brechas e divisões nas alturas, e por entre elas irromperam a classe obreira e os explorados com ações históricas independentes -passando por em cima de todas suas direções- nas jornadas de dezembro de 2001, abrindo a revolução: derrocaram a De La \*Rúa, deixaram completamente desestabilizado o regime burguês e ao estado sem instituições legitimadas nem \*prestigiadas, e abriram uma descomunal crise revolucionária nas alturas, que propôs ao vermelho vivo o problema do poder.

Efetivamente, camaradas, para nós, nos dez dias que vão desde a queda de De La \*Rúa até a assunção de Duhalde, o que se desenvolveu em Argentina foi uma descomunal crise revolucionária, um vazio de poder e \*deslocamento do regime burguês que se expressava em que não tinha uma só instituição do regime e do estado que não fora profundamente odiada e repudiada pelas massas: os juízes da Corte Suprema não podiam sair de tribunais; a Assembléia legislativa só podia \*secionar rodeada de milhares de polícias e sob o assédio das massas mobilizadas; os políticos burgueses e os burocrata sindi-

cais não podiam caminhar pelas ruas, enquanto se sucediam cinco presidentes nesses dez dias. A

burguesia se achava aterrorizada e dividida, aprofundando-se suas disputas e divisões ao redor de como fechar a crise nas alturas, como enfrentar ao movimento de massas, e como começar a procurar uma saída ao esgotamento do modo de acumulação e ao \*deslocamento de Argentina da divisão mundial do trabalho. Camaradas, se não é uma crise revolucionária, como define vocês essa situação?

Por suposto que está claro que, por crise de direção revolucionária do \*proletariado –que é onde se concentra a imaturidade da revolução que começava, e não por nenhuma “imaturidade” das massas, nem por atraso de sua consciência- a resposta a deu a burguesia, que fechou a crise revolucionária nas alturas. E os dois anos e meio que passaram, a ação das direções traidoras de todo pelagem (burocracia sindical e \*piquetera, esquerda reformista em suas variantes \*stalinista e dos renegados do \*trotskismo), que estrangularam toda possibilidade de pôr em pé, centralizar e armar organismos de duplo poder das massas em luta, acompanhados com golpes \*contra-revolucionários preventivos da burguesia (como em Puente \*Pueyrredón), levou primeiro a revolução a uma encruzilhada, e depois de dezembro de 2002, e em particular a partir da assunção de Kirchner, com a vinda e o apoio de Fidel Castro, de Castro, Lula, Chávez, o \*FSM e com a trégua de todas as direções reformistas, a um retrocesso e a sua interrupção, que nós denominamos como um verdadeiro \*interregno da revolução.

A situação revolucionária foi interrompida, e se abriu uma situação intermédia, transitória, onde a burguesia consegue imensas conquistas, como a de Argentina na divisão mundial do trabalho, o fortalecimento do regime da transição, o giro das classes médias, em seu pêndulo, de esquerda a direita. A crise social foi atirada sobre o \*proletariado como "crise de seguridade" para ganhar base social nas classes médias e que o regime adquira base de massas, enquanto todo isto é pago pela classe obreira com seus músculos e seus ossos gerando-se um ciclo de crescimento \*bastardo que, nem de longe, consegue recuperar o que a crise destruiu.

O da \*TCI/, um método não \*internacionalista para definir o desenvolvimento das situações da luta de classes em cada país.

Está definida historicamente a revolução argentina? Está por ver-se. E isso dependerá não tão só das atuais lutas em curso, das novas divisões

na burguesia que emergem produto de que o imperialismo recreia novas fricções pelo repartido do \*botín, senão que dependerá decisivamente -contra toda visão nacional, nacionalista, e portanto estática e \*escolástica- da luta de classes a nível internacional. Porque a revolução argentina interrompida pôde reabrir-se se não ficava \*inconclusa a heróica revolução boliviana.

Vemos em vocês uma visão absolutamente nacionalista para analisar as etapas e situações num país.

Porque quando, depois da derrota nacional imposta a Iraque pelo imperialismo, todo parecia retroceder, quando lhe impunham uma interrupção à revolução argentina, quando se impunha em América Latina uma política continental de contenção baseada na colaboração de classes, a classe obreira e os camponeses bolivianos conseguiram romper a trégua imposta por suas direções, irromperam com ações históricas independentes, derrocaram a \*Goni e iniciaram a revolução, e provocaram, ali também, uma crise revolucionária nas alturas. Isto é, produziu-se precisamente uno dessas mudanças bruscas que lhe propôs ao \*proletariado fazer-se do poder. E se a burguesia deu a saída com a assunção de Mesa, não foi em absoluto por imatura das massas, ou por atraso em sua consciência, ou porque não estivessem as condições para preparar a \*insurreição e a tomada do poder (que estavam, e mais do que maduras, desde fevereiro de 2003), senão pela traição de \*Evo Morales, de \*Quispe e da direção da \*COB/ que lhe entregaram o poder a Mesa.

E este foi o fato decisivo pelo qual inclusive, dentro da situação transitória em Argentina, agudizaram-se conjunturas racionarias, como a exemplificada nessa marcha de beatos dirigidas por um empresário têxtil que queria obreiros escravos nos cárceres trabalhando para suas empresas, como é \*Blumberg.

Reivindicamos nosso método marxista para definir e aproximar-nos a uma caracterização da realidade e intervir nela. Quando se redigiu o programa de 21 pontos, depois da \*korniloviada/ de Sharon e Bush que achatou a heróica revolução palestina em 2002, negávamo-nos a definir que essa revolução estava derrotada, e dizíamos que o destino definitivo dessa revolução ia resolver no terreno de Iraque. Por isso, hoje afirmamos que, com a imposição do protetorado ianque em Iraque, essa revolução palestina foi definitivamente derrotada e se expressa como heróica resistência e Intifada . Inclusive situações racionarias e de derrota que poderíamos qualificar como \*contra-revolucionarias, como é a imposição do protetorado ianque em Iraque, não podem consolidar-se, porque as potências \*imperialistas não lhes impuseram uma derrota tal a seus próprios

\*proletariados que lhes de capacidade de manobra como para aplicar ações fascistas em grande escala -como fizeram em Palestina- para achatar à resistência iraquiana. Assim, intervenções espontâneas como a da classe obreira do Estado Espanhol contra Aznar e sua tentativa de fechar o testa \*imperialista com o \*auto-atentado nos transportes ferroviários de Madri e de avançar contra sua própria classe obreira, culminaram dando-lhe novos \*brios à resistência iraquiana e permitiu que esta passasse a uma fase de ofensiva de tomada de cidades como \*Falluja e \*Najaf.

Creemos honestamente, depois de ler vossa crítica aos 21 pontos, e de ver vosso método para analisar e caracterizar situações, que perdem todo método \*internacionalista para definir as situações em cada país, quando são as condições internacionais as que determinam de forma decisiva o desenvolvimento das mesmas.

Vemos um pensamento metafísico, \*esquemático, \*evolucionista, em vossa definição das caracterizações das diferentes etapas e situações da luta de classes, que inclusive nega o "verde árvore da vida".

Desde vosso ponto de vista, a "Resistência peronista" da classe obreira em Argentina, de 1955 a 1959, que enfrentou um regime \*bonapartista, com a classe média em contra, que situação foi? Para nós, em resistência, foi uma enorme situação \*pré-revolucionário que inclusive, por condições internacionais como a revolução cubana, terminou radicalizando à classe média Argentina. E quando esta situação \*pre-revolucionária se fecha, produto das traições da nova burocracia sindical peronista, o que avançaram foram situações racionarias ou não revolucionários, como significaram o golpe de \*Onganía em 1966. Mas durou pouco tempo: o Maio francês, o levantamento de Praga, provocaram uma enorme radicalização de massas em todo o mundo e também em Argentina, que encontrou um \*proletariado de primeira e segunda geração, afogueado na resistência e \*impactado pelos fenômenos de radicalização internacionais, que preparou as condições para o \*Cordobazo e a revolução nos '70, que fora achatada pelo golpe \*videlista \*genocida de 1976.

Como definem vocês a situação da \*URSS/ com as tropas do \*fascismo chegando até \*Stalingrado, com 20 milhões de obreiros russos assassinados pelo \*fascismo nessa heróica resistência de milhões de explorados que defendiam as conquistas do Estado obreiro? Nós, como uma situação categoricamente revolucionária, que culminou com as tropas do Exército Vermelho em Berlim, conquista que fora posta pela burocracia \*stalinista ao serviço da estabilidade e do estrangulamento da revolução em Ocidente e em Oriente. Assim, resistências, ofensiva, são termos relativos, e também definem relativamente as situações. Afirmar que sempre que há resistência e lutas defensivas, sempre há situações racionarias ou não revolucionárias, também faz ao metafísico chocar-se o nariz contra o "verde árvore da vida".

Mas a razão de fundo que empurra ao marxista a voltar-se metafísico, é abordar discussões sobre situações e caracterizações, insistimos, por fora do caráter da época de mudanças bruscas, de \*cracs, guerras e revoluções, questão que não permite preparar-se para "mudar de armas brusca, resolvida, audozamente ante cada nova situação", como diria \*Trotsky. Por isso, camaradas, nosso método para abordar a realidade parte, em primeiro lugar, de definir as condições objetivas internacionais. Só a partir de ali podemos abordar a forma desigual e combinada em que essas condições se \*refractan num país dado. Só desde este método, e desde nossa definição da existência hoje de condições objetivamente revolucionárias, é possível compreender nossas posições e definições sobre etapas, situações, relações de forças entre as classes, etc.

## **CAPITULO VI: SOBRE A POLÍTICA MILITAR DO \*PROLETARIADO E A \*INSURREIÇÃO**

Creemos camaradas que vosso documento confirma que é aqui, ao redor da política militar do \*proletariado -isto é, o programa para dividir e destruir às forças armadas, e em particular, à polícia- é onde se concentra o nodo das diferenças. A nosso entender, não se trata de diferenças menores, já que, tal como o propomos já em nossa carta do 24/12, fazem, nada mais nem nada menos, que a como preparar a \*insurreição como arte, para quebrar e destruir o aparelho do estado burguês, em particular suas forças armadas.

Vocês, afirmam em vosso documento que a luta é "por destruir às forças armadas e policiais" e que compartilham "as lições de toda revolução que mostram que nas mesmas um setor se volca do lado dos \*insurrectos/, outro setor se anula e se mantém à margem e existe um amplo setor que combate a morte à revolução, sua direção e seus militantes". Até aqui, temos acordo. Depois, dizem que "Este fato objetivo, no entanto, deve implicar por parte dos revolucionários um trabalho subjetivo, preparatório e que não pode estar limitado ao período da \*insurreição". (\*negritas nossas) Novamente, isto é correto, e coincidimos.

Mas a partir de ali, a nosso entender, começa o \*desbarranque e a confusão, porque vosso documento continua dizendo " Por que alguém poderia aceitar fazer um apelo a polícias, soldados e suboficiais numa situação \*insurrecional mas não aceita que numa marcha ou uma greve (além das necessárias medidas de \*autodefesa) chame-se a \*desobedecer aos superiores e não reprimir a manifestação? Em Argentina em algumas marchas, vimos e fomos parte daqueles que armados com \*gomas e bombas molotov cantávamos "Polícia, que a-margurado se te vê, não te pagam uma merda ainda por cima nos reprimis". Nós cremos que, além de alguma precisão, esta política é essencialmente correta. Seguramente numa situação que ainda não é revolucionária terá poucos resultados imediatos mas faz parte das tarefas preparatórias". Camaradas, que nós saibamos, essa consigna tão conhecida, é um ataque dos manifestantes contra a polícia, expressando seu ódio e seu desejo de destruí-la, e em absoluto uma consigna que expresse um apelo a que esta se \*sindicalize, como vocês propõem. Dizem depois em vosso documento: "Lenine hierarquizou esta tarefa de trabalho nas forças repressivas ao incorporá-la entre as 21 condições para pertencer à III Internacional. A fundação da IV Internacional reivindica também os 21 pontos entre os quais se propõe o trabalho aberto e clandestino sobre as organizações "militares".

Mais adiante, vocês insistem, camaradas, na necessidade de lutar pela \*sindicalização da polícia, pondo como exemplos o "\*publicado" caso do "polícia \*piquetero". Este suboficial de ideologia nacionalista burguesa propunha entre seus principais pontos (coletando vários centos de assinaturas entre os polícias) a posta em pé de um sindicato, reclamando melhoras salariais e de condições de trabalho e manifestando sua negativa de reprimir ao povo. No mesmo sentido, existe em Santa Fé \*APROPOL, cuja coluna esteve presente na última grande mobilização de empregados estatais pelos 200\$ de aumento".

Põem também como um caso central o de Brasil, "onde as greves policiais tiveram um alcance nacional, obrigando a aprofundar a luta de classes ao interior das instituições", e propõem que ali é imperioso "fazer um trabalho de agitação e propaganda dirigido aos polícias militares (soldados, cabos e sargentos), no sentido de transformar suas associações em sindicatos, como já o fizessem os polícias civis e federais". (\*negritas nossas)

E arrematam propondo que "a destruição do Exército e a construção de milícias obreiras e camponesas passa também por pôr em pé células nas forças armadas (exército, marinha, força

aérea) e de seguridade (polícias –militares e civis- e guardas municipais)".

Precisemos então com clareza, quais são as diferenças existentes sobre esta questão:

- Para vocês, os polícias são trabalhadores do estado. Para nós, são parte de uma \*superestrutura cotidiana de controle, e não só de repressão dos trabalhadores e o povo em suas lutas, senão todos os dias, à que é necessário dissolver e desmantelar, como assim também a todos os serviços de inteligência como a \*SIDE em Argentina, a \*CIA, o FBI, o MEU-5, sobre o que vocês guardam silêncio.

- Para vocês, a chave do trabalho preparatório da \*insurreição, é a luta por \*sindicalizar à polícia. Para nós, a chave do trabalho preparatório é dissolver e desarmar à polícia, que sejam as milícias obreiras e os comitês de \*auto-defesa os que garantam a seguridade, e pôr em pé em cada luta, em cada greve, os \*piquetes de \*auto-defesa, embriões da milícia obreira.

- Vossa posição é que a chave da preparação da \*insurreição como arte, é o trabalho \*conspirativo do partido revolucionário nas instituições armadas do estado burguês. Para nós, a chave da preparação da \*insurreição como arte passa, em primeiro lugar, por que não se pare o \*embate revolucionário das massas, por pôr em pé os \*soviets e as milícias obreiras, e dissolver e \*desarmar à polícia, única possibilidade de ganhar-se à base do exército. E para isso, o partido revolucionário deverá ter derrotado às direções traidoras que são as que tentam controlar e estrangular o \*embate das massas para que não avancem nestas tarefas e para a \*insurreição. Sem estas condições prévias, a classe obreira e os explorados -dirigidos pelo partido revolucionário que tem a obrigação de realizar um trabalho preparatório sobre a base do exército- não poderá ganhar-se aos soldados para que destituam a seus oficiais, ponham em pé seus comitês de soldados e mandem seus delegados aos \*soviets/ para preparar a tomada do poder.

"\*Sindicalização da polícia", ou dissolução de todas as polícias?

Bem, camaradas, trataremos de aqui em diante de desenvolver e clarificar, alvo sobre negro, quais são as duas posições que estão em debate em relação a como lutar pelo armamento do \*proletariado nos períodos preparatórios.

É evidente, camaradas, que o mais profundo de nossas diferenças se centra em relação à política frente à polícia.

É claro que levantamos duas posições antagônicas: para vocês, a luta é por \*sindicalizar à polícia e

apoiar suas greves, "greves" que sempre, ainda que sejam por aumento de salários, são por mais armas e por melhores condições para melhor reprimir à classe obreira e aos explorados, não somente em suas greves e lutas, senão todos os dias. Para nós, pelo contrário, a luta é pela dissolução e desarmamento de todas as polícias, e que sejam as organizações obreiras e milícias obreiras as que garantam a seguridade dos trabalhadores e os explorados, todos os dias, e por suposto, também em suas lutas. Para nós, vossa posição frente à polícia, é uma revisão da posição do marxismo revolucionar.

Nem o Programa de Transição, nem nenhum texto do marxismo revolucionário do século XIX e do século XX -nem de \*Marx, nem de \*Engels, nem de Lenine, nem de \*Trotsky- propõe que os revolucionários, nos momentos preparatórios, devemos lutar pela "\*sindicalização" da polícia.

Nesta questão, camaradas, vocês estão por detrás do programa inclusive da revolução burguesa, cuja consigna era "Um cidadão, uma arma", e que fora também a consigna de Lenine na heróica revolução russa de 1905 -"cada homem uma espingarda"- como veremos mais adiante. Se imaginam a \*Robespierre ou a \*Cromwell levantando a luta por direitos civis e cidadãos para os vilões dos exércitos dos príncipes?!!! ; Por favor, camaradas! É claro que vossa consigna de "\*sindicalização da polícia" nem sequer pode ser um programa democrático burguês para a polícia que, em determinadas circunstâncias, possa jogar algum \*rol revolucionário.

Isto é assim pela singela razão de que, nos períodos preparatórios, a existência mesma da polícia do estado burguês é inconciliável no espaço e no tempo, com o \*piquete de greve, embrião da milícia obreira: a polícia está para apoiar aos carneiros e romper-lhes a cabeça aos grevistas. E piquete de greve está para romper-lhes a cabeça aos carneiros e derrotar fisicamente à polícia. A única "\*sindicalização" -ou "\*sovietização", questão da que vocês não falam- possível da polícia, é que entregue sua arma, seu uniforme, sua placa, ao sindicato ou ao \*soviet, e que se subordine a ele, isto é, que deixe de ser polícia. Isto é, a dissolução e desarmamento de todas as polícias, e que sejam os sindicatos e as organizações obreiras, com suas milícias obreiras armadas, as que tomem em suas mãos a tarefa de garantir a seguridade e a vida dos obreiros e os explorados.

Vocês baseiam sua política frente à polícia, na afirmação de que como tanto as forças armadas como a polícia são forças repressivas do estado burguês, e seria o "\*proletariado o que nutre as bases de toda força repressiva", há que ter a mesma política frente a ambas instituições.

Creemos que comete um grave erro, camaradas, ao igualar à polícia com o exército. Neste caso se trata de não negar as leis da lógica formal, como é a de definir por gênero próximo e diferença específica. Ainda que a polícia e o exército têm em comum -gênero próximo- que são instituições repressivas do estado burguês, diferenciam-se em suas funções específicas.

A polícia tem como função reprimir à classe obreira todos os dias; seus membros têm o ofício cotidiano, permanente e institucional de reprimir aos trabalhadores e ao povo. O exército tem como função "cuidar as fronteiras", "defender a nação" ante ataques externos e só em casos excepcionais, em momentos de crises e de revolução, quando a polícia e as forças de seguridade são rebaixadas, dar golpes \*bonapartista, \*korniloviadas, e nesses momentos, reprimir diretamente aos trabalhadores e o povo. É esta função específica diferente a que faz que o exército recrute -com o serviço militar obrigatório, ou com \*levas em alguns países- jovens filhos de obreiros e de camponeses pobres. E quando há guerra, recruta também reservistas -isto é, a milhões de trabalhadores- o que explica em grande parte, dito seja ao passar, o por que a guerra costuma ser parteira de revoluções.

Mas inclusive ali onde há regimes e governos \*bonapartistas, ou ditaduras militares nos que são as forças armadas as encarregadas de reprimir e manter a seguridade todos os dias, mal começam ascensões revolucionárias de massas contra os mesmos, estes põem à ordem do dia a luta por ganhar-se à base do exército, aos soldados, isto é, pela divisão do mesmo e a destruição de sua casta de oficiais. É por essa razão que, ante situações como essas, a burguesia imediatamente começa a pôr em pé mediações, desvios eleitorais, etc., porque é bem consciente de que uma queda dessas ditaduras a mãos das massas terminaria quebrando e destruindo às forças armadas, pilar do estado burguês.

Esta diferença específica é a que determina também as diferenças na consciência da base de ambas instituições. A base do exército é recrutada por um curto período de tempo por serviço militar ou por \*levas obrigatórias entre os filhos da classe obreira e camponeses, isto é, que não têm como ofício permanente, cotidiano e "institucional", o de reprimir ao povo. Por isso, esses jovens filhos de obreiros e de camponeses, na base do exército, refletem à classe da que provem e com a que não rompem porque estão na instituição por obrigação e por um período de tempo determinado. Por isso para \*Trotsky não perdem seu caráter de classe, são "obreiros sob armas". E pelo mesmo a política

para eles é lutar para que recuperem seus direitos políticos retirados pela casta burguesa da instituição.

Pelo contrário, a base da polícia, que tem como ofício cotidiano, permanente, reprimir aos trabalhadores e ao povo, desde o momento mesmo em que é recrutada -questão que faz voluntariamente-, é consciente de que esse é seu \*rol específico, de que essa será sua tarefa todos os dias. Por isso, como veremos mais adiante, tal como dizia \*Trotsky, um obreiro que se faz polícia deixa imediatamente de ser obreiro e se transforma num polícia burguês, isto é, rompe total e absolutamente com sua classe e se passa à classe inimiga.

\*Trotsky, mal começada a situação pré-revolucionária em França em 1934 (isto é, num momento preparatório, onde ainda não estava proposta a organização da insurreição e a tomada do poder pelo \*proletariado), marcava claramente no programa da Une Comunista, esta diferenciação entre o exército e a polícia, e pelo mesmo, na política do \*proletariado frente a ambas instituições.

Assim propunha \*Trotsky: " 10. Dissolução da polícia, direitos políticos para os soldados.

"O governo arrebatava centenas de milhões de francos aos pobres, aos explorados, a gente de todas as condições para desenvolver e armar a sua polícia, seus guardas móveis e seu exército; em outras palavras, não só para desenvolver a guerra civil, senão também para preparar a guerra \*imperialista. Os jovens obreiros mobilizados por centenas de milhares nas forças armadas de terra e mar estão \*desprovidos de todos seus direitos.

Exigimos a \*destituição dos oficiais e suboficiais reacionárias e fascistas, instrumentos do golpe de estado. Por outra parte, os obreiros sob as armas deverão conservar todos seus direitos políticos e estarão representados por comitês de soldados, elegidos em assembleias especiais. Desta maneira se conservarão em contato com a grande massa dos trabalhadores, e unirão suas forças com as do povo, organizado e armado contra a reação e o \*fascismo.

Todas as polícias, \*executoras da vontade do capitalismo, do estado burguês e de suas ligas de políticos corruptos devem ser dissolvidas. Execução das tarefas policiais pelas milícias obreiras. Abolição dos tribunais de classe, eleição de todos os juizes, extensão do juízo por júri a todos os crimes e delitos menores: o povo se fará justiça a si mesmo". (Um programa de ação para França, junho de 1934, \*negritas nossas).

É \*claríssima a posição de \*Trotsky: comitês e direitos políticos para os soldados, isto é, "os

obreiros sob armas". E, contrariamente, dissolução de todas as polícias, que são "\*executoras da vontade do capitalismo, do estado burguês e de suas ligas de políticos corruptos". Por isso, a tarefa chave nos períodos preparatórios, é a luta por pôr em pé as milícias obreiras, dissolvendo a polícia, que tomem em suas mãos a seguridade, isto é, que executem as tarefas policiais -como diz \*Trotsky- todos os dias.

Porque a polícia não só reprime a classe obreira e os explorados em suas lutas e greves, senão que esse é seu ofício todos os dias, perseguindo, acoossando e encarcerando aos filhos dos obreiros quando vão tomar uma cerveja ou a dançar, etc. A polícia, \*executora das ordens dos juizes, é a que enche os cárceres com um 90% de filhos da classe obreira e dos explorados. \*Releiam camaradas os que propõe \*Trotsky: "execução das tarefas policiais pelas milícias obreiras" e unido intimamente a isso, a de "ABOLIÇÃO DOS TRIBUNAIS DE CLASSE, ELEIÇÃO DE TODOS Os JUÍZES, EXTENSÃO DO JUÍZO POR JÚRI A TODOS Os CRIMES E DELITOS MENORES: O POVO SE FARÁ JUSTIÇA A SI MESMO".

Não entendemos, camaradas: como atua um polícia "\*sindicalizado" ante a ordem de um juiz de que tem que deter a um trabalhador, ou a seu filho? Indubitavelmente, "\*sindicalizado" ou não, cumpre essa ordem, porque esse é seu ofício, seu trabalho, e se não o faz, jogam-no, isto é, deixa de ser polícia. Como se une vossa consigna de \*sindicalização da polícia com sua relação com a casta de juizes, dos que todos os dias em seu trabalho cumprem ordens? Ou talvez propõem vocês "\*sindicalização" também da casta de juizes?!!

Partindo disto, nossa tese -e, a nosso entender, a do marxismo revolucionário- é que não se pode quebrar ao exército, ganhar a sua base e destruir a casta de oficiais, se a classe obreira primeiro não salda contas com os guardiões e cachorros de presa do capital que a reprime todos os dias. Isto só se consegue pondo em pé as milícias obreiras, enfrentando fisicamente à polícia, queimando-lhe as delegacias, derrotando-a nas ruas e desarmando-a, isto é, dissolvendo-a. O grito das massas para a polícia de "que amargurado se te vê, não te pagam uma merda ainda por cima nos reprimis", como já dissemos, expressa o desejo de avançar em destruir a polícia, e não um chamado a que se \*sindicalize, nem a faça greves (que sempre são para pedir melhores armas, melhores \*petrechos e melhores salários para arrebeitar ao povo)!

A luta dos trabalhadores estatais enfrenta ao estado burguês. As greves policiais por mais salário fortalecem ao estado burguês.

Cremos, colegas, que neste ponto revisam o \*materialismo histórico, deslizando-se ao \*idealismo. Pelo anterior dito, não se pode, em nome do marxismo, dizer que os polícias são "trabalhadores estatais" e que por isso é correto lutar por seu \*sindicalização. Não são "trabalhadores" senão que são as bandas de homens armados pelo capital para defender sua propriedade, seus ganhos, seu domínio, para reprimir à classe obreira, para evitar que esta lute contra o capitalismo, seu governo, agentes e estado. Sua função social é sustentar todos os dias, cotidianamente, o "\*garrote" para a exploração da classe obreira. Por isso não podem ser considerados parte da classe senão inimigos objetivos e subjetivos da classe. Não podem, camaradas, em nome do marxismo confundir conceitos elementares como são, para o marxismo, os de estrutura e \*superestrutura. A polícia está na \*superestrutura/: é uma instituição burguesa, como a casta de oficiais.

do exército, como a casta de juízes. Por isso, e como antecipamos mais acima, para \*Trotsky, o obreiro que se faz polícia perde seu caráter de classe nem bem é parte desta instituição burguesa:

"O fato de que os agentes de polícia tenham sido recrutados em grande parte entre os obreiros \*socialdemócratas não significa nada. Também neste caso a existência determina a consciência. O obreiro que se transforma em polícia ao serviço do Estado capitalista é um polícia burguês e não um obreiro. Durante estes últimos anos, estes polícias lutaram muito mais contra os obreiros revolucionários \*que contra os estudantes nacional-socialistas. Esta escola não passa sem deixar rastros. Mas o mais importante é do que cada polícia sabe do que ainda que os governos mudem, a polícia permanece." (L. \*Trotsky. A \*social-democracia. \*Negritas nossas)

A tarefa para a que a burguesia lhes paga a seus cachorros de presa da polícia, é para todos os dias reprimir obreiros. Isto é, sua produção se mede pelas cabeças de obreiros rompidas que produz nas lutas e também fora delas, todos os dias. ¡Muito diferente aos obreiros enfermos atendidos dos empregados da Saúde, os alunos que têm os maestros ou os expedientes que ordenam os trabalhadores judiciais!

Por isso, não se pode dizer às presas, sem romper com o marxismo, que há que lutar por \*sindicalizar aos polícias ou apoiar suas greves. Porque enquanto os sindicatos de serviços ou produção são organizações da classe obreira que enfrentam objetivamente ao capitalismo

lutando por melhoras salariais, os sindicatos de polícia que pedem melhoras salariais ou de condições de trabalho, são organizações corporativas de uma casta burguesa, cuja função cotidiana, repetimos, é reprimir aos trabalhadores e ao povo. Não é uma casualidade que em momentos em que a classe obreira começa uma ascensão o primeiro que geralmente fazem os governos é aumentar o soldo à polícia. E também não é casualidade que a polícia se amotine quando há ascensão obreira de maneira de conseguir melhores condições trabalhistas, isto é, mais armas, mais \*petrechos e melhores soldos para melhor e mais eficazmente reprimir ao povo. E isto é a essência da questão, por mais do que se o pretenda esconder pela forma similar que pode chegar a ter um motim policial com uma greve fabril, ou um "sindicato" policial com um sindicato obreiro. Porque o ofício do polícia é e será reprimir. Camaradas, a política revolucionária não se pode fazer sem ir à essência das questões.

Inclusive, muitas vezes, os cachorros guardiões do capital, em demanda de melhores salários e melhores condições para reprimir ao povo, chegam a enfrentar-se aos tiros entre eles, como o vimos em fevereiro de 2003 em Bolívia entre a polícia que não queria que lhes recortasse o salário, e o exército. Mas uma vez que o estado lhes aumentou o soldo aos polícias, os vimos depois, em outubro de 2003, cotovelo a cotovelo com a casta de oficiais do exército massacrando aos obreiros e camponeses revolucionários. Por isso, ante esses confrontos a tiros entre os cachorros de presa do capital, a política dos revolucionários não pode ser outra de deixar que se matem e se massacrem entre eles, e de chamar a pôr em pé as milícias obreiras para dissolver e desarmar à polícia, e para que essas milícias as que garantam a seguridade das amplas massas exploradas.

Quando vocês, em vosso documento de crítica, propõem a política de chamar à polícia a organizar-se em sindicatos, a \*insubordinasse, a não reprimir, etc., dizem que esse apelo iria dirigido à base e os suboficiais da polícia (soldados, cabos e sargentos é o exemplo que vocês põem em relação à polícia militar de Brasil) e reafirmam que "... o caderno nacional de reivindicações que \*propagandiza nossa seção Argentina se dirige à tropa e \*suboficialidade, sem mencionar aos oficiais". No entanto, num volante de abril de 2004 do POR Massas de Argentina, trabalhado em ocasião das marchas relacionarias por "mais seguridade" convocadas por \*Blumberg, diz-se com total clareza: "Os agentes, suboficiais e quadros das instituições armadas que repudiam esta máfia devem organizar-se junto ao povo,



\*in subordinando-se de seus comandos, exercendo seus direitos sindicais e políticos". (\*negritas nossas). Camaradas, os quadros das "instituições armadas" -diferentes aos "agentes" e os "suboficiais"- são os oficiais. Isto é que, ao menos no caso do POR Massas de Argentina, a nosso entender, sua política de sindicalização da polícia -que já de por si é uma completa revisão do marxismo revolucionário- está dirigida não só à "base" da polícia, senão também aos oficiais. Claramente, camaradas, não terminaram vocês nesta questão de romper com o \*lorismo, como veremos mais adiante.

Uma revisão completa da política do \*trotskismo para enfrentar ao \*fascismo

Camaradas, lamentavelmente, vossa política de "\*sindicalização da polícia", "apoio a suas greves", de chamados a "não reprimir ao povo", não é nada novo: é, nem mais nem menos, que um \*remedio da política da \*social-democracia em Alemanha nos '30, que terminasse com o triunfo do \*fascismo e com um banho de sangue contra o \*proletariado alemão.

Assim, dizia \*Trotsky: "O fato de que os agentes de polícia tenham sido recrutados em grande parte entre os obreiros \*social-democratas não significa nada (...) Ante o choque que se a vista entre o \*proletariado e a pequena burguesia fascista, que juntos constituem a maioria da nação alemã, os marxistas de \*Vorwaerts pedem auxílio ao sereno. "¡Estado, intervenha!. Isto significa: "\*Bruning, não nos obrigues defender-nos por meio das organizações obreiras, porque isto poria em pé a todo o \*proletariado, e então o movimento passaria por em cima dos crânios \*calvos da direção do partido: começando como \*antifascista, o movimento terminaria como comunista". (A luta contra o \*fascismo em Alemanha)

Isto é, como bem propõe \*Trotsky, era a posição da \*socialdemocracia/ a de chamar a que fora a polícia - muitos de cujos agentes tinham sido recrutados de entre os obreiros \*socialdemócratas- a que interviesse contra os fascistas e os enfrentasse, para impedir que surgissem as milícias obreiras.

Colegas, vossa posição frente à polícia, os leva pelo mesmo caminho que a \*socialdemocracia nos '30. Porque liquida a política que levantavam os \*bolcheviques-\*leninistas -contra a política da \*social-democracia/, e também a do \*stalinismo do "terceiro período" de caracterizar à \*social-democracia/ como "\*social-fascismo"- que era a tática do testa único obreiro para enfrentar ao \*fascismo, isto é, a conformação de milícias obreiras comuns dos partidos e sindicatos \*socialdemócratas e comunistas, para defender a todas as organizações obreiras e acharar às bandas fascistas.

Vossa posição, pelo contrário, os teria levado a propor que a clave era "\*sindicalizar à polícia" para que esta, que enfrentasse aos fascistas, quando a polícia precisamente era a que fazia a vista bem gorda e deixava correr os ataques fascistas contra as organizações obreiras! Isto é, nada mais nem nada menos que uma variante da posição da \*socialdemocracia/. Porque as bandas fascistas não se as enfrenta chamando à polícia a que se \*sindicalize, a que não reprima ao povo senão aos fascistas: se as enfrenta com a política de testa único obreiro e com a posta em pé de milícias obreiras para acharar aos fascistas. E não tenham a mais mínima dúvida, camaradas, que quanto a classe obreira ponha em pé o testa único obreiro e constitua seus comitês de \*auto-defesa e suas milícias e comece a liquidar aos fascistas, a polícia se mostrará abertamente de lado destes últimos, defendendo-os e atacando aos obreiros a r m a d o s ! Por isso, a luta dos \*bolcheviques/\*leninistas nos '30 pelo testa único obreiro e pelas milícias obreiras contra o \*fascismo, era também um combate por dissolver e desarmar à polícia, como tinham feito já os obreiros alemães em 1918, em sua gloriosa revolução dos conselhos obreiros, onde se armaram assaltando as delegacias e desarmando à polícia.

A nosso entender, camaradas, a posição que vocês levantam é não ter compreendido nem ter sacado lições da história das revoluções e da luta de classes. É não ter compreendido que a \*contra-revolução que achatou à revolução alemã de 1918, foi organizada pela \*soldadesca/do \*social-democrata \*Noske que foi o que reconstituiu à polícia que tinha sido desarmada e destruída pelos obreiros. Com o discurso de que a seguridade não podia ficar em mãos dos conselhos obreiros e de que essa polícia reconstituída não ia reprimir ao povo, a voltou a pôr em pé como força de choque, assassinou a Rosa Luxemburgo e \*Karl \*Liebknecht, e terminou achatando a revolução.

**A utopia do "parceiro polícia" , da polícia "\*sindicalizada" e "democrática"**

A diferença entre a política que levam adiante vocês, camaradas, e a de \*Trotsky é clara: vocês dizem que a consigna de "dissolução da polícia" é um "proponho abstrato", e do que se trata é de chamar ao "parceiro polícia" a que não reprima; a brigar por seu \*sindicalização, a apoiá-lo quando fazem greve por mais salários e mais armas para matar ao povo, isso sim, sempre pedindo-lhe que não usem essas armas para reprimir ao povo. ¡Isto sim que é uma verdadeira utopia!

O exemplo disso é, precisamente, a polícia de Santa Fé, organizada em seu "sindicato" que pede melhores salários e condições de trabalho -o repetimos uma vez mais: mais armas e mais prata para reprimir ao povo. E quando os trabalhadores e o povo de Santa Fé se levantam, exigindo soluções e respostas aos milhares de trabalhadores e explorados que perderam tudo com as inundações... já vai a polícia "\*sindicalizada" e "democrática", de Santa Fé a cumprir sua função, rompendo-lhes a cabeça! Nos podem dizer, camaradas, que delegacia do sindicato policial do \*CTA se negou então a reprimir ao povo; que \*destacamentos policiais \*sindicalizados se interpuseram entre os cachorros de presa e os inundados para que estes últimos não fossem perseguidos? Nos podem dizer que resolução tomou ao \*respeito o sindicato de polícias de Santa Fé e a \*CTA ao que estão filiados?

Mas e tem mais, camaradas: se a política \*proletária não é dissolver -isto é, desarmar- à polícia, senão que esta se \*sindicalize, apoiar suas \*reclamos salariais e de condições de trabalho para que continue cumprindo seu \*rol de garantir o ordem, não teria nenhum sentido lutar por pôr em pé as milícias obreiras. Porque \*Trotsky, o que propõe com clareza, é que sejam as milícias obreiras as que garantam a segurança e o ordem, e não a polícia "\*executora da vontade do capitalismo, do estado burguês e de suas ligas de políticos corruptos". Isto é, trata-se -ainda nos momentos preparatórios- de lutar por desarmar e dissolver a todas as polícias, e de que sejam os sindicatos, as organizações obreiras e suas milícias armadas, as que executem as tarefas policiais, as que garantam a segurança nos bairros obreiros. Também, ainda nos momentos preparatórios, trata-se de lutar por pôr em pé, em cada combate cotidiano da classe obreira, os \*piquetes de greve, os embriões da milícia obreira, absolutamente \*irreconciliáveis e incompatíveis com a existência da polícia. Para vocês, pelo contrário, as tarefas de manter a segurança e o ordem deve seguir fazendo-as a polícia, mas isso si... \*sindicalizada, e não as milícias obreiras. ¡Essa, precisamente parceiros, é a política de D´\*Elía e de seu polícia "\*piquetero", a do \*CTA: polícias "\*sindicalizados"... de Kirchner, da burguesia, do estado burguês, com muito bons salários e muitas armas, bem \*petrechados e preparados para reprimir, encarcerar, assassinar aos trabalhadores e aos explorados!

Da mesma maneira, \*Trotsky propõe a abolição dos tribunais de classe -isto é, a destruição da casta de juízes, uma casta completamente burguesa, ao igual que a casta de oficiais e a polícia- e que o povo "se faça justiça a si mesmo".

Com vossa lógica, camaradas, teriam que propor...¡\*sindicalização dos juízes???!!!

E qual é vossa política então frente à \*SIDE/ e os serviços de inteligência, que são parte das polícias do Estado burguês, entre os que também há "agentes, suboficiais e quadros", que não têm uniforme mas também cobram um salário do Estado, que estão para espionar e infiltrar às organizações obreiras e aos partidos revolucionários? Deveriam ser conseqüentes, camaradas, e propor também a luta pela \*sindicalização dos espíões da \*SIDE/ e restantes serviços de inteligência, que segundo vocês, também seriam "trabalhadores estatais"!!!! É que a classe obreira norte-americana então deve lutar pela \*sindicalização dos agentes do FBI e da \*CIA/, que também são empregados do Estado?

Seguramente, camaradas, vão-nos a dizer que não, que os serviços de inteligência têm uma função específica diferente e que vocês não lutam por sua \*sindicalização. Mas isso é justamente o que nós dizemos: que há uma política diferente frente à polícia -a todas as polícias- porque têm uma diferença específica em relação às forças armadas.

Também não se sustenta o argumento de que a polícia que, como no caso da de Santa Fé, levanta a "luta contra a corrupção", é progressiva, porque esta é uma posição de uma facção burguesa como a da Carrió

- 1- Aclaramos que nós jamais dissemos "dissolução das forças armadas e de segurança", isto é, do exército, como vocês citam, senão "dissolução da polícia, \*gendarmeria, \*prefeitura e os serviços de inteligência", isto é, de "todas as polícias", ao dizer de \*Trotsky e ao mais do que pode levar é a lavar-lhe a cara a instituição para do que seja mais creditado...e portanto, para que reprima melhor e com mais "legitimidade". E tem mais, a "denúncia contra a corrupção policial", é parte da política da burguesia para disciplinar a seus cachorros de presa que, a vezes lhe mordem a mão para ficar-se com alguma fatia maior dos suculentos negócios do que todos fazem com o narcotráfico, o contrabando, os seqüestros, etc.

Camaradas, nós, seguindo os ensinamentos de \*Trotsky, jamais consideraremos aos polícias (nem aos de uniforme, nem aos de civil em todas suas variantes) como "trabalhadores estatais" -ainda que a burguesia lhes pague um salário a seus cachorros de presa. Nós afirmamos que todo polícia que diga "apoiar aos obreiros", e que vá a uma organização obreira, tem que

deixar em dita organização sua arma, seu uniforme, todos seus \*petrechos, e declarar publicamente que há que destruir e dissolver à polícia, e armar aos obreiros e aos explorados. Caso contrário, não se poderá mais que o considerar,

um \*bodum, isto é, um polícia infiltrado numa organização obreira.

Portanto, não consideramos aos sindicatos "" de polícias ali onde os há, como "organizações obreiras", senão como organizações corporativas de uma casta burguesa "\*executora da vontade do capitalismo, do estado burguês e de suas ligas de políticos corruptos". Estamos, portanto, em contra de que semelhantes organizações de assassinos a soldo do estado burguês façam parte, por exemplo, das centrais sindicais, estamos em contra de que marchem com os trabalhadores em suas mobilizações, estamos absolutamente em contra de apoiar "suas \*reclamos" quando, por momentos, estes cachorros de presa da \*patronal/ e do estado, tentam morder a mão do amo para conseguir que este lhes de uma fatia maior de comida.

E falando do "verde árvore da vida", vocês, na vida mesma, destroem o realizado pela classe obreira em seus levantamentos e semi-insurreições espontâneas, como fosse o \*Cordobazo, uma das gestas históricas do \*proletariado argentino. O \*Cordobazo se impôs quando derrotou à polícia, QUANDO A \*FIERRAZOS, \*BULONAZOS E A TIROS, COLOCOU À POLÍCIA EM FRANCA FUGIDA E EM DEBANDADA. Questão que obrigou à burguesia a mandar ao exército, a cujas bases, isto é, soldados rasos, sim iam as mulheres dos obreiros a rodeá-los, a \*confraternizar com eles, a dizer-lhes que não reprimam a seus maridos e filhos.

Lamentavelmente, por crise de direção revolucionária, essa semi-insurreição não se transformou em \*insurreição, o que teria levado à classe obreira a tomar-se todas as delegacias da polícia em debandada, a armar-se e pôr em pé suas milícias obreiras, e brigar por ganhar-se à base do exército. Isto não sucedeu, não se desenvolveu até o final. Mas o \*Cordobazo marcou as tendências de toda revolução no século XIX e XX.

Sobre o trabalho preparatório que devemos realizar os revolucionários

Vocês centram vossa crítica ao redor de qual deve ser o trabalho preparatório que devem realizar os revolucionários em situações nas que não está proposta ainda a preparação direta da \*insurreição.

Para vocês, dito trabalho preparatório se concentra essencialmente no trabalho de pôr

em pé células nas Forças Armadas (com o que, como veremos mais adiante, temos acordo), e em \*sindicalizar à polícia e apoiar suas greves, chamando-a a não reprimir aos trabalhadores e o povo, com o que, como já desenvolvemos, não temos nenhum acordo.

Para nós, pelo contrário, o trabalho preparatório que devemos fazer os revolucionários, é o que está concentrado no Programa de Transição, quando diz: "A exacerbação da luta do \*proletariado significa a exacerbação dos métodos de resistência por parte do capital. As novas ondas de greves com ocupação de fábricas podem provocar e provocarão infalivelmente enérgicas medidas de reação por parte da burguesia. O trabalho preparatório se conduz desde agora nos estados maiores dos \*trustes/. ¡Desgraçadas as organizações revolucionárias, desgraçado o \*proletariado se deixa tomar novamente de improviso!"

O trabalho preparatório que devem realizar os revolucionários se concentra então na luta por pôr em pé \*piquetes de greve, que são o embrião da milícia obreira que é a que pode dissolver e desarmar à polícia, e que inclui também um trabalho de propaganda e agitação sobre a base d o e x é r c i t o . São as direções traidoras de todo pelagem as que permitem que o \*proletariado seja "tomado de improviso" pela burguesia, já que "inculcam sistematicamente aos obreiros a idéia de que a \*sacrossanta democracia está mais segura ali onde a burguesia se acha armada até os dentes e os obreiros desarmados", porque, caso contrário, não poderiam manter nem 24 horas sua aliança com a burguesia.

Por isso, a nosso entender, camaradas, o trabalho preparatório nestas condições, passa em primeiro lugar por uma denúncia e uma luta implacável por derrotar a essas direções, que são o principal obstáculo entre os obreiros e as armas.

Este combate, nos momentos preparatórios, é uma luta contra o \*pacifismo do que \*embutem as direções traidoras ao \*proletariado. \*Trotsky em "Aonde vai França", em 1934, numa situação \*pre-revolucionária, dizia que \*proletariado fabrica as armas, as transporta, as usa no campo de batalha, e que o único que separa aos obreiros das armas é precisamente o acionar das direções traidoras que permanentemente levam aos obreiros a políticas pacifistas.

E como parte desse combate, são necessárias uma agitação e propaganda sistemática, ante cada greve, cada luta parcial, por que

os obreiros e os explorados ponham em pé seus \*destacamentos

de \*autodefesa para enfrentar a repressão do estado burguês, de sua polícia, de seu exército, de suas bandas paramilitares, etc. "Os \*piquetes de greves são as células fundamentais do exército do \*proletariado. Por ali é necessário começar. É preciso inscrever esta consigna no programa do asa revolucionária dos sindicatos. Em todas partes onde seja possível, começando pelas organizações juvenis, é preciso constituir praticamente milícias de \*autodefesa, adestrando-as no manejo das Armas. A nova onda do movimento de massas não só deve servir para aumentar o número dessas milícias, senão também para unificá-las por bairros, cidades e regiões. É preciso dar uma expressão organizada ao legítimo ódio dos obreiros em contra dos elementos fura-greves, as bandas de pistoleiros e de fascistas. É preciso lançar a consigna da milícia obreira como única garantia séria da inviolabilidade das organizações, as reuniões e a imprensa obreira. Só graças a um trabalho sistemático, constante, incansável valente na agitação e na propaganda, sempre em relação com a experiência da massa mesma, podem extirpar-se de sua consciência as \*tradições de \*docilidade e passividade: educar \*destacamentos de heróicos combatentes, capazes de dar o exemplo a todos os trabalhadores, \*infligir uma série de derrotas táticas às bandas da \*contra-revolução, aumentar a confiança em si mesmos dos explorados, desacreditar o \*fascismo aos olhos da pequena burguesia e despejar o caminho para a conquista do poder para o \*proletariado" (Programa de Transição).

Mas de todo isto, camaradas, em vosso documento, vocês não dizem uma palavra. Para vocês, a chave do trabalho preparatório é a "\*sindicalização" da polícia, e com isso, o caminho ao armamento do \*proletariado estaria quase assegurado. Uma verdadeira utopia. Todo isto não significa, camaradas, que, para partidos revolucionários com influência de massas ou grandes partidos de vanguarda, como eram os Partidos Comunistas da III Internacional de Lenine e \*Trotsky -não para \*pequeníssimos grupos ou núcleos como os nossos- não esteja proposta a necessidade de "levar adiante uma propaganda e uma agitação sistemática e perseverante entre as tropas" ("Condições de admissão dos partidos na Internacional Comunista"), e, sob determinadas circunstâncias, pôr em pé células revolucionárias na base do exército. Mas do que se trata, camaradas, é de romper com toda revisão estratégica, programática das tarefas dos revolu-

cionários para preparar "a \*insurreição como arte". Porque é claro que a III Internacional fala de um trabalho sobre as tropas, os soldados do exército -jovens obreiros sob armas-, e não sobre os oficiais nem, menos do que menos, sobre a polícia, como propusemos mais acima.

"Parceiro polícia", ou "vinga de refém"? O veredicto inapelável da experiência da luta de classes e das revoluções

Se esta é, a nosso entender, a política nos momentos preparatórios -isto é, desarmamento e dissolução da polícia, e pôr em pé as milícias obreiras- também o é ao início de uma revolução, para poder pôr em pé os \*soviets armados. Porque quando se inicia uma revolução, ou bem a classe obreira desarma e dissolve a polícia e põe em pé, com as armas confiscadas à mesma, as milícias obreiras, ou terá fechado o caminho para dividir ao exército e ganhar-se aos soldados.

Vossa política ante a polícia é uma política sindicalista, impotente para desenvolver toda a luta política de massas e uma estratégia soviética. Já que os \*soviets, os organismos de luta política das massas, não são só para o momento da \*insurreição, senão para todas as fases preparatórias nas que a luta econômica se volta impotente e as massas irrompem em luta política, começando desde o \*piquete de greve, o comitê de fábrica, e a organização da classe e seus diferentes setores não por ofício, não para defender o salário, senão para unir às diferentes capas para a luta política contra tal ou qual regime e governo.

Vocês, a isso, opõem-lhe a \*sindicalização da polícia. Isto destrói toda possibilidade de \*soviets maduros. Já que os revolucionários lutamos não só por coordená-los e centralizá-los, senão por armá-los, e por que tomem em suas mãos a resolução de todos os problemas da classe obreira e os explorados: a seguridade, a justiça, todas as tarefas executivas, para que desenvolvam um grau tal de independência das organizações obreiras em relação a estado, que permita preparar uma insurreição \*triumfante das classes exploradas.

Mas aí não termina a questão, porque vocês, camaradas, com sua posição, rompem com a tese marxista sobre a insurreição de que, para ganhar-se à base do exército, há que lhe atirar um tiro ao polícia, para que o soldado compreenda que a classe obreira está disposta a ir até o final em seu combate. Assim o mostrou a experiência da Revolução de fevereiro de 1917 em Rússia. \*Trotsky

propõe, em "História da revolução russa", que as milícias obreiras se armaram com umas 70.000 armas saqueadas dos depósitos e quartéis durante as jornadas de fevereiro e como produto do desarmamento da polícia. E depois continua \*Trotsky dizendo:

"A hora crítica do contato entre a massa que ataca e os soldados que lhe saem ao passo tem seu minuto crítico: é quando a massa cinza não se dispersou ainda, mantém-se firme e o oficial, jogando-se a última carta, dá a ordem de fogo. Os gritos da multidão, as exclamações de horror e as ameaças afogam a voz de comando, mas só a médias. As espingardas se movem. A multidão avança. O oficial encarando com seu revólver ao soldado mais suspeito. Soou o segundo decisivo do minuto decisivo. (...) No instante crítico, quando o oficial se dispõe a apertar o gatilho, surge o disparo feito desde a multidão (...), e isto basta para decidir não só a sorte daquele momento, senão talvez o de toda a jornada e ainda o de toda a insurreição. (...) Antes de que se chegasse aos choques com as tropas tiveram lugar inumeráveis encontros com os \*gendarmes. A luta nas ruas se iniciou com o desarmamento dos odiados "faraós" (\*gendarmes) cujos revólveres passavam às mãos dos revolucionários. Em si mesmo, o revólver é uma arma débil, quase de brinquedo, contra as espingardas, as metralhadoras e os canhões do inimigo. Mas estavam estes realmente em suas mãos? Para comprová-lo, os obreiros exigiam armas. É esta uma questão que se resolve no terreno psicológico. Mas também não nas \*insurreições os processos psicológicos são facilmente separáveis dos materiais. O caminho que conduz à espingarda do soldado passa pelo revólver arrebatado ao faraó". (L.T., História da revolução russa, tomo I, Capítulo VII, "Cinco dias", \*negritas nossas)

A história da luta de classes e das revoluções, então, já demonstrou qual é a política do \*proletariado frente a todas as polícias, e que a consigna de "dissolução da polícia" não é para nada "abstrata": trata-se de desarmar a polícia -isto significa "dissolvê-la"- e armar com suas armas às milícias obreiras, para poder ganhar-se à base do exército.

Esta é a experiência, sem ir mais longe, dos \*piqueteros/ de General \*Mosconi: em novembro de 2000, quando cortavam a rota com suas \*piquetes, o comissário e um oficial se acercaram a dar o ultimato de que desalojassem a rota, isto é, a cumprir a ordem do juiz (insistimos: a polícia "\*sindicalizada" pela que vocês lutam, ou cumpre as ordens dos juízes, ou deixam de ser polícias porque imediatamente são jogados

da força). Muito \*sagazmente, os \*piqueteros de \*Mosconi compreenderam que não deviam dizer-lhe a esses polícias: "Parceiro polícia, não nos reprimas". Pelo contrário, disseram-lhes: "Vocês são reféns", os \*maniatarem e os subiram sobre um caminhão tanque carregado de gasolina!!! Depois, quando foi a \*gendarmeria a que reprimiu - assassinado a \*Aníbal \*Verón na rota- os \*piqueteros responderam tomando a delegacia, tomando de reféns aos polícias que ali estavam, desarmando-os, incendiando o lugar, tomando um depósito judicial de armas e apreendendo as mesmas, isto é, dissolvendo a polícia, que fugiu de \*Mosconi. Consideram vocês, camaradas, que esta dissolução e desarmamento da polícia em \*Mosconi, como produto de uma semi-insurreição local, foi "um \*espontaneísmo pacifista reformista e impotente, ou (...) uma política de tipo \*foquista ou \*putchista"?

E, camaradas, a história das revoluções e a luta de classes demonstram a correção disto. Por exemplo, na revolução Alemã de 1919 a polícia foi dissolvida porque os obreiros assaltaram todas as delegacias e as esvaziaram. Os embriões de milícia obreira surgiram destas ações da classe obreira e não de algum "sindicato de polícias".

Não queremos abundar em exemplos históricos, camaradas, mas é claro que essa é a experiência histórica da revolução alemã dos conselhos obreiros de 1918-19; e também a da própria revolução boliviana de 1952 onde, contra a falsificação de que "a polícia se passou do lado do povo", o que sucedeu é que os mineiros, armados com sua dinamite, tomaram e assaltaram não só os arsenais militares senão também as delegacias. Assim, com os soldados passando-se de seu lado, e com as armas arrebatadas aos arsenais militares e às delegacias, armaram-se às milícias obreiras e camponesas.

E, camaradas, o trabalho preparatório para a dissolução da polícia, não consiste em absoluto em apoiar suas greves e pedir sua \*sindicalização, nem em pedir ao "parceiro polícia" que não reprima, senão em lutar por derrotar às direções traidoras, que são as que impedem que a classe obreira e os explorados desarmem à polícia e ponham em pé seus comitês e \*piquetes de \*autodefesa, embriões da milícia obreira: porque quando não tinha burocracia \*piquetera que controlava, em \*Cutral-\*Có, em \*Mosconi, os obreiros em sua luta revolucionária tomavam aos polícias de reféns, os desarjavam, queimavam as delegacias, e organizavam suas \*piquetes para a defesa, e inclusive, para as tarefas de vigilância nos bairros obreiros!

Camaradas, segundo vossa posição, a vocês lhes toca dar algum exemplo da luta de classes, alguma revolução em onde um sindicato de polícias se tenha passado do lado do lado das massas revolucionárias!

Outro exemplo claro, também numa situação preparatória, foi o que sucedeu em \*Tepatepec, México,

em fevereiro de 2000, enquanto se desenvolvia nesse país a luta pela liberdade dos mil estudantes da \*UNAM/ que o regime mexicano e seu polícia federal preventiva tinham encarcerado, depois de irromper na universidade para derrotar a greve estudantil que levava já dez meses. Na Normal Rural distante a uns cinco quilômetros do pequeno povo de \*Tepatepec, no estado de Hidalgo, irrompeu a polícia e apelou brutalmente e meteu presos a 300 estudantes que estavam em luta e a tinham tomado, e ocupou as instalações da escola.

Poucas horas mais tarde, cinco mil trabalhadores e camponeses marcharam desde \*Tepatepec até a Normal ocupada pela polícia, a rodearam, a atacaram, prenderam-lhe fogo, obrigando à polícia a fugir, e tomaram a 68 deles como reféns. Os desarmaram, os despiram, os ataram uns a outros pelas pernas e os tornozelos, os obrigaram a caminhar descalços os cinco quilômetros até o povo, os obrigaram a ajoelhar-se na vaga do povo, e lhe disseram ao governador de Fidalgo: "ou libera a nossos filhos presos, ou os matamos um por um".

Que teriam proposto vocês, camaradas? Que ação dos obreiros e camponeses de \*Tepatepec era "um \*espontaneísmo pacifista reformista e impotente, ou (...) uma política de tipo \*foquista ou \*putchista", e que tinha que chamar a esses polícias a "\*sindicalizar-se"?!!!

Se estes exemplos mostram que significa "dissolução de todas as polícias", cremos que a experiência de Bolívia, de fevereiro a outubro de 2003, mostra a onde pode levar a política de tratar à polícia como "empregados públicos" e apoiar suas greves. Assim, em fevereiro de 2003, a \*semiinsurrección espontânea dos obreiros e camponeses, abriu fissuras na casta de oficiais, questão que se viu no confronto a tiros limpos entre o exército e a polícia (a esta última a afetava o imposto do 12% aos salários que tinha decretado \*Goni). Nesta oportunidade, camaradas, as direções reformistas e também o POR \*Lorista, propuseram o apoio às reivindicações da polícia.

Nossa política, camaradas, foi exatamente à contrária: a de chamar a desarmar à polícia, a pôr em pé milícias obreiras e camponesas, e à de chamar aos soldados a destituir a seus oficiais e a constituir comitês de soldados que se passassem do lado do povo. ¡E isso era o que

mostrava o "verde árvore da vida", camaradas, com os heróicos obreiros e camponeses irrompendo com um certo grito de guerra, o de "Espingarda, \*metralha, Bolívia não se cala!".

Finalmente, a burguesia, vendo o perigo de que as massas terminassem por dividir e destruir ao exército, \*deslocar ao regime e ao estado burguês e abrir a revolução, retrocedeu do imposto pelas massas, negociou com a polícia e sacou os tanques das ruas. A trégua dada pelas direções traidoras lhe permitiu fechar as fissuras que se tinham aberto na casta de oficiais, e assim, em setembro-outubro de 2003, vimos ao exército e a "os parceiros polícias" aos que as direções reformistas e o POR \*Lorista tinham chamado a apoiar em fevereiro, cotovelo a cotovelo massacrando aos obreiros e camponeses em \*Ventilla, no Alto, etc.

Contra essa política, camaradas, em setembro-outubro, os obreiros e camponeses mostraram total perspicácia: não se dedicaram a chamar aos "parceiros polícias" a que não reprimam, senão que os enfrentaram em suas barricadas, e no Alto, assaltaram variados de seus postos, desarmaram aos efetivos, incendiaram as instalações; rodearam com \*piquetes as casas particulares dos polícias nos bairros, obrigando-os a abandoná-las sob ameaça de ser \*linchados e queimadas suas moradias. Em \*Warisata e \*Sorata, tomaram as delegacias, desarmaram e expulsaram à polícia desses povos, e puseram em pé suas próprias milícias obreiras e camponesas para garantir a seguridade, o que resultou que não teve praticamente roubos e delinquência nesses povos nos últimos meses. E se puderam fazer isto, foi precisamente porque romperam a trégua e passaram por em cima de suas direções reformistas, que os chamam a apoiar aos "parceiros polícias"!!!

Da mesma maneira, uma vez que as direções reformistas como a de \*Quispe retomaram o controle, foram elas as que garantiram que, faz em alguns meses atrás, voltasse um \*destacamento de sete polícias a \*Warisata e \*Sorata, questão por suposto festejada por bombos e \*platillos por toda a burguesia. Nos 80' já teve uma corrente que propôs e levou a cabo em grande escala a política de "sindicalização da polícia" que vocês sustentam hoje. O MAS dos 80' se lançou "audazmente" a ganhar polícias para esse partido e organizar células e sindicatos. Esta \*tragicomédia terminou com polícias que saíam das reuniões de equipe nos locais do MAS, para ir-se a reprimir aos obreiros, isto é, a cumprir com seu ofício. ¡Claro que está visto que o MAS jamais pensou na insurreição! Não cremos que seja o caso de vocês pelo que os chamamos, fraternalmente, à reflexão.

Finalmente, camaradas, vocês oralmente nos propuseram que não se pode negar que a luta de classes se reflete na polícia. É verdade, mas não só a luta de classes em geral, senão também a guerra civil e a insurreição. E a teoria e a vida demonstram que a forma em que se manifesta a guerra civil e a insurreição é dissolvendo a polícia, isto é, desarmando-a, assaltando delegacias, formando com

as armas assim "desapropriadas" os embriões de milícia obreira. Não se pode apagar mais de cem anos de luta revolucionária do \*proletariado!

**Sobre o balanço da posição de \*Lora, e sobre as possíveis "particularidades nacionais": Política marxista para destruir a casta de oficiais; ou política \*menchevique \*stalinista de procurar "militares patriotas" como refração da política \*stalinista de procurar "burgueses progressivos".**

A essência da política militar do \*proletariado se concentra na necessidade de destruir à casta de oficiais das forças armadas e a todas suas polícias, como pilar fundamental do Estado burguês, e em conquistar o armamento do \*proletariado. Dizia \*Trotsky, em História da Revolução Russa: " Ainda que a afastassem maioria da guarnição se colocasse ao lado dos obreiros, a minoria estava contra os obreiros, contra a \*insurrección, contra os \*bolcheviques. Essa pequena minoria se compunha dos elementos mais qualificados do exército: o corpo de oficiais, os \*junkers, os batalhões de choque e quiçá também os \*cosacos. Não se pode conquistar politicamente a estes elementos: tinha que os "vencer".

Toda posição que não proponha isto -isto é, que à casta de oficiais não se a pode conquistar politicamente, senão que há que a vencer, destruí-la- termina levando à posição \*lorista de que é necessário organizar uma "tendência revolucionária " no exército, com oficiais incluídos. É por isso, camaradas, que nos chamou o atendimento, a seguinte afirmação que vocês realizam em vosso documento, precisamente \*respeito de \*Lora: "No entanto, em honra à verdade, queremos \*puntualizar que a acusação que se faz habitualmente contra Guillermo \*Lora com respeito aos episódios da revolução boliviana dos 70, carece de fundamento sério. O POR cometeu muitos erros, mas é falso que sua política estivesse dirigida a ganhá-lo a Torres ou à oficialidade. O que \*Lora reflete em suas obras é um dado objetivo da realidade: guarnições do exército e da polícia, com seus oficiais

incluídos, pediam seu rendimento à Assembléia "Popular".

Nos chama o atendimento, já que o próprio \*Lora, por escrito e em forma pública, refuta sem rodeios esta visão tão indulgente dos camaradas da \*TCI/ de que teria cometido "erros", e de que jamais se propôs "ganhar à oficialidade". Tão é assim, que num folheto escrito por \*Lora em 1981, titulado "A crise das forças armadas. Resposta do partido revolucionário" , \*Lora diz com todas as palavras: "A insurreição dos explorados para poder triunfar tem que percorrer o caminho da fratura do exército regular, por muito poderoso que este seja. Esta lição que emerge de toda a experiência histórica nos permite compreender a grande importância que tem a formação de uma tendência revolucionária (ao dizer revolucionária queremos dizer que se estruturará ao redor da estratégia do \*proletariado) no seio das forças armadas. Se até ontem se falava neste plano da tropa, hoje se pode falar da oficialidade, em isto consiste uma das particularidades da realidade boliviana. (...) Nas atuais condições, a objeção ao trabalho no meio dos oficiais, importaria partir do absurdo de que estes são orgânica e definitivamente reacionárias. (...) Se a perspectiva é ganhar a parte do exército no processo \*insurreccional, apoiando-se na tropa, a constituição de uma tendência revolucionária entre a oficialidade, os classes, os suboficiais e os soldados, pode significar que no trabalho cotidiano se preparem as melhores condições, e sobretudo seguras, para conseguir esse objetivo". (Capítulo V: Para a formação da tendência revolucionária no Exército, páginas 26-27, \*negritas nossas).

Camaradas, só citamos muito \*sinteticamente um capítulo completo deste texto de \*Lora dedicado a explicar por que é clave ganhar aos oficiais, e por que é possível fazê-lo dado as "particularidades nacionais" de Bolívia. Desde os já, pomos a vossa disposição uma cópia do folheto completo, se assim o crêem necessário. E tem mais, podemos-lhes enviar também a revista "Revolução \*Proletária N° 9", do Comitê de Enlace pela Reconstrução da Quarta Internacional (isto é, da corrente internacional do \*lorismo), de Maio de 1996, editada em Argentina, que inclui em seu interior grande parte de um exemplar de "Vivo Vermelho" (o N° 108 de abril de 1996) , no que consta claramente assentado: "Nestas páginas reproduzimos tampa e \*contra-tampa e uns quantos artigos do N° 108 de "Vivo Vermelho" que mostra nitidamente a influência das idéias

\*trotskistas numa corrente de oficiais das \*FF/\*AA". (\*negritas nossas). É claro então que a política de \*Lora, tanto em 1971, como

em 1981, como em 1996, era a de ganhar-se a uma corrente de oficiais das assassinas forças armadas bolivianas, e para nada limitar-se a constatar "dados objetivos da realidade". Mas ademais, camaradas, vocês vão mais longe em vosso documento, e afirmam:

"... o caderno nacional de reivindicações que \*propagandiza nossa seção argentina se dirige à tropa e \*suboficialidade, sem mencionar aos oficiais. No entanto em relação a este debate e a qualquer outro não.

2- Publicado em "Documentos N° 15, setembro de 1981, revista teórica mensal publicada em Bolívia pelo Comitê Central do POR".

parece importante compreender que "cinza é a teoria e verde é a árvore da vida". O Estado Maior da Classe Obreira deve dirigir-se para seus objetivos estratégicos de revolução e ditadura \*proletária armado de uma grande capacidade tática e de manobra. O caso de Bolívia (como também seguramente o de Equador) pode propor particularidades nacionais das forças armadas, que pelo próprio atraso, pela \*inexistência/ de uma doutrina de seguridade própria dado o submetimento ao Imperialismo, ou pelos antecedentes históricos concretos, se \*insubordinam também oficiais".

Camaradas neste conceito de vocês há uma verdadeira revisão do marxismo, do \*materialismo histórico. A casta de oficiais é expressão da burguesia já que os oficiais são uma casta burguesa nas forças armadas. Por isso, semear ilusões em que oficiais burgueses podem passar-se à insurreição é deslizar-se para a política \*stalinista de procurar militares "patriotas" ou burgueses "progressistas" que já foi aplicada na verde "árvore da vida", em Equador e Bolívia, e também em dezenas de revoluções estranguladas durante o século XX. Como o demonstra inclusive a história recente, a oficialidade pode dividir-se verticalmente como parte e expressão das próprias divisões na burguesia geradas pela crise econômica e as ascensões de massas.

Dizer que, em alguns casos, parte dessa oficialidade pode ser ganha para a revolução, é o mesmo que afirmar que se pode ganhar a dirigentes dos partidos burgueses (que também costumam dividir-se como expressão das brechas e divisões na burguesia), isto é, fazer-lhes crer aos obreiros que pode ter burgueses "amigos" da revolução!!

Afirmar isto é perigosíssimo para a classe obreira, e lhe presta um serviço ao \*stalinismo toda corrente \*trotskista que contribua a criar ilusões em que a casta burguesa dos oficiais do exército podem cumprir um \*rol revolucionário quando

se divide. Já que por seu caráter de classe sua \*rol não pode ser outro que \*contra-revolucionário. O fato que, sob determinadas circunstâncias, para cumprir melhor este \*rol ou pela

próprias disputas da burguesia, a casta de oficiais possa dividir-se e um asa posar de "democrática" e "\*antiimperialista", não lhe mudam seu caráter de classe nem sua \*rol aos oficiais. Sustentar o contrário é revisar o marxismo revolucionário, isto é o \*trotskismo, já que este se conformou lutando, entre outras questões, contra a teoria \*menchevique-\*stalinista da revolução "por etapas" e contra sua consequência, a política \*frente-populista como estratégia de poder. Teoria que, aplicada aos países coloniais ou \*semi-coloniais, sustenta que na primeira etapa da revolução \*proletária o \*proletariado devia aliar-se aos setores burgueses progressivos ou "democráticos" e aos militares "patriotas" para liberar ao país do domínio \*imperialista. Uma vez que esta etapa se completasse estaria proposta a tomada do poder. Como toda teoria \*menchevique-\*stalinista, renege da tomada de poder pela classe obreira com seus organismos de autodeterminação e milícia obreira.

Esta teoria já foi aplicada pelo \*maoísmo em Equador e conduziu ao desvio da revolução em 2000, quando a \*CONAIE e o \*stalinistas do testa patriótico lhe entregaram o poder ao "coronel patriota" Gutiérrez, que se o terminou devolvendo a \*Noboa que impôs a dolarização e sacou o exército à rua. Esta política de sustento ao coronel "patriota" significou também, mais tarde, a conformação da frente popular que ganhou as eleições em 2002, levando a Gutiérrez à presidência quem, uma vez que a assumiu, aplicou, como não podia ser de outra maneira, todos os planos do FMI.

Mas não só em Equador vimos dividir-se a casta de oficiais como expressão da divisão da burguesia. O surgimento e desenvolvimento de fenômenos nacionalistas burgueses nas \*semi-colônias significa, em general, a divisão da casta de oficiais, com um setor alinhado com a fração burguesa "nacionalista" que pechinha com o imperialismo, e outro com a fração burguesa que tem diretamente ao imperialismo atrás, como o vemos hoje em Venezuela, ou como foi o caso do \*peronismo em Argentina nas décadas do '40 e '50

. Mas o que nos parece mais grave, camaradas, é que vossa posição sobre as supostas possíveis "particularidades nacionais" que se dariam no "verde árvore da vida", liquida, lamentavelmente, a experiência de uma das maiores revoluções do século XX, como fosse a revolução espanhola. Porque ali, na guerra civil espanhola,



Assim que se dividiu a burguesia, e com ela, a casta de oficiais! No Exército Republicano tinha oficiais "democráticos", "republicanos", que não eram senão a expressão da

burguesia, e da política de colaboração de classes da frente popular no exército, de sua política de que primeiro tinha que ganhar a guerra contra Franco, e conquistar a República, e só depois estaria proposto brigar pela revolução socialista. A existência dessa casta de oficiais burguesa no exército republicano, significou que os obreiros não podiam desapropriar aos \*terratenientes e à burguesia nos territórios que conquistavam em sua luta contra o exército franquista, já que justamente o \*rol dessa oficialidade era defender, em primeiro lugar, a propriedade privada e os interesses de sua classe.

Assim, os obreiros e camponeses espanhóis terminaram massacrados na guerra civil, e sua grande revolução achatada. Essa é a experiência que mostra não o "verde árvore da vida", senão a negra árvore da morte e a derrota do \*proletariado, camaradas!

A mesma experiência vimos na revolução portuguesa de 1974, onde ao mesmo tempo que se conformavam os comitês de obreiros, inquilinos, e de soldados que metiam presos a seus oficiais, dividia-se a casta de oficiais e surgia o \*MFA o que, junto com o PC, constituiu um governo de testa popular. Foi esse governo de testa popular do PC e dos oficiais do \*MFA, os que, a ponta de pistola, liquidaram e desarmaram aos comitês de obreiros, inquilinos e soldados, e estrangularam assim a revolução.

Uma posição sobre o surgimento do Exército Vermelho que falta à verdade histórica, e que termina \*confluindo com a posição escandalosa de \*Lora

Mas o que nos parece ainda mais grave é do que, imediatamente depois de referir-se às possíveis "particularidades nacionais" e que não se pode descartar que "se \*insubordinam também os oficiais" em tal ou qual país, vocês afirmam:

"Recordemos que uma das maiores criações da classe obreira em sua luta contra a exploração capitalista (o Exército Vermelho de Obreiros e Camponeses), contou em suas filas com milhares de oficiais \*zaristas, entre eles, por nomear ao mais destacado, o Comandante de Companhia \*Tujachevsky, não só de extraordinárias aptidões quanto a técnica e estratégia militar, senão convertido em militante do \*internacionalismo \*proletário nos primeiros anos da revolução de outubro".

Colegas, cremos que, lamentavelmente, vocês não conseguiram completar vossa ruptura com o \*lorismo. Porque no texto antes citado, \*Lora termina precisamente seu capítulo sobre "A tendência revolucionária nas forças armadas", com a seguinte afirmação:

"A luta revolucionária se assenta basicamente na organização das milícias de obreiros e camponeses e que são eficazes na guerra irregular ou pequena. Não se pode renunciar a este trabalho ou substituí-lo com a formação de uma tendência revolucionária militar. As milícias são já embriões do futuro exército que terá que pôr em pé a ditadura do \*proletariado para defender-se de seus inimigos do exterior. Esta instituição será permanente, baseada na concepção e organizada conforme à ciência militar que passará a servir à política revolucionária. Se estrutura uma tendência revolucionária dentro das atuais forças armadas, condenadas a ser destruídas como parte do desfazimento do Estado burguês, não poderá menos que se constituir na coluna vertebral dos quadros de comando do exército obreiro-camponês". (\*negritas nossas)

Camaradas, vossa afirmação -e nem que dizer, a de \*Lora- é faltar à verdade histórica, é "esquecer" que a Revolução Russa destruiu a casta de oficiais, a todas as polícias, e impôs o armamento do \*proletariado, organizado em milícias obreiras e camponesas. Negam um fato grande como uma casa: que a que organizou a insurreição e a tomada do poder, foi a Guarda Vermelha do \*Soviet apoiada nos comitês de soldados. Negam que essa insurreição destruiu a casta de oficiais do exército que ERA A ORGANIZADORA DA GUERRA \*IMPERIALISTA. Casta de oficiais que comandava o açougue humano da primeira guerra mundial onde se enfrentavam entre eles obreiros alemães, franceses, russos, etc. A insurreição de Outubro não deixou nem rastos dessa casta de oficiais, da mesma maneira que o fizesse depois a revolução dos conselhos obreiros em Alemanha, onde o \*fogueiro -sim, o que atirava o carvão para que funcionem os barcos- terminou como comandante em chefe da frota de mar alemã que regressava, \*insurrecta, a casa.

A casta de oficiais estava, de conjunto, com \*Kornilov em Rússia. Nos podem dizer, vocês e \*Lora, que oficial encabeçou a derrota de \*Kornilov primeiro, e depois a insurreição de Outubro?

Porque o que vocês e \*Lora dizem é que para a revolução e para a insurreição se pode contar com um setor da casta de oficiais. E isso é uma falsificação da revolução russa.

Qualquer leitor \*afixado do marxismo, dos escritos militares de \*Trotsky, que tenha seguido a \*apaixonante discussão sobre o problema do exército vermelho, que dividiu à direção do par-

tido \*bolchevique e à mesma III Internacional, poderá constatar o seguinte:

- a) Que a revolução alemã de 1918-19, e a húngara do mesmo ano, tinham sido derrotadas.
- b) Que Rússia ficava isolada e rodeada por 14 exércitos \*imperialistas.
- c) Que ao interior do partido \*bolchevique surgiu uma fração encabeçada por \*Bujarin e \*Kollontai que, junto aos anarquistas e os \*SR de esquerda, estavam em contra da constituição de um exército profissional, e opinavam que aos 14 exércitos \*imperialistas se os enfrentava com as milícias obreiras e as guardas vermelhas dos \*Soviets/. Denunciavam que conformar um exército profissional era pôr em pé uma instituição burguesa no estado obreiro.
- d) Que a maioria da direção, encabeçada por Lenine e \*Trotsky, efetivamente propuseram que a forma de um exército profissional, era burguesa, com generais, coronéis, sargentos, cabos, soldados, etc. Mas que, do que se tratava, não era da insurreição ou a revolução, senão da guerra, que tem uma técnica específica à que se devia recorrer enquanto seguisse atrasada a revolução alemã e enquanto Rússia continuasse cercada pelas tropas brancas.
- e) Que esse exército era Vermelho e adquiria um caráter de classe, obreiro, não por seus escalões militares (que eram burgueses) senão porque estava conduzido pelos comissários vermelhos votados pelos \*soviets/, porque só se aceitava o rendimento ao mesmo de obreiros e camponeses, e porque era o braço armado de um estado obreiro revolucionário.
- f) Que, já que se tratava de pôr em pé um exército profissional, teve que se recorrer, como elementos isolados e individuais, a ex oficiais da casta do exército \*zarista destruído pela revolução, que estavam dispostos, por sua consciência "nacionalista", a "defender a soberania russa". Isso sim, esses ex oficiais tinham uma pistola na \*sien/ do comissário vermelho do Soviete, e comitês de soldados que os podiam destituir e fuzilar em qualquer momento, se as circunstâncias o requeriam.

Pelo contrário, desde vossa posição sobre este ponto, se poderia inferir que o Exército Vermelho derrotou a 14 exércitos \*imperialistas graças às aptidões para a estratégia e a técnica militar dos ex -oficiais

\*zaristas, isto é, burgueses. Em mudança, a clave da estratégia dos \*bolcheviques e da III Internacional para derrotar aos exércitos \*imperialistas, passava em primeiro lugar pela luta pelo triunfo da revolução \*proletária em Alemanha, isto é, pela destruição da casta de oficiais burguesa do exército dos \*Junkers/.

Já vimos como, para a revolução e a insurreição, o programa e a política foi a destruição da casta de oficiais. E se tivesse triunfado a revolução alemã de 1918-19, não teria feito falta recorrer a esta excepcionalidade histórica de ter que recrutar individualmente, e sob as condições que já mencionamos, a ex oficiais do destruído exército \*zarista.

Uma incompreensão completa sobre a diferença específica sobre revolução, insurreição e guerra

Sobre esta questão, cremos necessário voltar aos ensinamentos de nossos maestros sobre a insurreição e a guerra civil. É que, para o marxismo, há uma diferença fundamental entre a insurreição e a guerra. Enquanto a primeira é um momento historicamente condicionado da revolução e, para o \*trotskismo, merece ser tratada como uma "arte", isto é precisa, para triunfar uma direção revolucionária que conheça a arte de triunfar, a guerra é uma técnica, um "saber fazer", um ofício prático. Segundo \*Trotsky, o ofício da guerra é "um conjunto de procedimentos práticos, de métodos de adaptação e de habilidade que respondem a uma tarefa precisa: destruir ao inimigo." (L. \*Trotsky. Doutrina militar e marxismo. 1 de abril 1922.)

É desde esta concepção que se pode entender por que os \*bolcheviques criaram - frente ao retrocesso da derrota da revolução em Europa e para enfrentar a invasão ao estado obreiro de 14 exércitos \*imperialistas, um exército profissional. Esta decisão foi tomada, dito seja de passagem, não sem grandes controvérsias no partido \*bolchevique. E para isso, ante a guerra, recorreram a todos os meios práticos a seu alcance que lhes permitissem responder "a uma tarefa precisa: destruir ao inimigo". Por isso puseram a ex-oficiais \*zaristas, que por sua consciência nacionalista estavam dispostos a colaborar em defender a Rússia, como ajudantes técnicos do exército. Mas estes ex oficiais \*zaristas estavam controlados e disciplinados pelos soldados vermelhos e células de obreiros comunistas.

Assim o propunha \*Trotsky com clareza já no primeiro congresso da III Internacional:

"A questão dos chefes militares (na conformação do Exército Vermelho, \*NdeR), propôs-nos grandes dificuldades. Evidentemente, a primeira preocupação era a de educar oficiais vermelhos, recrutados nas filas da classe obreira e dos filhos dos camponeses pobres. Desde o começo procedemos a esse trabalho, e inclusive aqui, ante a porta desta sala, vocês podem ver vários "sargentos" vermelhos que, em pouco tempo, entrarão como oficiais vermelhos no exército soviético. Temos um grande número deles (...) Seu número, disse, é bastante grande, mas não podemos esperar que os jo

vens sargentos vermelhos se tenham transformado em generais vermelhos, porque o inimigo não quererá deixar-nos tanto tempo de tranquilidade.

Para aproveitar com sucesso esta reserva e tomar dela grande quantidade de homens capazes, devemos dirigir-nos também aos antigos chefes militares. Evidentemente, não procuramos nossos oficiais na capa brilhante de gente dos quartéis militares, senão que, entre os elementos mais simples, recrutamos forças capazes, que nos ajudam agora a combater a seus antigos colegas. Por uma parte, bons e leais elementos que compunham o antigo corpo de oficiais, aos que lhes \*ajuntamos bons comunistas como comissários, e por outra parte, os melhores elementos de entre os soldados, os obreiros e os camponeses, para os postos de comando inferiores. (...) Desde que a República soviética existe em Rússia, sempre foi forçada a fazer a guerra e a faz hoje ainda (...) Ao sul e ao norte, ao este e ao oeste, em todas partes, se nos combate com as armas na mão, e estamos obrigados a defender-nos (...) Para defender-nos, devemos ensinar aos obreiros o uso das armas que eles forjam. Começamos por desarmar a burguesia e armar aos obreiros....". (Discurso do camarada \*Trotsky, 1º Congresso da Internacional Comunista, 1919).

Isto é, o partido \*bolchevique, longe de depositar ou chamar a depositar alguma confiança na derrotada e destruída casta de oficiais do exército \*zarista, implementou os meios para estabelecer contra eles o "terror vermelho", com "bons comunistas como comissários"! ;Todo o contrário -antes, durante e depois da insurreição triunfante-, à política \*stalinista de procurar, lupa em mãos, aos oficiais "patriotas"! Política à que se adaptou o \*lorismo criando seu "teoria da excepcionalidade nacional boliviana" que não foi senão o resultado do \*pablismo que \*infecciona à IV Internacional com pseudo-teorias produto de sua adaptação ao \*stalinismo.

E, lamentavelmente, cremos camaradas que vocês com a concepção que defendem não terminaram de romper com esta corrente. Vossa posição, que leva a depositar ilusões num setor da casta de oficiais antes e durante a \*insurrección é funesta, já que impede lutar por dividir o exército em forma horizontal, isto é, quebrar a corrente de comandos para destruir a disciplina da burguesia que se exerce através da oficialidade; já que impede lutar por que os soldados tenham direito a destituir e ainda fuzilar aos oficiais; já que impede e substitui a tarefa estratégica dos comitês de soldados que não é outra que a destruição da instituição burguesa do exército.

Há que voltar ao manual da \*insurrección/ e da guerra civil do marxismo revolucionário. A \*TCI não pode inventar nada novo ao \*respeito

Vocês afirmam em vosso documento que "As forças repressivas do Estado Burguês demonstraram ser os últimos baluartes do poder burguês. Toda avanço decidido da classe obreira e os explorados pela imposição e a conquista de seu próprio poder se enfrenta inevitavelmente a estas instituições \*guardianas da propriedade privada. As forças que pretendam reconstruir a IV Internacional (...) não podem senão proclamar abertamente sua intenção e sua luta por destruir às forças armadas e policiais". Como terão visto ao longo desta carta, pese a que nós podemos coincidir com esta afirmação geral, temos profundas diferenças em relação a quais são as tarefas e o programa, e como se articulam, tanto nos momentos preparatórios como nas situações agudas, em função do objetivo de preparar e organizar a insurreição como arte.

Os conceitos marxistas de guerra civil e insurreição, conceitos precisos e claves, foram guardados sob sete chaves pelas correntes nacional-\*trotskistas e \*revisionistas dos últimos 35 anos, e discutir sobre a insurreição parece estar proibido pelos \*liquidadores/ do \*trotskismo. Celebramos então o poder abrir uma discussão com vocês sobre estes temas estratégicos. E, a não o duvidar esta discussão nos enriquecerá mutuamente.

Quais são, a nosso entender, a condições indispensáveis para preparar a insurreição como arte? Para nós, a primeira condição preparatória da insurreição, é que não se pare o \*embate revolucionário das massas, sem o que o partido revolucionário não pode organizar a insurreição como arte para tomar o poder. Só apoiado nessa enorme força revolucionária das massas e em seus organismos de dobro pode armados, o partido revolucionário pode preparar a insurreição, levantando uma política militar \*proletária para dividir ao exército e destruir à casta de oficiais, desarmar a todas as polícias, e conquistar

o armamento do \*proletariado, isto é, pôr em pé as milícias obreiras armadas.

Propunha \*Trotsky: "A revolução \*proletária é uma revolução de massas formidável desorganizadas em seu conjunto. A cega pressão das massas desempenha no movimento um papel considerável. A vitória só se pode obter por meio de um partido comunista que tenha como objetivo preciso a tomada do poder e que, com cuidado minucioso, medite, forje, reúna os meios para atingir o objetivo que persegue e que, ao apoiar-se na insurreição das massas, realize seus desígnios". (Os problemas da insurreição e a guerra civil).

Para o marxismo, tal qual o propunha uma dos maiores \*estratégias militares do \*proletariado, o camarada \*Trotsky, "a fase suprema da revolução é a insurreição, a que decide o poder. A insurreição vai sempre precedida de um período de organização e preparação, com base numa campanha política determinada. Por regra geral o momento da insurreição é breve, mas é um momento decisivo no curso da revolução (...) O regulamento da guerra civil deverá compor-se pelo menos de três capítulos, a preparação da insurreição, a insurreição, e finalmente a consolidação da vitória". (\*idem)

E isto é assim, camaradas, porque a insurreição é um momento preciso, diferenciado, historicamente condicionado, da revolução. É a fase suprema, a que decide o poder.

Para isso é necessário que a luta de classes adquira uma particular \*virulência, entre numa fase de guerra "civil". Isto significa, para \*Trotsky, o momento em que a luta de classes rompe "os marcos da legalidade, chegue a situar-se no plano de um confronto público e, em certa medida físico, das forças em oposição". (L. \*Trotsky. Os problemas da insurreição e a guerra civil. 1924). Por isso, a fase de guerra civil, para \*Trotsky, abarca "as \*insurreições espontâneas determinadas por causas locais, as intervenções sanguíneas das \*hordas/ \*contra-revolucionárias, a greve geral revolucionária, a insurreição para a tomada do poder, e o período de liquidação das tentativas de levantamento \*contra-revolucionário" (L.

Trotsky, \*idem). Isto é, para \*Trotsky, a fase da guerra civil se estende desde o começo de uma situação revolucionária - e inclusive, \*pré-revolucionário- até depois da tomada do poder para defender a conquista do Estado Obreira e para estender a revolução mundial. Por isso adiciona, em seu trabalho "Doutrina militar e marxismo", que "todo isto entra no marco da noção de guerra civil, todo isto e tem mais amplo do que a insurreição, bem como infinitamente mais estreito do que a noção de luta

de classes, que se dá através de toda a história da humanidade".

Temos adiante nosso este trabalho, "Doutrina militar e marxismo", do maior \*estratégia militar do \*proletariado que concentrava a experiência das revoluções mais avançadas do que deu a classe obreira em sua história, e não encontramos nele a \*chapucería de \*Lora sobre a casta de oficiais, nem também não a confusão que vocês têm ao com respeito a causa de vossa insuficiente delimitação com o lorismo. Por exemplo, \*Trotsky afirma nesse texto, que o trabalho do partido, unicamente no momento da insurreição é decisivo para \*desagregar ao exército desde adentro. Só no período prévio imediato no que a preparação da insurreição está proposta como tarefa, o trabalho \*conspirativo ao interior do exército se transforma no 90% de seu labor militar: "No período de preparação revolucionária (...) forçosamente tropeçaremos com as forças (polícia, exército) da classe dominante. Nove décimas do trabalho militar do partido, consiste em \*desagregar ao exército inimigo, em \*deslocar desde adentro, e uma décima parte em reunir e preparar às forças revolucionárias". Depois propõe, referindo-se ao momento da insurreição que, definir o momento exato de sua realização, inclusive a data, é clave para o triunfo da insurreição como arte.

É unicamente depois de passado este momento decisivo da revolução que é a insurreição, e uma vez que esta triunfou que para defender e assegurar essa vitória, e se as condições assim o requerem, pode ser necessário pôr em pé um exército profissional.

Todos estes conceitos que muito \*sinteticamente propusemos, são os que lhe permitem ao partido revolucionário insurrecionalista poder localizar-se nas \*cambiantes/ situações da luta de classes e ajustar seu programa de ação em cada momento. Estes conceitos foram elaborados pelo marxismo revolucionário extraindo lições das revoluções e em polemica contra as correntes \*revisionistas e reformistas. Precisamente, camaradas, essa foi a discussão e a luta de \*Marx e \*Engels contra \*Blanqui na \*Comuna/ de Paris. A diferença não radicava na necessidade da insurreição como arte, isto é, a preparação consciente, como plano, da mesma. A diferença radicava em que \*Blanqui propunha que, para fazer-se de poder, era suficiente com "um grupo de homens decididos" e com a luta de barricadas. \*Marx e \*Engels, contra \*Blanqui, sustentavam que a minoria ativa do \*proletariado, por melhor organizada do que estivesse, não podia fazer-se do poder se não estava apoiada no auge revolucionário da classe mais avançada, isto é, da classe obreira. Na revolução russa de 1905, os eixos do pro-

grama de Lenine e dos bolcheviques para preparar a insurreição -isto é, para que a revolução que tinha começado triunfasse- passavam pelo \*derrocamento do \*zarismo, a destruição do exército \*zarista e seu substituo pelo armamento do povo, sob a consigna da Revolução Francesa, "Um homem, uma espingarda", e a imposição da república mediante uma \*Assembléia Constituinte e de um governo provisório revolucionário. Para isso, as tarefas da vanguarda \*proletária revolucionária eram pôr em pé os "\*destacamentos do exército revolucionário" -isto é, as milícias obreiras-, e a luta pela tropas, achatando à casta de oficiais. Propunha assim Lenine nos ensinamentos "da insurreição de Moscou": " ... se a revolução não adquire um caráter de massas e não influi nas tropas, não pode falar-se de uma luta séria. De seu se compreende a necessidade de um trabalho entre as tropas. Mas não devemos figurar-nos que se passarão a nosso lado inesperadamente, como resultado do labor de persuasão ou de suas próprias convicções. (...) ... a vacilação das tropas, fenômeno inevitável em todo movimento autenticamente popular, conduz, ao agudizar-se a luta revolucionária, a uma verdadeira luta pelas tropas. (...) Dedicamo-nos e nos dedicaremos com maior tenacidade à tarefa de conquistar \*ideologicamente às tropas; mas não passaríamos de ser uns lamentáveis \*pedantes, se esquecêssemos que num período de insurreição se precisa também livrar uma luta física por atrair às tropas. (...) Não devemos pregar a passividade nem a simples espera do momento em que as tropas "se passem" de nosso lado.

¡Não! Devemos proclamar aos quatro ventos a necessidade de uma ofensiva audaz e de um ataque armado, a necessidade de exterminar em tais momentos a quem estão ao comando do inimigo (isto é, à oficialidade, N. de R) e de livrar a luta mais enérgica pelas tropas \*vacilantes". (\*negritas nossas)

A experiência da revolução russa de fevereiro de 1917 -à que nos referimos antes, também nesta carta-, e depois da insurreição \*triumfante de Outubro, foram claves também na elaboração do manual da insurreição e da guerra civil do marxismo revolucionário.

Não podemos -nem é nossa intenção aqui- estender-nos sobre a experiência das diferentes revoluções do século XX. O que sim queremos afirmar é que toda a experiência das revoluções mostra que a política militar do \*proletariado no caminho da preparação da insurreição, tem como eixos essenciais que não se detenha o \*embate revolucionário das massas, que estas ponham em pé seus \*soviets e suas milícias obreiras armadas, dissolvendo e desarmando à polícia, e que levem adiante uma luta física pelas tropas -isto é, por ganhar-se à base do e-

xército-, chamando aos soldados a \*insubordinasse, e a destruir a seus comandos, isto é, à casta de oficiais.

Todo o desenvolvimento das revoluções do século XX e do que vai do século XXI -entre as que o outubro \*triumfante da revolução russa foi a exceção, e não a norma, pela traição da \*socialdemocracia/ e o \*stalinismo às revoluções do século XX-, além do destino \*ulterior que sofreram essas revoluções mostraram o certo instinto das massas de transformar a luta política em luta física, atacando as delegacias, desarmando e dissolvendo à polícia, pondo em pé suas milícias obreiras, desde ali a golpear e por dividir ao exército, etc., como o vissemos nas revoluções alemãs de 1919-21 e 1923-24; na revolução espanhola nos '30, na revolução boliviana de 1952, na revolução portuguesa de 1974, etc., por pôr tão só alguns exemplos. Camaradas, todos estes conceitos de insurreição como arte, guerra civil, a luta pela destruição da casta de oficiais e posta em pé de comitês de soldados armados, o combate por I. dissolução e desarmamento da polícia e organização das milícias obreiras; a luta física por atrair-se à base do exército, a necessária destruição do comando do inimigo, etc., que muito \*sinteticamente tratamos de expressar aqui, são questões que se encontram nas obras e textos de \*Marx, de \*Engels, de Lenine, de \*Trotsky, isto é, do marxismo revolucionário dos séculos XIX e XX. E não só isso, senão que passaram pela prova mesma da luta revolucionária da classe obreira mundial durante mais de um século e meio, e demonstraram sua total correção e vigência.

Agora bem, em nenhum destes textos pudemos encontrar nem a mais mínima alusão a do que a luta deve ser pela "sindicalização da polícia", nem menos do que menos apelos aos quadros "" (oficiais) da polícia a passar-se "do lado do povo", tal como propôs o POR de Argentina frente às marchas racionarias chamadas por \*Blumberg. Também não encontramos nenhuma alusão a supostas "particularidades nacionais" de tal ou qual país que façam possível que possa ganhar-se à revolução a uma parte da casta de oficiais das Forças Armadas, como sustentou e segue sustentando hoje o \*lorismo. Camaradas, vocês têm todo o direito a sustentar essas posições. Têm todo o direito inclusive a revisar as posições de nossos maestros se consideram que estavam equivocadas.

O que não é correto é que apresentem essas posições como continuidade do programa do leninismo e o \*trotskismo. Cremos que vocês deveriam dizer com clareza que estão revisando as posições clássicas do marxismo revolucionário; deveriam dizer abertamente que é o que estão revisando e por que, onde crêem vocês que está o engano de nossos maestros, ou bem





quais são os novos fenômenos ou as novas condições que eles não atingiram a viver que \*ameritan uma mudança tão fundamental do programa revolucionário frente à polícia e as forças armadas, da política militar do \*proletariado. Cremos, camaradas, que essa é vossa obrigação.

## **Secretariado Internacional da Fração Trotskista Internacionalista (Quarta Internacional)**

### **Posicionamento do POM sobre algumas polémicas**

À Fração Trotskista Internacionalista (Quarta Internacional); Ao POR Argentino; Ao Grupo Comunista Operário (Nova Zelândia); À Fração Trotskista Brasil; À todos os Grupos e Organizações que convocam ou estão acompanhando os debates que cercam as discussões em prol da Conferência Internacional das Organizações Trotskistas principistas e Organizações Revolucionárias Internacionalistas.

Em primeiro lugar, saudamos a todos pela batalha em prol da organização internacional dos revolucionários. Aqui em Brasil, estamos dando o combate dentro de nossas parcas forças. Estamos trabalhando para a realização da pré-conferência para os dias 10 e 11 de julho de 2004 e desde já afirmamos que ficaríamos contentes se fosse possível a participação de todos. Ainda, que nos fosse confirmado as presenças dos camaradas com pelo menos uma semana de antecedência e que fosse relatado o número de pessoas, se tem alguma forma de alojamento(própria) ou se caberá a nós tal providência. Desde já nos comprometemos e nos responsabilizamos pela acolhida de todos os Camaradas e Camaradas, é claro, dentro de condições proletárias.

Imprimimos a convocatória e estamos realizando contatos com as organizações brasileiras. Em plenária do Comitê Nacional de Discussão Teórica e de Luta Direta, se aprovou a participação bem como o trabalho de convocação da pré-conferência – **ver resoluções deste organismo em anexo.**

### **Algumas considerações sobre os documentos políticos desta fase da convocação da Conferência Internacional**

Para começar, parece-nos que devemos adotar o seguinte espírito, se é que existe, em rela-

ção às polémicas: abaixar as armas para usá-las contra a burguesia mundial imperialista decadente e sanguinária.

Nos debates certamente cometeremos muitos erros teóricos, que valem também para vários momentos de nossa prática. Mas, à luz da crítica e com a compreensão do erro, chegar-se-á à consequente autocrítica.

Parece-nos que a discussão sobre a situação política vivida em Argentina em dezembro de 2001, bem como a política que se propõe para o Iraque, demarcam os problemas que temos que resolver além dos já mencionados referentes à integração, inclusive de vários grupos que se dizem trotskistas à torrente democratizante e política eleitoral (democrática), próprias de organizações pequeno-burguesas.

A caracterização de situação (pré-revolucionária ou revolucionária) do período não arma bem como não armou a vanguarda para as tarefas colocadas e a chamada para a tomada do poder pela 3ª assembléia de desocupados e piqueteiros não poderia traduzir os anseios dos oprimidos argentinos.

Assim como hoje no Iraque não está dada a situação revolucionária que justifique a política de “armas e brigadas armadas para Iraque”.

Não caracterizar o momento político internacional em que vivemos como bem caracteriza o programa de Transição de situação pré-revolucionária, apesar dos anos que nos separa do mesmo é, no mínimo, desvio político.

Os momentos que os oprimidos são chamados como em Argentina e no Iraque a uma situação próxima do duplo poder sem a presença do fator subjetivo da revolução, não eleva, por mais que seja massivo, espetacular e destronador, este movimento para uma situação revolucionária ou pré-revolucionária.

E para não ficarmos no proselitismo de como caracterizar uma situação revolucionária, devemos explicar e ter claro as particularidades desta e então vejamos: a situação pré-revolucionária se caracteriza pela crise de superprodução capitalista, sem solução nos marcos do capitalismo e no entanto, não existe a organização independente do proletariado internacional, não se tem o partido revolucionário como programa que expressam as tarefas e objetivos históricos do proletariado inter-



nacional. Estes objetivos não se encontram enraizados na vanguarda da classe e menos ainda, de forma embrionária, entre as massas. Somente o fator objetivo está presente, crise econômica e o instintivo comunista e revolucionário do proletariado moderno. Quando chamado nestas condições para uma situação de levante, a caracterização desta situação -- se quisermos chamá-la de situação revolucionária --, terá que ser a seguinte: situação revolucionária, porém sem a presença do fator subjetivo da revolução ou ainda, poderíamos caracterizar esta situação de interme

diária, isto é, entre uma situação revolucionária com a presença do fator subjetivo e uma situação pré-revolucionária como das épocas de calmaria.

*Porquê esta precisa caracterização impede nosso correto trabalho presente e nosso futuro?*

O programa de transição resolverá mais uma vez esta questão. *A tarefa estratégica do próximo período – pré-revolucionário de agitação, propaganda e organização – consiste em superar a contradição entre a maturidade das condições objetivas da revolução e a imaturidade do proletariado e de sua vanguarda (confusão e desencorajamento da velha geração, falta de experiência da nova). É necessário ajudar as massas, no processo de suas lutas cotidianas a encontrar a ponte entre suas reivindicações atuais e o programa da revolução socialista. Esta ponte deve consistir em um sistema de REIVINDICAÇÕES TRANSITÓRIAS que parta das atuais condições e consciências de largas camadas da classe operária e conduza, invariavelmente, a uma só e mesma conclusão: a conquista do poder pelo proletariado.*

Camaradas! É triste, mas depois de tantos anos de luta, estamos no mesmo ponto de partida de Trotsky em 1938 com alguns agravantes: a confusão na vanguarda aumentou, a traição da social democracia e do stalinismo avançou em um grau maior, estão em socorro do imperialismo para manter o poder do estado burguês (mesmo na barbárie capitalista), além do aumento dos mecanismos de fascitização do estado e da sociedade. Por um lado, os acontecimentos históricos do período posterior a 1938 até nossos dias colocaram a burguesia mundial em uma situação de superioridade ideológica e de controle ainda maior da situação, de outro lado, dezenas e dezenas de organizações revolucionárias sem coesão teórica e sem penetra-

ção nas massas.

Desvios políticos são constantes – e confundir aspectos da Frente Única Antiimperialista dos quatro primeiros Congressos da Terceira Internacional com os problemas da submissão da política revolucionária do proletariado ao partido burguês nacionalista é um exemplo das muitas distorções existentes nas organizações revolucionárias, ou ainda, caracterizar o estado chinês como estado operário *degenerado* é outro aberrante erro político.

A tarefa que está colocada para o momento político mundial é, em primeiro lugar, a necessidade apontada pela Conferência de 1 e 2 de maio em Argentina de construção do Partido mundial da revolução e como parte deste, as seções nacionais, como propõe a FTI-CI. Aproximar o fator subjetivo da revolução com a fase pré-revolucionária e de barbarização da sociedade em que vivemos. Resolver a questão concreta dos trotskistas de penetração nas massas.

Mas, ante a situação em que nos encontramos de polêmicas e mais polêmicas, rachas e mais rachas, devemos apontar os rumos da Conferência para 4 encaminhamentos essenciais: 1º - Abrimos bem esta Conferência, até mesmo sem a pureza que possamos defender; 2º - Priorizarmos o debate político e a junção de grupos e lutadores; 3º - Constituímos um organismo para continuidade das discussões políticas e teóricas e para propiciar ações internacionalistas comuns; 4º - Com os grupos de aproximações políticas programáticas, constituir um embrião de organização 4.º Internacionalista.

Resumo: Assegurar o debate político e teórico visando a homogeneização de posições políticas para potenciar a construção do partido mundial da revolução socialista (Quarta Internacionalista Principista) e propiciar ações internacionais unificadas.

Camaradas da FTI-CI – A situação política mundial está longe de ser indefinida. A vitória do imperialismo em Iraque só não será mais catastrófica se nenhum militante internacionalista seguir vossa orientação política de se constituir em brigadas armadas para o combate em Iraque.

São Paulo, 12 de junho de 2004.

POM

## As Frações e a Quarta Internacional – Leon Trotsky

O trabalho de construção da Quarta Internacional já se desenvolve sobre bases significante mais amplas do que as da construção da Fração Bolchevique-Leninista. Grupos das mais diversas origens começam a bater às portas da Quarta Internacional, sob o impulso da decadência do reformismo e do stalinismo, o período de guerra iminente e a intensificação da luta de classes.

Não nos cabe a menor dúvida de que a Quarta Internacional não permitirá que ninguém tome superficialmente nossos princípios ou nossa disciplina. Mas não podemos decretar a priori qual será o conteúdo desta disciplina: temos que forja-la na luta coletiva. Devemos nos guiar pelas experiências meditadas com cuidado e examinadas criticamente – da abrumadora maioria dos participantes. Neste marco, deve considerar-se que a adesão do grupo (belga) Espartaco à Quarta Internacional é um fato positivo. Apresenta-se a este grupo uma oportunidade para evitar as armadilhas do sectarismo. Por sua vez, isto nos permite ganhar novamente operários abnegados e não corrompidos.

Agora, que se esta formando uma nova internacional, a questão das frações no partido revolucionário adquire enorme importância. Mas esta é justamente a questão que provocou tantos problemas e desmoralização na Terceira Internacional em seus anos de maior prestígio.

A Terceira Internacional proibiu as frações alegando que esta proibição coincide com a tradição bolchevique. É difícil imaginar pior calúnia à história bolchevique. É certo que o décimo Congresso do Partido, em março de 1921, proibiu as frações por resolução especial. O próprio fato de que fosse necessário aprovar semelhante resolução demonstra que em todo o período anterior – vale dizer, os dezessete anos em que o bolchevismo surgiu, cresceu, se fortaleceu e conquistou o poder – as frações formavam parte legítima da vida partidária, o que se refletia na prática.

No Congresso partidário de Estocolmo (1906), onde se reuniram as frações bolcheviques e menchevique, os bolcheviques estavam divididos em duas frações, que desenvolveram uma batalha franca dentro do próprio Congresso em torno de uma questão de grande importância: o programa agrário. A maioria dos bolcheviques, dirigida por Lênin, havia se pronunciado pela nacionalização da terra. Stalin, que falou no Congresso sob o nome de Ivanovich, pertencia a um pequeno grupo de auto-intitulados “particionistas”, que defendiam a imediata distribuição da terra aos pequenos proprietários. Dessa maneira, limitavam a revolução de antemão à perspectiva camponesa-capitalista.

Em 1907, travou-se uma grande luta fracional em torno do boicote à Terceira Duma (parlamento). Posteriormente, os partidários do boicote se alinharam em duas frações que nos anos seguintes combateram sem piedade a fração de Lênin, não somente dentro do partido “unificado”, mas também dentro da fração bolchevique. O bolchevismo intensificou a luta contra o liquidacionismo, o que mais adiante redundou na formação de uma fração conciliadora em seu seio, a qual pertenceram importantes militantes bolcheviques da época: Rikof Dubrovinski, Stalin e outros. A luta contra os conciliadores prosseguiu até o início da guerra. Em agosto de 1914, iniciou-se um reagrupamento na fração bolchevique em torno à atitude em relação a guerra e à Se-

gunda Internacional. Ao mesmo tempo, formava-se uma fração de adversários da autoderterminação nacional (Bukarin, Piatakof e outros).

Todos já conhecem a aguda luta fracional que se travou dentro da fração bolchevique no primeiro período depois da revolução de fevereiro e nas vésperas da revolução de outubro (ver, por exemplo, “História da Revolução Russa” de Leon Trotsky).

Depois da tomada do poder, ocorreu uma grande luta fracional em torno da Paz de Brest-Listovsk. Formou-se uma fração de comunistas de esquerda, que publicava sua própria imprensa (Bukarin, Iaroslavski e outros). Posteriormente, apareceram as frações Centralismo Democrático e Oposição Operária. Somente no Décimo Congresso do Partido, reunido em meio do bloqueio e da fome externa, do descontentamento crescente dos camponeses e das primeiras etapas da NEP – que haviam dado rédea solta às tendências pequenas-burguesas – se estudou a possibilidade de recorrer a uma medida tão excepcional como a proibição de frações. Pode-se considerar que essa resolução do Décimo Congresso obedeceu a uma necessidade grave. Porém, os acontecimentos posteriores deixam absolutamente claro que a proibição das frações significou o fim do período heróico da história bolchevique e abriu caminho para sua degeneração burocrática.

A partir de 1923, os epígonos estenderam a proibição e a expressão da luta fracional no partido dominante na URSS às jovens seções da Terceira Internacional, condenando-as à degeneração antes que tivessem tempo de crescer e desenvolver-se.

Isto significa que o partido revolucionário pode ou deve representar uma somatória de frações? Para clarear melhor esta questão, tomaremos com exemplo o Partido Socialista Francês, cujos estatutos legalizam as frações e introduzem o princípio da representação proporcional em todas as eleições partidárias. Neste sentido, durante muito tempo, e não sem êxito, a seção francesa da Segunda Internacional apresentou-se como a expressão mais pura de “democracia partidária”. E formalmente è, ou melhor dito, era. Mas, assim como a democracia pura da sociedade burguesa encobre o domínio real do setor mais alto de proprietários, a democracia ideal da Segunda Internacional oculta o domínio de uma fração extra-oficial, mas poderosa: a dos oportunistas municipais e parlamentares. Esta fração, ao mesmo tempo em que se prende solidamente ao aparato, permite à ala esquerda pronunciar discursos de tom muito revolucionário. Mas, quando a autêntica fração marxista – para a qual a palavra e o fato caminham lado a lado – começa a denunciar a hipocrisia partidária, a fração do aparato implementa rapidamente a expulsão.

Dado que os bolcheviques não ingressaram ao partido reformista para adaptar-se ao mesmo, mas sim para combatê-lo, o choque com a fração dominante estava pré-determinado. O perigo de guerra iminente e o giro social-patriota da Terceira Internacional aceleraram o conflito e o investiram de excepcional gravidade desde seu começo. Se os social-patriotas expulsam os revolucionários e não vice-versa, é culpa integralmente da relação de forças sobre isto ninguém faz a menor ilusão. O entrismo no partido Socialista nos permitiu considerar algo, mas de nenhuma maneira tudo. Graças a ele, nossa seção francesa tem podido estender sua influência de maneira considerável. A luta entre o internacionalismo e o social-patriotismo ficou delineada com notável clareza. Com respeito aos balanços organizativos, todavia não tem chegado o momento de elaborá-los: a luta no Partido Socialista Francês está distante do fim.

Existem certos indivíduos sagazes (muitos deles se

opuseram anteriormente ao entrismo) que dizem: os bolcheviques-leninistas têm uma política demasiado temerária no Partido Socialista, por exemplo, quando chamam a formar a Quarta Internacional, etc... Não é raro encontrar essa visão errônea em política. O êxito é tão sedutor que um desejaria que pudesse desenvolver-se de forma ininterrupta. Em épocas como as atuais, é fácil perder de vista o fato de que no mundo possa existir um adversário com olhos e ouvidos. Somente um imbecil sem remédio pode acreditar que o chamado pela Quarta Internacional asseste a Blum e companhia. É totalmente absurdo! Foram o perigo de guerra iminente e a traição descarada da Terceira Internacional ao estabelecer enormemente ao social-patriotismo, ao menos durante o período próximo, os fatores que obrigaram a Leon Blum e companhia a lançarem-se à ofensiva. Acreditar que tal ou qual expressão “carente de tato” – inevitáveis ao calor da luta – poderia desempenhar um papel importante na expulsão, significa uma atitude excessivamente superficial e irresponsável na avaliação do inimigo.

Se a camarilha dirigente, desafiando o mito tradicional da democracia, deliberou pela expulsão, deve ter obedecido a razões graves e apressadas. Não é difícil encontrar uma desculpa: Blum, e não somente Mussolini, sempre possuem um Wal-Wal para casos de emergência. Não basta estudar as últimas experiências do Partido Socialista Francês para comprovar, com precisão, porque o partido não pode ser mero somatória das frações. Um partido somente pode tolerar as frações que não perseguem objetivos diretamente contrapostos aos seus. Enquanto a esquerda tradicional do Partido Socialista Francês dedicou-se a perder tempo, foi tolerada. Mais ainda: foi encorajada. Blum sempre se referiu a esse revolucionário de segunda, Zyromsky, como “meu amigo”. Esse título, aplicado também a Frossard, significava: essa pessoa era necessária porque encobria a camarilha dominante, seja desde a esquerda ou desde a direita. Mas os leninistas – para os quais não existe contradição entre a palavra e o fato – eram algo que a democracia do partido social-patriota não podia tolerar.

O partido revolucionário apresenta um programa e táticas definidas. Isto impõe de antemão limites determinados e muito claros em relação à luta interna das tendências e agrupamentos. Depois da destruição da Segunda e Terceira Internacionais, esses alinhamentos assumem um caráter especialmente gráfico e determinado. O mero fato de pertencer à Quarta Internacional deve depender necessariamente do cumprimento de um conjunto de restrições que refletem todas as experiências dos anteriores movimentos da classe trabalhadora. Mas o fato de que as limitações à luta ideológica interna se estabeleçam a priori de nenhuma maneira nega a luta em si, dentro dos princípios gerais. É inevitável. Caso se mantenha dentro dos limites assinalados, é frutífera. Todavia, o conteúdo fundamental da vida partidária não reside na discussão, mas sim na luta. Se as discussões intermináveis alimentam mais discussões intermináveis, o único resultado é a decadência e a desintegração. Mas se a discussão está enraizada na luta coletiva, submetendo-a à crítica e preparando suas novas etapas, a discussão é um elemento indispensável para o desenvolvimento.

A discussão de problemas graves não se concebe sem a formação de agrupamentos. Mas em circunstância normais, estes se desenvolvem posteriormente no organismo partidário, sobretudo porque as novas experiências constituem a melhor prova nos casos em que existem diferenças políti-

cas. Quando os grupos se convertem em frações permanentes, este fato constitui um sintoma alarmante de que ou as tendências em luta são absolutamente irreconciliáveis, ou que o partido em seu conjunto se encontra em um ponto morto. Esta situação não se pode evitar simplesmente mediante a proibição de formar frações. Combater o sintoma não significa curar a enfermidade. Somente uma política correta e uma estrutura e métodos organizativos internos bons podem impedir que os agrupamentos temporários se transformem em frações ossificadas.

A saúde do regime depende em grande medida da Direção do Partido e de sua capacidade de escutar oportunamente a voz de seus críticos. Uma obstinada política de imposição de “prestígio” burocrático é altamente prejudicial para o desenvolvimento da organização proletária e assim mesmo para a autoridade da Direção. Mas não basta a boa vontade da Direção. O grupo de oposição também é responsável pelo caráter das relações intrapartidárias. Na luta fracional contra os reformistas, os revolucionários recorrem a medidas extremas, se bem que, por regra geral às lutas fracionais, as condutas dos reformistas são muito mais desapietadas e talhantes. Mas, neste caso, ambos os bandos se prestam a efetuar a ruptura sob condições mais vantajosas. Quem transfere tais métodos ao trabalho na organização revolucionária revele ou não imaturidade política e falta de responsabilidade, ou esse individualismo anarquista que, na maioria dos casos oculta-se sob princípios sectários; ou, finalmente, que são elementos estranhos à organização revolucionária.

Ao aumentar a maturidade da organização e a autoridade de sua Direção, cresce seu sentido da proporção na luta fracional. Quando Vereecken trata de criar a impressão de que os “sectários” o expulsam por sua lealdade aos princípios marxistas, só podemos desconsiderar. Se Vereecken tem a oportunidade de participar no trabalho pela construção da Quarta Internacional, deve agradecer tal oportunidade – sobretudo – à organização internacional da que se separou devido a impulsos de seu temperamento fortemente sectário.

Escrito em 1935.

Fonte: Escritos de Leon Trotsky (1929 – 1940) Bogotá: Editorial Pluma, 1079. Tomo VII, volume 1. pp. 276-284.

## Reforma Sindical

As reformas do Governo Lula vão mais afundo que as reformas de FHC, pois aproveita a autoridade conseguida na eleição, bem como a influência no movimento sindical e popular para impor reformas exigidas pela grande burguesia mundial (Imperialismo e FMI).

Essas reformas têm sido aplicada em todo o mundo capitalista, faz parte da adequação do sistema capitalista a sua crise estrutural (crise de superprodução que faz com que o grande capital tenha necessidade de remunerar-lo ainda mais).

A crise de superprodução significa que a propriedade privada dos meios de produção e a ganância dos capitalistas que é natural do sistema, fazem com que, concentrem capital em poucas mãos e pobreza na esmagadora maioria da população do planeta, aumentando a miséria, violência e todo tipo de descontrole entre as massas. Este fenômeno do capitalismo juntamente com o desenvolvimento tecnológico dos meios de produção (máquinas e ferramentas) gera uma grande crise econômica que se expressa na estreiteza dos mercados, ou seja: As máquinas modernas produzem e esta preparada para produzir mercadorias para abastecer as necessidades de todos os seres vivos do planeta. Só que com a pobreza da esmagadora maioria (desemprego, baixos salários, subemprego etc.) mesmo tendo necessidade absoluta de gêneros de primeira necessidade e estando armazenados nas mãos dos capitalistas, a grande maioria da população não pode adquiri-los. Então se instala a crise de superprodução. Podemos dizer que esta situação equivale a barbárie. Muita mercadoria e quase nenhuma capacidade de compra-las. Dentro da conjuntura mundial, por causa desta, a burguesia mundial tem necessidade de remunerar o capital (aumentar a taxa de exploração) e partir em uma guerra comercial em busca de novos e ampliação dos mercados. Assim a grande burguesia mundial impõe a ideologia da globalização, as políticas neoliberais e como parte destas as reformas imperialistas.

A política neoliberal e as reformas imperialistas:

Todo desafio do imperialismo é garantir e saciar a sede de lucro da burguesia, manter as instituições estatais funcionando e uma certa "ordem Social", em outras palavras: Conviver com a agudeza da crise de superprodução e com a barbárie capitalista.

A reformas Sindical e Trabalhista do PT e da CUT seguem ordenamento da burguesia decadente, são mais uma exigência do FMI (da grande burguesia mundial) de precarização e barbarização das relações de trabalho e de aumento da fascistização do estado eliminando assim direitos históricos dos trabalhadores conquistado com centenas de anos de lutas e muito sangue derramado.

A Reforma Sindical do governo Lula com o apoio majoritário da CUT e da Força Sindical já foi aprovada no Fórum Nacional do Trabalho (FNT), composto pelas Centrais Sindicais, Patronato e Governo e esta em total acordo com os objetivos acima citados e já faz parte da segunda reforma que virá após as eleições de eliminar totalmente as garantias trabalhistas da CLT. Acabará com direitos como o 13º salário, a licença maternidade, a multa de 40% do FGTS e concretiza uma antiga reivindicação do governo FHC e Força Sindical de Flexibilização das leis trabalhistas ou seja: colocar as negociações das cúpulas sindicais por cima das leis trabalhistas. A Reforma Sindical vai concentrar poder na cúpula das Centrais Sindicais para retirar direitos na Reforma Trabalhista e ao contrário do que apregoa os dirigentes do PT não é moralizadora, pois acaba com o imposto Sindical que representa em média 3,3% do rendimento do trabalhador e cria a taxa negocial que pode chegar até a 15% do rendimento do trabalhador..

Da essência da proposta:

Atrai o movimento sindical brasileiro de uma forma mais integralista ao Estado, através do Conselho Nacional de Relações do Trabalho, que é composto por:

- 5 membros efetivos mais 5 suplentes das Centrais Sindicais;
- 5 membros efetivos mais 5 suplentes dos empregadores (patrões); e
- 5 membros do Governo.

Como parte do Conselho Nacional de Relações do Trabalho funcionarão duas câmaras bipartites.

Estes Organismos terão força de Legislar, resolver conflitos trabalhistas, cassar Sindicatos, regulamentar os novos, etc.

Os objetivos da nova Legislação, segundo o Governo e a Direção Majoritária da CUT, são:

Fortalecer a organização sindical em todos os seus níveis e âmbitos.

Fortalecer as centrais sindicais e as confederações de empregadores como entidades nacionais e órgãos de direção da estrutura sindical de trabalhadores e de empregadores, respectivamente.

Permitir que as Centrais Sindicais e as Confederações de Empregadores possam construir suas estruturas organizativas

Inibir a proliferação e a pluralidade sem ferir a liberdade sindical (com base em critérios de representatividade estabelecidos em lei).

Das premissas:

- A promoção e a sustentação do diálogo social são instrumentos fundamentais para o futuro virtuoso das relações de trabalho no Brasil;
- O diálogo social somente se fortalece mediante a consolidação de organizações sindicais fortes e representativas;
- O sistema sindical deve se referenciar na representatividade comprovada ou derivada das entidades, de acordo com critérios objetivamente estabelecidos;
- As Centrais Sindicais devem ser reconhecidas, na estrutura sindical, mediante o estabelecimento e a aprovação de critérios de representatividade; e
- É atribuição das entidades sindicais de trabalhadores e de empregadores celebrar instrumentos normativos de trabalho em seus respectivos níveis e âmbitos de representação.

Da Organização Sindical:

- As organizações sindicais de trabalhadores serão constituídas com base em critérios de enquadramento por setor econômico e ramo de atividade econômica, propostos pelo Conselho Nacional de Relações do Trabalho e aprovados por ato do Poder Executivo;
- As entidades sindicais de trabalhadores serão constituídas como instituições de âmbito nacional (Central Sindical e Confederação por setor econômico), estadual (Federações por ramo de atividade econômica) e municipal (Sindicatos por ramo de atividade econômica);
- Os critérios definidos no item anterior (Confederações, Federações e Sindicatos), correspondem à base mínima de representação, cabendo a cada Central Sindical definir a organização do seu sistema, podendo existir Federações nacionais e interestaduais, e Sindicatos nacionais, interestaduais, estaduais, intermunicipais por ramo de atividade econômica;
- A criação de Federações Nacionais por ramo de atividade econômica é prerrogativa das Confederações reconhecidas e se constituirão como parte da estrutura organizativa dessas Confederações;
- As centrais sindicais, confederações e federações poderão criar ou transformar os sindicatos em municipais, regionais, estaduais ou nacionais;
- Quanto aos sindicatos, eles podem ser por representação comprovada desde que consigam na base 20% de associados, no mínimo, ou emprestar esta

- representação de uma Central, Federação ou Confederação obtendo a representação derivada;
- Os Sindicatos de representação comprovada poderá adotar o Sindicato na base com exclusividade, caso isto aconteça, a formulação do Estatuto caberá ao Conselho Nacional de Relações do Trabalho. Já aos Sindicatos sem exclusividade da base caberá às Assembléias da base a definição dos estatutos; e
- Acaba com o imposto Sindical de forma gradual e institui cobrança do assistencial de 1% do rendimento do ano anterior do trabalhador nas convenções coletivas anuais e autoriza quantas convenções coletivas normativas cada sindicato, central, confederação ou federação quiser realizar durante o ano, todas com a autorização mediante Assembléias da base do desconto a título de assistencial de 1% da renda auferida pelo trabalhador no ano anterior.

### **Da Negociação Coletiva**

- Obrigatoriedade da Negociação Coletiva anual e normativa a qualquer momento reconhecida com força de Lei.
- Cria a figura da prática Anti-sindical que a recusa de negociação ou a critério do Conselho Nacional de Relações de Trabalho poderá inclusive cassar o Sindicato.

E quanto ao direito de GREVE?

Assegura-se o direito de greve na forma do artigo 9º da Constituição Federal. Os artigos de regulamentação da greve entram em contradição com o direito de greve e acaba definindo a greve instintiva como na maioria das vezes ocorre como caso de polícia e prática anti-sindical.

Podemos sintetizar a proposta da Reforma Sindical com as seguintes afirmações:

- Burocratiza ainda mais a estrutura sindical Brasileira com o reconhecimento oficial na estrutura sindical das centrais sindicais e com a transformação dos Sindicatos por categorias em Sindicatos por ramos de atividade econômica e na possibilidade de transformá-los em escala Estadual e Federal;
- Reforça o poder do estado sobre os sindicatos com os super poderes do Conselho Nacional de Relações de Trabalho;
- Praticamente torna a liberdade sindical em caso de polícia;
- Acaba com o imposto sindical, mas cria mecanismo de saque dos salários dos trabalhadores que triplicará a arrecadação do imposto através da cobrança do assistencial das convenções normativas que após a reforma da CLT, penalizará os traba-

lhadores duplamente que além da retirada dos direitos têm que pagar assistencial pelo feito dos burocratas;

-Prepara as bases para a reforma da CLT (Legislação Trabalhista), adequando as Convenções -Trabalhistas não somente a anual que chamamos de data-base e campanha salarial, mas quantas forem preciso durante o ano (normativas) com força de Lei, fazendo valer uma velha reivindicação do governo FHC e Força Sindical de flexibilização da Lei Trabalhista e em seu lugar colocar a “livre Negociação entre empregados e patrões”.

É hora da unificação dos lutadores, Trabalhadores, Organizações operárias e populares, com uma só bandeira: abaixo a Reforma Sindical Fascista de maior atrelamento dos Sindicatos ao Estado e cerceamento de qualquer possibilidade de independência sindical! Que os Sindicatos sejam livres a cargo dos próprios trabalhadores!

No último dia 16 de junho os Trabalhadores realizaram uma primeira manifestação contra estas reformas imperialista. Por volta de 15 mil pessoas participaram do Ato seguido de passeata no centro de Brasília.

O Movimento para ser vitorioso deve caminhar para, mesmo que parcial parar os meios de produção (greve Geral com piquetes nas ruas e porta de empresas).

Nesta primeira luta temos que denunciar o papel nefasto do tal de novo Partido—P-Sol, apesar de ser formado por diversas correntes de intervenção no Movimento Sindical, boicotaram o movimento com alegações várias.— Que o movimento era dirigido pelo PSTU, que era da direita que defende a Unicidade Sindical etc. Na verdade este P-Sol já disse para que veio! Exatamente para cumprir o papel que cumpre todo partido burguês ou pequeno burguês.—De travar e impedir o movimento de massa.

Qual Movimento vocês irão Organizar contra as Reformas imperialistas? Irão romper com a política do PT ou so com o aparelho Petista?

O Movimento Sindical e dos Trabalhadores sempre terá esta ou aquela corrente disputando ou mesmo em maioria na Direção. O Movimento de massa é uma frente e temos que dirigi-lo pela Democracia Operária. Vocês estão dispostos a exercita-la? Ou é só no parlamento?

Nada poderá obstacularizar na luta contra estas reformas imperialistas e fascistas.

Abaixo as reformas imperialista do PT e da CUT.

## **Deliberações da Plenária do Comitê Nacional de Luta Direta**

Sobre as Reformas:

- Produzir material do Comitê – explicando, denunciando e de posição política
- Participar do CONLUTAS e CELUTAS
- Defender a greve geral para se contrapor as reformas
- Participar da ida para Brasília em 16/06/2004
- Organizar debates sobre as eleições e as reformas
- Organizar periodicamente – Seminários- cursos de formação política
- Participar e trabalhar em prol da Pré-Conferencia Internacional
- participar do acampamento contra o desemprego a partir de 14 de julho de 2004.

1.º Seminário de formação política nos dias 19 e 20 de junho de 2004 no Galpão OESTE das 9:00 às 17:00 horas, com a pauta: Pré e Conferencia Internacional. Materiais de biografia – Conjuntura e reformas; Internacionalismo (Resoluções da Conferência); os 4 primeiros congressos da 3.º Internacional Comunista; Revolução Permanente de Trotsky; Revolução Chinesa; Estados Operários degenerados.

Plenária aberta do comitê Nacional amplamente convocada nos materiais que produziremos, inclusive no jornal contra as reformas - Dia 21 de agosto de 2004 às 14:00 horas na Rua Marquês de Itu, 298, Praça da República.

Adequações da Carta de Principio, inclusi-

ve com mudança do nome do Comitê para Comitê de Discussão Teórica e de Luta Direta.

Agendamento das reuniões da Coordenação.

São Paulo, 06 de junho de 2004.





